



RESISTENCIA

DIRECTOR E EDITOR
Dr. Falcão Ribeiro

Bi-semanario do Partido Republicano Português no Distrito de Coimbra

ADMINISTRADOR
J. A. Gomes

ASSINATURA: 65 centavos per trimestre. Para o estrangeiro acresce o porte de franquia.

Propriedade da Empresa

Redacção e administração: R. Fernandes Tomás, 87

ANUNCIOS — Preços convencionais. Não se restituem originaes

Publica-se ás quintas-feiras e domingos

Composto e impresso na Tip. Popular, Rua da Moeda, 12-14
COIMBRA

“Resistencia,,

Nos tempos que atravessamos, em que o papel encarece, fazer reaparecer um jornal onde ha tantos, poderá parecer um acto censuravel; mas as proprias circunstancias dificeis em que ele se produz revelam que ele não é tão banal e insensato como á primeira vista póde afi-gurar-se e como quem escreve estas linhas presistiu por muito tempo em o considerar.

E' que no reaparecimento da *Resistencia*, que durante tantos anos foi o baluarte dos mais arduos combates contra a real-za e contra a reacção, a sentinela vigilante das liberdades populares, põe um grupo de devo-tados republicanos a esperança de uma nova era de propaganda intensa em prol da ortodoxia dos principios democraticos e dos verdadeiros interesses da Patria; é que, evocando nela esse tempo, ora de fé ardente ora de angustiosa incerteza, os que de longe veem sentem-se re-viver para o prestigio do gloriosa cruzada do renascimento patrio, e os que chegam de novo, porventura encontrarão a scentelha do fogo sagrado, que os liberte da estagnação que vem asfixiando as ultimas camadas da sociedade portuguesa.

Resistencia! Que de recordações não evocam os echos deste nome! Que combates, que sacrificios, que lições!

E' porisso que ele tem o con-dão de remocar as energias adormecidas! E' porisso que ele, como numa toada de lenda heroica, acorda mais belo, animoso e crente o coração da mocidade para as luctas da liberdade e do progresso!

Poderá opor-se que a monar-quia já não existe; que o clericalismo foi tolhido nos seus vãos audaciosos; que os anti-gos paladinos dispersaram; que, enfim, só um nome resta! Em-bora!

Em politica é preciso que a uma fase destructiva se siga uma fase constructiva; é preciso que nesta haja força para evitar as revivencias nefastas do pas-sado e para delinhar e dar reali-dade á sequencia lógica do fu-turo.

Mas, para que isto assim se-ja, para que a teoria, o sonho, que guiaram e impulsionaram a sociedade para um estado que se nos afigura mais perfeito e mais feliz, não liquidem em an-cedadas espectativas, é preciso empenhar as novas gerações no proseguimento da obra começa-da; acender-lhes no coração a mesma fé ardente, incutir-lhes no espirito as mesmas ideias e as mesmas aspirações que de-ram advento á Republica. Mais ainda: é preciso que em cada

cerebro de rapaz, latejante de mocidade e de vigor, iluminado á *giorno*, antes de amolgado de velhas convenções, possa ger-minar impoluta a ideia nova, original, que ha-de fecundar e constituir o progresso de áma-nhã.

Pois bem. Quando por vezes ouvi falar em fazer mais um jornal no nosso meio, apenas para cooperar na propaganda demo-crática, eu só vi inconvenientes na realização dessa ideia.

Quando porem um grupo de dedicados correligionarios, procura-ram a minha humilde coope-ração para fazer resurgir a *Resistencia* eu não pude recusar-lha. Alguns, mais novos talvez do que a propria *Resistencia*, fa-lavam dela como se desde o primeiro numero a tivessem lido. Havia sido sempre este jornal o baluarte em que lidara a mocidade republicana; continuaria a se-lo agora sob os auspicios do nobre e valoroso partido demo-cratico, e a ser a garantia da Re-publica e da liberdade em Portu-gal. Obstaculos não os divi-savam; a sua boa vontade, o seu sincero entusiasmo, a sua dedi-cação e o seu amor á Republica haviam de triunfar. Queriam pois reatar a gloriosa tradição. Ela devera sempre a sua mais ardente e dedicada colaboração á mocidade e assim havia de ser agora.

Seria um crime arrefecer aque-le generoso entusiasmo. Estava ali a prova bem patente de que de uma grande obra, de um ale-vantado esforço, mais que o nome, sempre alguma coisa resta.

E eu não sei como não entrei a pedir-lhes que não parassem... Pois então ainda havia gente moça para pensar em coisas sé-rias? A alma da academia, ali bem representada, que ha vinte anos dava sempre a nota mais vibrante em todos os grandes movimentos nacionais, não mor-tera ainda na contemplação dos poentes gelados, das paisagens fisicas e de outras execraveis descobertas de uma litteratec-pia e doentia?

Resurgisse pois a *Resisten-cia!*

Porque um jornal feito de en-comenda para ser *orgão* ou *ra-becão* de qualquer grupo não faria sentido; mas a *Resistencia*, feita por gente nova e para a te nova do grande partido de-mocratico; rude mas leal nos processos de combate, idialista e crente em politica, nacional na sua acção educativa, mercê do meio coimbrão; seria alguma coisa de insubstituivel no nosso paiz, na cidade que dele tem sido ha séculos o coração e o cerebro: — seria bem a *Resistencia*.

E não pararam... E tanto

não pararam que, passados dias, vieram pedir-me para... ser eu o director!

Refeito do choque da inesper-ada e macabro proposta, que convenceu-os do erro da escol-ha. A dedicação e a boa vontade não suprem a competencia, não alongam o tempo. Não hou-ve lógica possivel. Impuzeram-se, ameaçaram-me!

Pois fizeram-na boa. Eu, tor-çado, aceitei, mas puz-lhes logo para ali a verdade nua e crua. Quando muito podia ajuda-los a enfileirar na orientação geral do partido; podia coordenar-lhes a acção local, no que tenho longa pratica e não levo nada, nem ninguém nunca me costum-a dar, sequer os agrade-ci-mentos. Um director em conta, pago pela propria consciencia.

Quanto ao jornal, feito por mim, não seria o que se preten-dia. Haviam, pois, de fazê-lo. Só assim ele seria bem a conti-nuação da obra das gerações que fizeram a Republica; só assim mereceria o prestigioso no-me. Aceitaram tambem e eu, em paga, prometi estragar-lhes a obra o menos possivel.

No proximo numero:

Pelo Municipio — Sobelidos para a solução do problema municipal.

Entrevista com o velho e conside-rado republicano Cassiano Ribeiro.

Presidente da Republica

Passou hoje na Estação Velha em direcção ao Porto onde vai assistir á comemoração do dia dedicado aos percussores da Republica, S. Ex.º o Senhor Presidente da Republica.

A saudar o illustre chefe do esta-do, acorreram á gare d'aquella esta-ção os elementos officiais e muitos milhares de pessoas que entusiastica e delirantemente aclamavam a Re-publica e os seus homens mais pres-tigiosos.

Acompanhavam Sua Ex.º o seu secretario, o chefe do governo, o Sr. ministro do fomento e outros parlamentares, os srs. governador civil, comisario de policia, general comandante da divisão e o seu aj-u-dante esperaram o sr. Dr. Bernardi-no Machado na Estação de Alfaro-lez, acompanhando-o depois até á Pampilhosa as autoridades civis e até Espinho, o comandante da divi-são.

A guarda d'honra era feita por uma força de infantaria de comando do Capitão Figueiredo acompanhada pela respectiva banda.

A policia era feita por uma força da guarda republicana e por outra de 40 guardas de policia civica com- mandada pelo chefe Louro.

Dirigia o serviço policial o ilus-tre inspector de policia sr. Floro Henriques que tambem acompanhou o sr. presidente da Republica até á Pampilhosa.

Foi uma manifestação republicana vibrante de sinceridade que mais uma vez mostrou que a fé nos des-tinos da República, que o esforço de 31 de Janeiro tão brilhantemente afirmou, é a cada hora mais viva e mais confiada.

Crónica de Lisboa

Está um dia adoravel o de hoje. O sol pede-me um passeio pelas avenidas novas, como bom remedio para pôr em liberdade o tedio que me assoberba, numa devoradora afirmação de aborrecimento.

Mas eu prefiro entreter-me pelo Chiado ouvindo o ciciar da coscuvillice indigena. E como não ha de ser assim se por'qui passam lindas mulheres que, num passo miudinho galopam a estrada do amor e nestas tardes de bom sol parecem destina-das a ser o unico encanto dos nos-sos olhos cubicosos?

E aí me vou em direcção ao Chia-do cogitando as novidades politicas com o interesse com que um apaixonado, procuraria uma prenda de anos para offerta á noiva muito amada.

Para á esquina da *Maison Blan-che* a olhar os olhos numa gaiata mocidade que passa.

De repente surge-me pela frente um deputado evolucionista, amanei-rado e florido.

Desafia-me para a politica e co-mecamos então falando da crise.

“Mas como comprehendel-a, meu caro?, me diz elle. Se o presidente do ministerio se tornar solidario com os ministros que teimam em sair, em vez d'uma crise do governo temos uma crise do vosso partido. Bem sei. Você vem já dizer que eu não sou ministro, mas o presidente da politica, eu tambem me não con-venço que o dr. Afonso Costa caia, embora o julgue muito desejoso de não estar no poder. Mas é preciso que continuem.”

Diziam ser necessario esclarecer a nossa situação internacional. Fa-lavam tanto de mobilização, mas, desculpe eu é que vou mobilisar...”

E fugiu-me correndo para um electrico que passava. Fiquei a sorrir... e fui passeando.

O Chiado gosava a essa hora o seu maximo esplendor. Um trem a que se partira uma roda fazia juntar uma enorme multidão de curiosos, como se estivessem ou-vindo ler a declaração de guerra.

E a proposito de guerra? Inotteri eu dum parlamentar unionista que apressadamente, descia parecendo não dar por mim.

Sorriu-se, e com os seus cumpr-

mentos disse-me gahofeito. — Lá para o ano dois mil... Parece-me bem que neste ano da graça de 1916 morrem as esperanças belico-sas dos mais aguerridos. Isso mes-mo já perdeu a oportunidade, e nem pode pensar em guerra um governo que anda a vêr se concerta entre si a paz.”

Despedimo-nos. O compromisso de escrever, lá de quando em quando, a *crónica de Lisboa* espevitou-me a curiosidade de ouvir tambem um membro do grupo parlamentar democratico.

Para ir a S. Bento perdia o pra-ser de bons momentos. De resto os deputados não se procuram no parlamento. Encontram-se a des-cançar pela rua do Ouro ou pelo Chiado.

Licenciou-me, portanto e resolvi esperar pelo encontro desejado sem gastar tempo a correr-lhe no en-calço.

A' noite, um grupo de deputados e jornalistas democraticos disculia no *Martinho* ao dederód d'uma mesa.

Tomei logar na assembleia e pedi a palavra para uma interpelação. Queria saber novidades salitantes que ainda não tivessem feito o giro de nenhum cavaco.

Mas novidades de quê? pergun-taram já nem sei quantas boças ao mesmo tempo.

— Não sei, mas a situação interna-cional.

Os illustres pais da Patria pouco tinham a dizer. O governo man-tem-se a respeito da situação de Portugal perante o conflito europeu, estão-se organisando todos os tra-balhos necessarios para que este ano as escolas de repelição sejam substituidas por grandes manobras em Tancos. E depois de estarem em Tancos, se verá. A nossa inter-venção armada ainda não é um mito.

Depois a conversa correu para outros assuntos, alegre, despreocu-pada, simples...

Aproxima-se o correio. Não ha tempo a perder.

E ainda agora me recordo que é hoje sexta feira.

Começo em dia aziago,
Lx., 28 de Janeiro.

Lucifer.

A correr...

Estreia

Fez a sua estreia na advocacia, s. ex.º o senhor ministro da justiça de ditadura do grande general.

Foi defender uma causa de sen-sação no tribunal de Cernache.

Desejamos ao novel advogado na sua nova profissão, as mesmas bri-lhantes prosperidades que solbe conquistar nas outras profissões que teve a felicidade de abraçar...

Illegalidade

Os edis juraram a si mesmos que andariam de preferencia por caminhos tortos e não ha que ten-tar dissuadilos de tão injustificavel proposito.

Ainda agora com a nomeação da professora do Calhabé teimaram em rasgar a lei e ninguém lhes teve mão.

Saltaram por cima de todas as considerações e foram nomear nada menos que a oitava classificada na proposta graduada.

E ainda ha quem teime em que-

rer-nos convencer que isto tudo não corre no melhor dos mundos pos-siveis?

Mas... rirá blen...

Sociedade de Defesa

No dia 6 de fevereiro rialisa-se na Camara Municipal a eleição para os corpos gerentes da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Não é sem importancia esse facto porque se vão escolher aqueles que averbam a si a obrigação moral de rialisarem uma defesa calorosa, iner-gica e eficaz da cidade de Coimbra, cujos interesses não podem ser es-quecidos.

Tem, pois, para nós muito inter-esse a eleição que vai rialisar-se. Os nossos melhores desejos são para que os homens que saírem eleitos contintuem e ampliem, se isso fôr possivel, a obra da direcção atual em que a rara inergia e desinteresa-da dedicação do snr. dr. Manuel Braga e dos seus illustres colegas poude mostrar que quando se sabe querer alguma coisa se consegue.

31 de Janeiro

Pelo Municipio

A revolução francesa coroou a obra liberal do século XVIII, proclamando os direitos do homem e fazendo a primeira república.

As guerras napoleónicas, estabelecendo através da Europa o intercambio forçado dos homens e das ideias, levaram a toda a parte a propaganda redentora. As revoluções de Cádiz, de Nápoles e do Porto enraizaram no movimento de 89.

O constitucionalismo monárquico, porém, que era uma contrafacção da liberdade, liquidou pelo suicídio. Efectivamente os noventa anos que nos governou, abundam em atentados à liberdade e criaram para o país uma situação incompatível com o espírito moderno.

No último quartelão do século XIX meio mundo se havia libertado da tirania monárquica; mas Portugal, o dominador dos mares, o descobridor de novas plagas, o senhores dos continentes, o semeador longínquo da civilização latina renascida, jazia ainda metida à Imaculada Conceição, safado das entrelinhas do concílio do Vaticano, e a dinastia de Bragança, galeria de ineptos e maus, tolerados, só mereço do atraso em que faziam estacionar o povo.

Entretanto na Inglaterra, a nação tradicionalmente amiga, Salisbury e Chamberlain faziam a politica imperialista, que seria a ruína do grande povo se Eduardo VII a não cortasse de raiz e a tempo. Abusando da confiança da velha Rainha Victoria, atropelando o direito, protegiam os sindicatos mineiros e outros inconfessáveis interesses da alta burguezia a custa do tesouro e do prestigio do seu país. Numa penada repelente, salpicavam de lama ao mesmo tempo a auriflama extriada e o pendão das quinas, atraindo-nos o ultimatum de 11 de Janeiro de 1890!

Era de mais, mas foi uma lição e um estímulo. O velho herói dos mares, o audaz batalhador de mil combates, que dormia esmagado sob o peso dos crimes dos seus espartopários, virou em tocas as fúrias que lhe estavam queras. Com a cabeça no destino, turba da sua juventude, saçou a sua antecâmara e ficou em guarda.

Por toda a parte estas nas manifestações do povo nas cidades, nas academias, sou e prido de guerra contra o inimigo, que não era de forma alguma o povo inglês, nobre e trabalhador, mas uns governos de camarilha, que, falseando a missão augusta de governar, lá como cá, estavam sendo um vilipêndio. Ficaram para sempre gravados no timpano de quem os escutou os protestos patrióticos daquele despertar e pelas ruas de Coimbra como que por muito tempo ficou resoando a voz trovejante de Augusto Barreto.

No teatro da rua de Joaquim Antonio de Aguiar, em público comício, jurava a flor de uma geração inteira libertar e vingar a Patria, traida pelos que de lá nos a tiraram o ultimatum e pelos que de cá lhes aceitaram em paga a jarreteira.

Um ano depois, pela uma hora e meia da madrugada um clarim de guerra quebrava o silencio das ruas do Porto.

Nos braços de um punhado de heróis era erguida no tope do palácio municipal a bandeira da Republica, precisamente aquela bandeira vermelha e verde que é hoje o simbolo sagrado da Patria.

A traição de uns e o concurso de algumas infelizes circunstancias fizeram com que aquela audaciosa e nobre tentativa redundasse numa epopeia de sangue. Glorificados sejam porém sempre os que então ali acabaram ou que depois sofreram as torturas do carcere e do exilio e bem dita seja a luz daquela madrugada, porque ela ha-de ficar na historia apontando às gerações futuras o mais oportuno, o mais audaz, o mais vivificante dos movimentos revolucionarios da terra lus.

O 31 de Janeiro foi a melhor propaganda da República. Os seus heróis e os seus martires impressionaram sobre tudo aos novos, cujo espirito se ia formando, pela sua sinceridade, pela sua intransigencia, pelo seu valor indomável, pela crença firme no ideal republi-

Vem ha tempo debatendo-se na imprensa uma questão do mais alto interesse para o Municipio de Coimbra e consequentemente para o publico, nunca esquecido nos momentos em que novos impostos se antolham necessarios, aos olhos zelozos da idealidade.

Constituindo este debate um problema de decisiva importancia para a vida economica da Camara Municipal, nós todos, temos o dever de, lialmente, dizermos da nossa justiça, depondo sem acrimonia, mas tambem sem outras preocupações além das de bem saber respeitar a justiça e a verdade.

A Camara de Coimbra tem calculado um caminho pedregoso e bem ingrato, esquecendo-se, por vezes, de cumprir as expressas disposições legais e pondo de lado, de quando em quando, aquelas normas de bom senso que é sempre conveniente não desprezar. A Camara tem feito uma obra má. Dizêmo-lo sinceramente e sem reprováveis paixões de estreito partidatismo.

Os homens que se sentam nas cadeiras municipais são pessoalmente muito boas pessoas, mas não correspondem ás responsabilidades do momento, em que, se não podemos pedir milagres, temos o direito de exigir mais criteriosos processos de administração.

Lamentamos ter de tratar deste assunto, mas ha uma verdade urgente a proclamar e nós não temos, porisso mesmo, o direito de a calarmos.

A Camara Municipal resolveu e muitissimo bem, aumentar a renda anual dos talhos de venda de carne, que até agora tem estado a pagar a ridicula verba de 6 escudos.

Assentou em que essa renda passaria a atingir a importancia de 20 escudos. Era transigir com uma situação iquivoca, mas era em todo o caso uma medida criteriosa. E dizemos transigir, porque a Camara só tinha um caminho indicado para seguir. Arrematar as barricadas e entregal-as a quem mais desse. Algumas ficariam por uma cifra muito elevada e outras, que não são seguras, poderiam atingir mesmo, a cifra de 90 ou 100 escudos.

No entanto a Camara entendeu melhor estabelecer um preço fixo, sem sugar o quantitativo da renda a oscilação das arrematações. Está bem. Não queremos discutir esta orientação.

cano. Os erros daquela hora, até esses, valeram uma lição de previdencia.

O illustre Chefe do Estado e milhares de cidadãos republicanos irão hoje visitar o campo dos queridos mortos vencidos, comemorando assim dignamente o dia consagrado aos precusores e aos martires da Republica. Que, como hoje, milhares de gerações vão sempre cobrir de flores aquela campal!

Por nossa parte, fazendo reaparecer a *Resistencia* neste dia, o nosso preto de gratidão e saudade lhes prestamos tambem assim.

Dr. Marnoco e Sousa

Continua gravemente doente, o abalizado professor da Universidade, sr. Dr. Marnoco e Sousa, inspirando serios cuidados o estado melindroso da sua saúde.

Temo-nos com todo o interesse informado do estado do illustre enfermo, constatando com alegria que de nenhuma maneira, a cidade de Coimbra, tão sinceramente alarmada, deve manter as dolorosas apreensões da primeira hora.

O consideradissimo profesor, mantendo-se ainda, num estado em que são necessarias todas as precauções e todos os cuidados, tem por vezes sentido algumas melhoras, seguindo a sua doença uma marcha que dá direito ás mais consoladoras e ás melhores esperanças.

Coimbra, tem pelo distintissimo professor a mais perdurável admiração e tanto basta para que confie anciada dos esforços da ciencia, a salvação do Dr. Marnoco e Sousa.

Os nossos melhores desejos são para que, em breve, possamos dar aos nossos leitores a agradabilissima noticia do restabelecimento de s. ex.º

Mas se assim era, de nunhuma maneira a Camara devia recutar na sua primeira resolução, baixando a importancia da renda de vinte escudos para doze. Foi uma segunda transigencia e esta, sem duvida bem mais grave do que a primeira.

Izitou perante a ameaça dos marchantes que prometiam troanescadamente não abater gado em sinal de protesto contra a resolução camarária.

Andou mal e crêmos bem que em pouco tempo verá claramente que escolheu o pior caminho e que pensando resolver o problema só conseguiu adial-o. Amanhã ele surgirá de novo, mas então, já acrecido das dificuldades trazidas por este injustificavel compasso de espera, e porisso, muito mais complexo.

O que pretende a Camara?

Aumentar as receitas. E para conseguir este desideratum começa tambem fazendo uso do já experimentado expediente de aumento do preço da agua e do gás, como se o publico não estivesse grandemente sobrecarregado e os senhores vereadores tivessem autoridade para lançar novos encargos sobre a economia do contribuinte.

Parece-nos que é forçar demais a insensibilidade do municipo que vem de longe carreando pesados encargos, que não tem tido, devemos confessal-o, a vantagem de abrir vida mais desafogada ao municipo.

Falta, pois o direito para fazer mais exigencias. Não.

A Camara não tem o direito de exigir do publico mais sacrificios enquanto não fizer entrar nos cofres municipais os milhares de escudos que os devedores relapsos até agora não tem pago.

Realise primeiro essa obra, arrecade cuidadosamente todas as receitas e depois venha então pedir novos sacrificios, se nem assim conseguir apagar o deficit pavoroso que começa roendo as finanças municipais.

Cria a Camara que em todas as medidas justas nos terá inteiramente a favor, não conte jamais com a complicitade do nosso silencio perante resoluções que se não são iniquas são pelo menos duma violencia desnecessaria.

Aqui não fazemos senão uma politica a dos principios, e dos interesses da cidade.

É por hoje basta, que isto não vai a correr.

Eleição da Comissão Municipal

CONVOCAÇÃO

Eduardo da Silva Vieira, presidente da Comissão Municipal do partido Republicano Português em Coimbra, etc.

Tendo terminado o mandato da actual Comissão Municipal e em cumprimento do disposto no artigo 26.º da Lei Organica deste partido, convoço os cidadãos do concelho de Coimbra inscritos no Partido Republicano Português a reunirem-se em assembleia eleitoral pelas 12 horas do dia 6 de fevereiro, proximo futuro, para proceder á eleição da Comissão Municipal.

Os cidadãos das freguesias da cidade de Coimbra votarão no Centro Republicano Democratico José Falcão; no restante concelho o acto eleitoral realisar-se-á nas sedes das freguesias e em local designado pela respectiva Comissão Paroquial.

As mesas eleitorais lavarão as competentes actas, que darão entrada no Centro Republicano Democratico José Falcão até ao dia 7 do dito mês de fevereiro, dirigidas ao cidadão secretario da Comissão Municipal para se fazer o devido apuramento.

Coimbra 25 de Janeiro de 1916.

Eduardo da Silva Vieira.

Dr. Luiz Viegas

O governo escolheu para administrador dos Hospitais da Universidade o abalizado professor da faculdade de medicina ex.º sr. dr. Luiz Viegas que interinamente

e por feliz delegação da faculdade, estava desempenhando aquelas funções.

O nosso presado amigo e illustre governador civil sr. dr. Antonio Leitão já procurou ha dias s. ex.º convidando-o em nome do governo a aceitar as responsabilidades de tão espinhoso cargo.

O dr. Luiz Viegas é não só um professor cheio de prestigio e gozando d'uma já longa vida de profesor e de funcionario, estava naturalmente indicado para assumir, n'este momento, a direcção de tão importante estabelecimento de assistencia e de ensino.

De nenhuma maneira pode ser indiferente a Coimbra, o progresso e o prestigio da sua velha Universidade e a nomeação que tão criteriosamente se acaba de fazer, é bem motivo de justificada garantia de que a administração hospitalar vai ser brilhantemente orientada.

Por tudo isto somos levados a felicitar efusivamente o pessoal dos hospitais e a faculdade de medicina, apresentando ao sr. dr. Luiz Viegas as nossas mais respeitosas homenagens.

Preso a tempo...

Vestiu um fato claro, pôz em cima de si um casaco tambem claro, meteu um embrulho amarelo debaixo do braço e depois de ter afilelado umas barbas postiças, af o temos instalado no rapido, mesmo ao pé do restaurante.

A policia vem lhe no encaço e o homem misterioso é preso no entrocamento.

Afinal era o comerciante ha tempo fraudulentamente falido, Manuel dos Santos Pereira David.

Foi o que se chamou uma prisão a tempo.

Excursão de estudo

Os alunos da faculdade de medicina que constituem os cursos de anatomia patologica, bacteriologia e Quimica Biologica, tencionam realisar em breve, uma excursão de estudo a Lisboa, com o fim de visitarem os estabelecimentos da faculdade de medicina daquela cidade.

Devem acompanhar-os os illustres professores da faculdade, Drs. Luiz Viegas, Nogueira Lobo, Marques dos Santos e Afonso Augusto Pinto.

Para tratar dos assuntos que dissem respeito a esta visita foi eleita uma comissão composta dos alunos Jorge Barros Capinha, João Maria Porto, Cunha Mélo, Augusto Morna e Francisco Ignacio.

Tem uma alta significação a visita dos academicos da nossa Universidade á Universidade de Lisboa, que servirá decerto para mais estreitar os laços de camaradagem que devem existir entre os estudantes portugueses.

Em Coimbra trabalha-se honestamente e a nossa escola não vive só das tradições nobilissimas da Universidade, impõe-se ao respeito de todos, porque vem exercendo uma ação decisiva na educação pratica dos alunos.

Porisso mesmo ha necessidade da realisação d'estas excursões de estudo que, por um processo deductivo e de confronto, completam a aprendizagem dos estudantes da nossa faculdade de medicina.

Estação central

Toda a gente brama a sua opinião sobre o local em que deve ser construida a nova estação de caminho de ferro.

Quanto a nós o que convem é que a estação a construir o seja, no local que melhor satisfaça os interesses da cidade.

O que é necessario é acabar de vez e depressa com o pardieiro que para ai está, justo emulo dos barbações que lhe ficam ao lado e que estão ha muito a pedir camartelo.

E os desgraçados ainda não foram ouvidos...

:Aguaceiro desfeito:

A receita do 5.º ano

Ao que parece, o curso do 5.º ano juridico está na resolução de não realisar, este ano, a sua festa de despedida, pelo facto de, irredelidamente, certa imprensa ter vindo a publico afirmar que na peça, já escrita, se ultrajava o velho republicano dr. Teixeira de Carvalho.

No primeiro instante, ao alvorecer da surpresa, o publico comentou com indignação a ousadia que, hipoteticamente, na forja se moldava, mas a breve trecho os proprios jornais acusadores confessavam-se mal informados e perante o testemunho de pessoas insuspeitas e depois da leitura da propria peça incriminada, apressaram-se a desmentir as suas primeiras afirmações.

E essa campanha de nenhuma maneira teria atingido a maioria se houvesse existido menos precipitação, se fosse mais moderada a ancia de defender o considerado republicano que se supunha atingido.

Serão os primeiros a reconciliá-lo aqueles mesmos que se deixaram levar pelos primeiros e impensados impulsos.

Ora, nenhum partido politico é muito menos o povo de Coimbra pode ter responsabilidades que pertencem sómente a quem, com boas intenções queremos crel-o, mas com indisculpavel precipitação, veio a publico levantar uma luva que ninguém tinha arremessado.

O povo de Coimbra é intransigentemente republicano e sabe manter-se sempre a dentro da mais nobre correção não tendo jamais descido a transformar a arruaça em arma de defesa.

O curso do 5.º ano de direito, pode, pois, tranquilamente realisar a sua festa de despedida, sem a preocupação de que alguém possa ir interromper os seus sagrados entusiasmos.

A população de Coimbra, quer e deseja viver nas melhores relações com a academia realizando em comum a obra de propaganda e prestigio da cidade, em que ambas as partes (dem vantagens a conquistar e a defender.)

Nestas palavras nós temos tão sómente em vista o bom nome do honrado e nobre povo de Coimbra, capaz de todos os arroçados sacrificios, mas tambem, inteiramente inadaptable a qualquer incorrecção turbulenta e desordeira que o seu feito sabe reprovar sempre com a mais calorosa indignação.

Não ha, pois, que ter receios e o entusiasmo com que vai decorrer, estamos d'isso bem convencidos, a festa de despedida do quinto ano juridico mostrará claramente que jamais o povo de Coimbra deixou de cumprir o seu dever ou esqueceu o respeito que deve a si proprio.

Na Misericordia

Nem tudo se conserva obediente aos principios da velha usança. O habito é ainda uma coisa respeitavel, mas vai calcurreando o caminho da transigencia, por ser mais suave...

É o caso da Misericordia.

Os homens que compõem a mesa actual encontram-se na boa disposição de realisarem uma obra de utilidade e de justiça que bem predece os seus esforços. E n'esta tarefa ardua, mas dignificante, destaca-se o mesario sr. Antonio Donato, que tem a seu cargo a administração dos colegios.

Como s. ex.º não é nosso correligionario, sentimo-nos bem á vontade para trazermos a publico a sua obra que constitue já hoje uma brilhante afirmação. Só ha que não parar, porque nunca teve mais oportunidade o velho logar comum que diz que parar é morrer.

Não cabem a dentro d'uma nota ligeira as palavras de homenagem e de caloroso apoio que todos nós republicanos devêmos a s. ex.º

Porisso trataremos mais detalhadamente do assunto que tem a maior oportunidade e pelo qual o publico vem já manifestando um carinhoso interesse.

Camisaria

Completo sortido em Camisas e Gravatas

CASA LONDRES

DE

Antonio Marques

62, Rua Ferreira Borges, 68 - COIMBRA

Alfaiataria

contra-mestre habilitadissimo



Pede-se que visitem esta casa

Concerto David de Sousa

A direcção da Associação Académica que está realisando uma obra brilhante, não se tem poupado a esforços no sentido de que em Coimbra nós todos possamos gozar o prazêr ispiritual de assistirmos a festas de boa arte.

Assim nos dias 7 e 8 de Fevereiro nós vamos poder assistir a dois brilhantes concertos do grande maestro David de Sousa, já consagrado por inumeros triunfos.

O programa dessas duas festas que estão despertando o mais justificado interesse, é o seguinte:

1.º CONCERTO

1.ª PARTE

- Rot d'Is (abertura).... Laló
Pier Gynt n.º 2 (suite)... Grieg
a) Lamento d'Ingrid.
b) Dança Árabe.
c) Regresso á Patria.
d) Canção de Solvej.
Rapsodia Slava..... David de Sousa

2.ª PARTE

- Sinfonia n.º 5..... Beethoven
1) Allegro com brio.
2) Andante com moto.
3) Scherzo.
4) Allegro. sem interrupção.

3.ª PARTE

- L'Apprenti Sorcier.... Dukas
Valsa triste..... Sibellins
Cecile Minuetto. (orquestra d'arco)..... Beethoven
Rienzi (abertura)..... Wagner

2.º CONCERTO

1.ª PARTE

- Egmont (abertura).... Beethoven
Rondo capriccioso (solo de violino)..... Saint Saëns
Solista..... Thomaz de Lima
Parafal (canto de sex-tenista)..... Wagner
Rapsodia Húngara n.º 2..... Liszt

2.ª PARTE

- Saudade..... David de Sousa
Valsa dos Sifios..... Berliog
Poema simfonico..... Glazounow

3.ª PARTE

- Contos do meu paiz (Fantasia)..... Thomaz de Lima
A la Balalaika..... Godchedkow
Nocturno..... Grieg
Marcha Húngara..... Berliog

Recurso

A inspecção escolar de Coimbra, vai recorrer da resolução da Camara Municipal que nomeou professora da escola do Calhabé, a snr.ª D. Maria Arbina Pires Ferraz, a oitava classificada na escala graduada das concorrentes.

AO ACASO

Roubo

Foi ontem remetido ao tribunal, Dario Mendes, de 20 anos, natural d'Eixo que ha tempos roubou a D. Carolina Amelia Ferreira da Cunha, na R. Castro Matoso, 1 anel com pedras finas, uma aliança, um cordão, uma medalha para retratos, um relógio pequeno, tudo d'ouro e um binoculo de madreperola.

Principio de incendio

Na sexta feira pelas 7 horas e 3 quartos manifestou-se principio de incendio na chaminé do Hospital dos Lazaros, não havendo, felizmente, perdas algumas.

Compareceram os bombeiros voluntarios e depois os municipais com o respectivo material.

Menor infiel

O comerciante Elisio Marques de Carvalho, queixou-se á policia de que o menor de 14 anos, Adelino Simões, lhe furtara do seu estabelecimento, onde era empregado, varias fazendas no valor de 30 escudos.

Homenagem de saude

Os alunos do 4.º ano de medicina, á pouco feridos pela morte do seu condiscipulo, João Ferreira da Cruz Amorim, resolveram como manifestação de homenagem á sua memoria, ir a Vimioso depor uma corça sobre o tumulo do desventurado academico.

Quem sabera fazer?

Ha tempos apareceram por ai umas caixas que automaticamente papavam moedas de 2 centavos e que tinham como reclamo convidativo estas palavras: para os pobres de Coimbra. Eram exploradas por um nuestro hermano que amavelmente assim queria dar uma prova do seu admiravel filantropismo.

Poderão dizer-nos como tem sido feita a distribuição do dinheiro ganho para fim tão altruista?

Prisões

Na madrugada de sexta feira, á chegada do comboio correio á estação nova, foi preso Francisco dos Santos Pereira David, contra quem havia mandado de captura judicial. O preso vinha de Viseu onde tinha estado refugiado, por se en-

contrar comprometido na falencia fraudulenta do comerciante Pereira David, seu irmão.

José Pedro, barbeiro da Ademia de Baixo, apresentou queixa na policia contra Francisco Pedro Novo, Manuel Antonio de Castro, Luis Ignacio Delgado e Antonio Pedro, por lhe terem assaltado um rebanho, roubando-lhe uma ovelha. Foram enviados para juizo.

Furto

Ana Margarida Tavares, apresentou queixa á policia contra Rosa Emilia, por esta lhe ter furtado roupas no valor d'algumas dezenas de escudos.

A arguida confessou o crime de que era acusada, sendo enviada para juizo.

Pessoal dos electricos

Foi já nomeada a comissão administrativa da associação de classe do pessoal dos electricos, tendo ficado assim organizada:

Presidente - Cassiano de Azevedo
Secretario - Gabriel da Cunha Santos

Vice-secretario - Manuel Marques
Tesoureiro - Manuel Gonçalves
Vogal - José Esponso.

Os nossos melhores desejos são para que a nova associação tenha vida longa e cheia de prosperidades.

Para juizo

Por n'uma obra, á Fonte Nova, ter furtado uma porção de ferro zincado que depois foi vender a um individuo da Lomba da Arraça, foi na ultima quarta feira enviado para juizo Manuel Garcia.

Penhorista transgressor

Foi enviado para juizo o penhorista Leandro Gonçalves, por transgredir os arti. 864.º e 865.º do código civil e o art. 1.º do Dec. de 1 d'outubro de 1900.

A este nem o nome lhe aproveita. Pode ser que na lição fiquem pensando outros gananciosos... commerciaes.

Julgamento adiado

Foi adiado para o dia 1 de Março o julgamento que no dia 28 se devia realisar, e em que tinham de responder pelo crime de homicidio voluntario, Antonio Rodrigues Mota e Mario Martins Velindro.

Abuso de confiança

Por ter burlado Beatris Morais, foi enviado para juizo Antonio Dias, alfaiate, de Castelo Viegas.

Posto de policia

Ficará hoje instalado um posto de policia no populoso e importante bairro de Santa Clara.

E' uma medida muito acertada e pela qual felicitamos o ilustre commissario de policia e os habitantes d'aquelle bairro.

Arrematações

A Camara Municipal vai dar de arrematação a construção da rua n.º 5, na Cumiada, sendo a base de licitação de 347531.

Com um empreito provisório de 20800 e a base de licitação de 800500, dá-se tambem de arrematação, no dia 1.º de Fevereiro, o empedramento completo do projeto do 2.º lanço da estrada de Ceira aos Anagueis, que constitue uma extensão de 1.110,13 metros, entre os perfis 209 e 241.

D. Maria Rosete

No dia 24 faleceu depois d'um prolongado sofrimento, esta virtuosa senhora, esposa dedicada do nosso pesadissimo amigo e correligionario, Dr. Luiz Rosete, um dos mais considerados clinicos d'esta cidade.

A noticia que correu logo ás primeiras horas da manhã, produziu um enorme e fundo pesar em toda a cidade, que acompanha na sua dor o esposo amantissimo.

A vida da extinta, estava ha muito tempo mantendo-se á custa dos mais arrojados esforços da ciencia e dos rigorosos cuidados dos ilustres medicos assistentes, que até ao ultimo momento se empenharam por não dabanimar na salvação da doente.

Contudo, nada pôde adiar o tristissimo desenlace e ás 9 horas da segunda feira passada, finava-se a illustre senhora, deixando no coração de quantos a conheciam, e dos admiradores e amigos do Dr. Luiz Rosete, uma pungentissima saudade.

O seu funeral foi a prova de quanto foi sentido o seu passamento e constituiu uma sentida homenagem de respeito pela memoria da virtuosa senhora.

Foi uma manifestação sincera que patenteou bem claramente quanto é querido e estimado o nosso presadissimo amigo Dr. Luiz Rosete, que conta inumeras dedicações e possui em cada um que uma vez teve a felicidade de o conhecer um admirador das suas enternecidas qualidades afetivas.

Ao senhor Dr. Luiz Rosete, que se encontra em Corticeiro de Cima a tratar da sua muito abalada saude, apresentamos a mais sentida expressão do nosso pesar, tomando uma parte mnto sincera, na sua imensa dor.

Aviso

As pessoas a quem enviamos o nosso jornal e que não queiram dar-nos a honra de o assinar, pedimos o obsequio de no-lo devolverem.

Se a devolução não for feita até ao 2.º numero, passaremos a consideral-as para todos os efeitos, como assinantes.

Vida partidaria

Vai realisar-se em 1.º de maio que amanhã se inicia, a eleição da comissão municipal do Partido Republicano Português.

Esse facto não pode ser indifferente para nenhum dos nossos correligionarios que n'esta hora necessitam, mais do que em qualquer outra, mostrar a admiravel coesão do partido a que todos nos honramos de pertencer e que não está socegadoamente a confiar do poder a sua organização e a sua força.

Os partidos desorganizam-se sempre no governo. É uma velha e consagrada formula politica que nem por muito repetida pode perder o valor.

Ha, portanto que organizar realisando um trabalho de metodosação e de disciplina que se imponha e afirme mais uma vez a nossa força.

Queremos bem crêr que a comissão que obtiver a sanção do suffragio ha de representar inteiramente a vontade e a opinião do partido, ficando, porisso mesmo, na plena posse da confiança de todos os correligionarios.

A obra a realisar é enorme. Avizinha-se a data do congresso ordinario do partido e os homens que vierem a constituir essa comissão tem de entregar-se a um trabalho afivo e perseverante, sem outras preoccupações que não sejam as de bem servir as aspirações partidarias e fazer uma defesa intransigente dos correligionarios e dos principios.

Para isso é preciso que todos a auxiliem, pensando sómente em que o que de bom se vier a fazer é pertença exclusiva do velho e nobre Partido Republicano Português que nesta terra conta dedicações brilhantes.

Prestigiando-nos e cumulando de considerações as entidades representativas do nosso partido farémos uma obra de solidariedade politica que só terá a virtude de erguer para a luta, novas energias e novos esforços.

Achado

Na primeira esquadra estão depositados dois pequenos brincos d'oiro, diferentes, que foram achados e serão entregues a quem provar que lhe pertencem.

Farmacia Gomes
Olivais — COIMBRA

Escrupuloso aviamento de receita a qualquer hora.
Variado sortido de especialidades e medicamentos novos.

TUNEL AVENIDA
Estabelecimento de Merceria, Vinhos e Tabacos

Generos sempre de 1.^a qualidade. Recomendamos os vinhos da nossa casa. Preços modicos.

Viuva de Augusto R. Oliveira Palhinha
Largo Miguel Bombarda, 7, 9, 11
Coimbra

ANTONIO DAS NEVES ELISEU
Pintor decorador
COIMBRA

A Industrial Decorativa
Escritório das oficinas e casa de vendas, Rua da Sofia, 36 a 40
Telefone n.º 565

OFICINAS DE Pintura, Escultura e Douradura
Rua da Manutenção Militar, n.º 3

Fabrico de imagens em madeira e barro, andóres lisos e de talha dourada.
Pintura e encarnação de imagens. Carros alegóricos e ornamentações de fantasia para receções, saraus, bailes e outras solenidades civicas e religiosas.
Aluguer de coretos, arcos triunfaes, colunas e vários objetos ornamentais em pasta.

FABRICO EM CARTÃO ENDURECIDO DE BRAZÕES ORNATOS PARA TETOS, ETC.

OFICINA DE Pintura de carruagens e Automoveis
RUA DA NOGUEIRA — 36

OFICINA DE SEGERIA
Rua da Nogueira — 6

Eduardo Ferreira Arnaldo SOLICITADOR
Encarrega-se de todos os serviços judiciais e cobrança de dividas.
Rua da Sofia 33 — 1.^a
COIMBRA

LANIFICIOS DA MODA

O mais completo sortimento de casimiras, cheviotes e flanelas para fatos d'homem e creanças, encontra-se na

Casa de mercador DE

Augusto da Silva Fonseca

Rua da Sofia, 2 a 3 — COIMBRA

tambem se encarrega da execução de qualquer obra de alfaiate. A maior modicidade nos preços em todos os artigos.

Os mais lindos POSTAIS

Vendem-se na
TABACARIA E PAPELARIA

Crespo

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros. Bilhetes de visita, Revistas e jornais nacionais e estrangeiros, Artigos para pintura, desenho e escritório.
Telefone, 275 27, R. Ferreira Borges, 29 COIMBRA

DROGARIA

Prodnetos quimicos e especialidades farmaceuticas
Aguas Minerais
ARTIGOS de PINTURA — Tintas, pinceis, varalizes, etc.
Perfumarias

PAPELARIA

Grande variedade em artigos de papelaria, desenho e escritório

Artigos fotograficos

Nesta casa ha sempre um variado sortido em todos os artigos para fotografia.

Aparelhos fotograficos desde 1\$00
Sempre novidades em papeis
Grande sortido em cartões

Ha sempre catalogos das casas fornecedoras e fornece todos os aparelhos pelos preços dos catalogos.

Manuel Pereira Marques

33, Praça 8 de Maio, 36
COIMBRA

ESPINGARDARIA CENTRAL

AMANDIO DA COSTA NEVES

Sucessor de Clemente Ribairo dos Reis

Espingardas, revolveres e pistolas. Polvoras. O maior sortido de artigos para caçadores. Artigos para sport. Munições de caça e tiro. Reparações em armas. Arreios para cavalaria e trens. Malas para viagem. Fundas.

COIMBRA

105 — Rua do Visconde da Luz — III

TELEFONE N.º 604

TOMÁS TRINDADE

COM ESTABELECIMENTO

DE

Tabacaria — Papelaria — Loterias

E

PERFUMARIAS

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais, Illustrações, Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das Publicações e Impressos do Estado e «Diário do Governo»

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

DEPOSITO DAS AGUAS DE: Monfortinho, Fonte Nova da Quinta do Arceiro Caidas da Rainha), Casais (Caneças), Aguas Santas de Carvalhelhos (Boticas).

Tem á venda aguas de: Luso, Curia, Amieira, Vidago, Melgaço, Mouchão, da Povoá, Vidago Salus, Monção, Vidago Sabroso, Pedras Salgadas, Pizões de Moura, Charnixe, Vidago Campilha, Lombadas, etc.

AGUAS AO COPO

CARIMBOS

CARTÕES DE VISITA

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 11, 13, 17

TELEFONE N.º 559

Moura Marques

Livreiro-Editor

COIMBRA

PORTUGAL

Arsenal completo de instrumentos cirurgicos
Material escolar — Grande deposito de livros de Medicina e Direito

DEPOSITARIO EM COIMBRA

Das livrarias « Aillaud, Alves & C. », « A. M. Teixeira », Magalhães & Moniz, limitada e das edições das extintas empresas literarias: « Tomás Bordalo Pinheiro » e « A Editora », hoje propriedade da casa Aillaud, Renascença Portuguesa, das obras do falecido conselheiro Dias Ferreira, Cod. civil, 4 vols. — Codigo do processo civil, 3 vols. — Novissima reforma judiciaria, 1 vol.

ULTIMAS NOVIDADES:

ALVES DOS SANTOS — **Filosofia scientifica, I vol. \$80.**

D. MANUEL DE NORONHA — **Nun'Alvares Heroe e Santo, I vol. \$50.**



RESISTENCIA

DIRECTOR E EDITOR
J. Falcão Ribeiro

Bi-semanario do Partido Republicano Português no Distrito de Coimbra

ADMINISTRADOR
Antonio Silvano

ASSINATURA: 65 centavos por trimestre. Para o estrangeiro acresce o porto de franquia.

Propriedade da Empresa

Redacção e administração: R. Fernandes Tomás, 87

ANUNCIOS — Preços convencionais. Não se restituem originaes

Publica-se ás quintas-feiras e domingos

Composto e impresso na Tip. Popular, Rua da Moeda, 12-14
COIMBRA

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Damos hoje o nosso logar de honra ao extracto do brilhantissimo discurso proferido pelo sr. ministro das finanças na Camara dos Deputados a respeito da nossa situação financeira e perante a guerra.

É necessário prevenir e prevenir o excessivo dispendio logo após a paz

O sr. dr. Afonso Costa; — Responde aos oradores que falaram sobre a proposta de empréstimo, dizendo que não se trata de uma autorização vulgar concedida ao governo mas de usar da disposição que estabelece o n.º 4 do artigo 20 da Constituição. Trata-se apenas de fazer uma obra de patriotismo e de saneamento. O orador mostra que não é possível prevenir até que ponto a guerra poderá levar as dificuldades financeiras, e pergunta se já se calculou qual é o aumento da dívida publica da França, ou da Inglaterra, se a guerra durar até 30 de junho de 1917, e o que é preciso que aumente a receita actual da França para pagar a dívida pública em essa data.

Calculasse que os grandes ataques terão feito despesas de guerra na importância de 100 milhões de contos. Veja-se o que é esse numero colossal em relação ao encargo que representa anualmente e distribua-se pelos tres povos grandes: a França, a Inglaterra, e a Russia, depois pela Italia, uma parte pelo Japão, depois pelos pequenos Estados que não de precisar quem lhes facilite meios financeiros, e veja-se o que poderia ser a situação de todos os Estados mesmo que a guerra termine em 30 de junho de 1917 e tendo em vista que as despesas da guerra terão aumentado. A questão de indemnização de guerra é a solução dos países inexperientes. Imaginar que a Alemanha, a Austria, a Bulgaria, a Turquia, possam dar uma indemnização correspondente a 100 milhões de contos é imaginar o impossível, porque esses países também ficam — e depois de vencidos muito mais — esmagados de encargos da sua vida, independentemente daqueles que vão encontrar e mais facil é então tomar-lhe as linhas dos seus caminhos de ferro, as receitas dos seus orçamentos, e não fazer caso das despesas do pagamento dos serviços do Estado.

Seria incomportavel, mas seria a logica indemnização de guerra. O problema da taxa de juro da dívida publica, a distribuição de encargos do Estado terá uma remodelação profunda nos grandes países e depois, por reflexo natural, poderá ver-se applicada automaticamente aos países vencidos e vencedores e trazer parte da solução do problema. Alguns países terão de dobrar os seus orçamentos e não lhes chegará porque terão de fazer a reconstrução de povoações, de monumentos, de serviços, sobretudo a França. Necessario é, pois, arranjar os meios financeiros para cobrir esse dispendio, e até o sr. José Falcão Ribeiro, para ver se o governo não annuciava quais eram as medidas de fazenda, que o sr. Falcão Ribeiro pôde a prolongação, da qual essas medidas viessem com a mesma simplicidade com

que veio esta autorização. A isso responde que não pôde pedir agora ao Parlamento que prolongue as suas sessões para conhecer as medidas de fazenda, porque o governo ainda não as tem preparadas para as trazer ao Parlamento. O governo conhece a necessidade de aumentar as receitas publicas, e alguma coisa já tem feito, como sejam as sobretaxas sobre a importação de algumas mercadorias que aumentaram 2.000 contos. Desde janeiro de 1914 tem o que pôde chamar as suas pessoais propostas de fazenda, redigidas e prontas a entrar no Parlamento, largamente documentadas, actualizadas, anotadas e algumas já modificadas por motivo de caracter financeiro que a guerra pôs em evidencia. Não lhe faltam elementos, mas cada coisa precisa da sua hora, e a guerra ha de dar alguns ensinamentos até que venham essas medidas. Não se separa do direito mesmo do dever, de pedir a convocação extraordinaria do Congresso para alguns aumentos de receita. Ha muita materia especial que tem sido considerada, depois de iniciada a guerra, em outros países aliados, e que no nosso país precisa também de ser considerada. Não esquecer que os nossos impostos, excepto a contribuição predial e alguns outros, estão por enquanto em situação antiquada e precisam de uma profunda remodelação, de uma transformação completa. Nos outros países, uns tinham já essa remodelação como a Inglaterra e mesmo a Alemanha, de modo que os seus aumentos caem sem perturbação sobre elementos de vida perfeitamente organizados. Em França, o proprio imposto geral de rendimento foi posto em execução parcialmente em plena guerra com atenuações e restricções, mas foi considerado como susceptivel de poder aumentar-se no campo onde seja possível, sem prejuizo da vida social e da economia do país; em Portugal ha falta de elementos e terá de fazer-se a colheita maxima de receita, sem prejudicar ou anular fontes de receita que são mais necessarias do que nunca.

As receitas publicas poderão ser aumentadas durante a guerra

Tem procurado apurar, em relação a cada ramo de vida financeira onde é que o Estado pode intervir, quais os problemas a que pode trazer modificações, quais os sistemas em vigor com quais o Estado pode chamar a atenção do Parlamento, e quando tudo isto constituir corpo suficientemente firme para dar produtividade bastante larga ou durante a guerra, ou no intervalo das sessões, ou no seu período ordinario consoante as condições da guerra, e da vida financeira geral o governo cumprirá esse dever.

Não tem nenhum receio, tem mesmo a convicção de que o país precisa encontrar um grande apoio do Estado para tirar da guerra a contra partida que ela contém, para depois dela se refazer e progredir sob os pontos de vista economico, colonial, da nossa agricultura, da nossa industria. Pelo seu estudo do problema pode afirmar que o país tem condições, sem perturbação das fontes de vida nacional, de aumentar os meios necessarios e suficientes para cobrir e pagar os encargos de juros e amortização não apenas de 135.000 contos, mas

de 200.000 que a guerra nos possa levar. Acabada a guerra ou ainda durante ela, poderão ser aumentadas as nossas receitas e erminadas que seja, podemos organizar-nos de modo que possamos com as despesas normais, ir com todos os encargos da dívida publica, ainda que vão para 200.000 contos efectivos. São estas as palavras que correspondem ás suas propostas, comquanto não se trate de quantia tamanha, nem toma em conta a parte que ao país deve pertencer nas indemnizações de guerra, pelas razões que expôs. Porque não deve o ministro das finanças fazer os seus calculos senão pelas circunstancias de ordem geral e permanente do país, está seguro de que todos viverão o bastante não para ver o que das consequências da guerra pode resultar, mas sente que se pode dizer que, por mais que fosse o esforço da Republica desde 1910, se continuaria num quasi marasmo, tão esteril tinha sido a administração monarchica, tão desprezadas estavam as colonias, tanto entregue ao acaso a economia interna que, a *quelque chose malheur est bon*, precisamente porque a guerra nos chamou a uma situação em que nos tínhamos de decidir e de nos afirmar, precisamente porque vem completar a necessidade de diminuir os encargos da dívida publica, para não nos deixarmos levar para trás pelos inimigos como o Reino Unido, essa luta contra o empilhamento que nos levavam os administradores da monarchia, depois das tentativas para libertar a morte que nos decretara a monarchia, depois do estabelecimento da Republica, depois de tanta realização de idealismos; tudo isso precisava um complemento, esperava um rugido mais forte e mais vivo, uma transformação mais profunda e veiu a guerra tamanha, de tal grandesa para todo o Universo que, quando a Historia, passado um seculo, mais tarde, se fizer e for separar as ideias antigas das modernas serão bem mesquinhos os factos que separam as idades em comparação daqueles em que tomámos parte e que separam o mundo em que pode criar-se esse mostro constituído pelos imperios centrais e os povos idealistas e progressivos que são a França, a Inglaterra, a Italia e Portugal. Quando se vir o que foi essa hora, ver-se-ha que foi triste, mas que foi feliz, porque deu á luz um Portugal novo; a Humanidade nova deu-lhe a occasião de ressurgir, de caminhar, fixando um momento jolene em que ele teria oportunidade de mostrar as qualidades eminentes da nossa raça, continuando a obra do passado, melhorando-a numa aspiração de raça tão sublimada, tão grande, tão elevada, tão civilizadora. Não faz o elogio da guerra, mas dentro dela, porque existe e nós a temos, e com ela caminhamos pelo unico caminho do qual ninguem terá força para sair, senão querendo que o país se suicide, livemos de percorrê-lo, certos do cumprimento de um dever, com a aspiração dos que querem evitar, para a sua raça, para a sua Patria, a lembrança de que o sofrimento é insignificante em comparação com a grandeza que vamos legar aos nossos filhos, aos nossos successores, ao Portugal novo.

O illustre estadista, que foi imensamente apoiado, durante o seu longo, quente e patriótico discurso, recebeu na sua peroração calorosos aplausos de todos os parlamentares que o escutavam.

A CAMARA E O MATADOURO

Misterios do Hotel da Barafunda

O contrato que a Camara de Coimbra se esforça por realizar, comprando o matadouro por 38.000 escudos é a prova provada da incompetencia municipal.

Só por ignorancia ou por má fé se pode compreender que os illustres *edis* tenham lançado o municipio numa operação de tal maneira ruinosa, e que nenhuns subterfugios conseguem diminuir na sua significação tremenda.

A lei das expropriações, que tem a data de 12 de junho de 1911 indicava á Camara o unico caminho honesto que ella tinha a seguir e municia-a com os elementos de que necessita para municipalisar os serviços do Matadouro.

E no entanto a Camara, no desvario da sua incompetencia e faustosa prodigalidade, vai comprar ao sr. conde do Ameal um pedreiro antiquado e uma hipobolia concessão, pela bonita soma de 38.000 escudos.

A Camara que não podia esquecer as salutares e admiráveis disposições do direito que elle lhe concedia, para a compra de um terreno, sua com os interesses de quem quer que fosse.

Os do municipio foram atingidos cruelmente e o municipio se tem que preparar-se para pagar as libertagens administrativas de quem, absolutamente inconsciente das suas responsabilidades, inventa tão estranha maravilha...

Porque não expropriou a Camara o matadouro, depois de declarados por utilidade publica, os respectivos serviços?

Ninguem consegue erguer uma explicação para tão inadmissivel procedimento camarario.

Porquê, porquê? O munícipe justificadosamente espavorido só encontra como razão explicativa desta illegalidade, o desejo em que lubricamente a Camara ardia, de brindar a empresa do matadouro com 38.000 escudos.

Os pittorescos defensores da negociata que se gastam no habito indecoroso de insultar quem não aplauda a operação, que nos respondam e demonstrem sem hesitações nem subterfugios que a Camara fez um melhor contrato comprando o matadouro por 38.000 escudos, de que se o expropriasse por utilidade publica.

Do contrario o misterio deste negocio extranho hade afogar em lama a incompetencia municipal da zelosa edelidade combricensis.

Mas ainda que assim não fosse e que a Camara não estivesse munida

com a lei de 12 de Julho de 1911 tinha feito um contrato ruinoso para as finanças municipaes.

Não é preciso mesmo apreciar a sua oportunidade para o facto ficar demonstrado, apesar da Camara julgar ter-se salvo com a votação do empréstimo de 160.000 escudos que ha de ser para ella — profetisamol-o — a corda do enforcado.

Senão vejamos. O sr. Armando Augusto Chaves de Lemos, capitão veterinario de cavalaria 9 e tambem veterinario do matadouro do Porto e que ha 12 anos procedeu, a pedido da camara, a um exame ao matadouro declarou-o como incapaz, o que é suficiente para anular o contrato de concessão.

Este depoimento, insuspeitissimo, indica claramente que o matadouro hoje em 1916, á mínima de reparações está mais incapaz ainda e não vale, porisso mesmo, a soma que a Camara entregou á empresa.

Pessoa que conhece bem os interesses e lucros da empresa exploradora, não hesita em afirmar que a mesma, se fosse comprada por uma quantia que oscilava sempre entre 600 e 700 escudos, o que dá uma média annual de 650 escudos.

Quer dizer: a companhia em 45 annos, que são annos faltam para terminar a concessão, recebia, se esta continuasse, a soma de 29.250 escudos.

Isto em 45 prestações. Agora *d'un a yax* só recebe 38.000 escudos ou seja mais 8750 escudos que receberia das 45 prestações.

Se acrescermos esta quantia do juro a 6 % de 38.000 escudos concluímos que daqui a 45 annos a companhia tem realizado um capital que quasi duplica o capital que ella realisaria se continuasse com a concessão, e sem nenhuma preocupação nem contrariedades.

A Camara que fez umas contas mirabolantes e se baseou num relatório que tanto justifica lucros de mil, como de milhão, persiste, no entanto, no seu desejo de comprometer as finanças municipaes.

Esse negocio terá de ir ao *referendum* das juntas de parochia e talvez a Camara não consiga a sua cumplicidade tão facilmente como conquistou a do Senado Municipal, que aprovou o contrato provisorio. E se conseguir a vergonhosa cumplicidade das juntas de parochia nem assim poderá salvar-se.

Já está condenada ha muito. Continuar a viver á custa da generosidade dos municipes que querem poupar-lhe uma morte violenta...

Dr. Pires de Carvalho

Tem passado bastante incomodado de saúde o illustre deputado e nosso querido Amigo Dr. Pires de Carvalho, que depois que chegou de S. Tomé, tem quasi sempre guardado o leito.

O nosso amigo porem já ontem foi ao parlamento e é de supor que dentro em breve esteja completamente restabelecido, pelo que fazem votos todos os seus numerosos amigos, que por ele tem a maior admiração e dedicação.

Dr. Rosa Falcão

Acha-se em Coimbra, em companhia do seu querido filho Armando Rego Falcão, o distinto advogado Dr. Francisco Fernandes Rosa Falcão, de Avelar, que aqui veio em busca de alívios para um impertinente procedimento sciatico.

Fazemos votos pelo pronto restabelecimento do nosso amigo.

Notas de 2550

Do Banco de Portugal referem não ser verdade circularem notas falsas de 2550 e estar na disposição de proceder contra quem levanta tais boatos.

A Grande Guerra

A Alexandre Braga estes versos, que coloco sob a protecção do seu alto espirito e do seu generoso coração.

*Ontem diziam uns: — «amai a Humanidade!»
Outros: — «amai a Patria!» E desses dois ideais,
A que a fé transmitia a mesma intensidade,
Qual deles era, enfim, o que valia mais?!*

*Tão diversos os dois, sentimento e razão,
Tudo conciliou a grandeza desta hora;
A Guerra fez cessar essa contradição:
Quem serve a Patria, serve a Humanidade, agora!*

*E' um braço que protege o braço que hoje lute!
E, se o ergue e dirige um designio divino,
Na região d'Argonne o que é que se discute?
E' a sorte da França ou é o nosso destino?*

*E' o destino do mundo! A bandeira que arvora
O Direito, tomou todas as côres no ar!
Onde a Justiça luta é a nossa Patria agora,
Portugai reduzido ás proporções d'um lar.*

*Todos os corações como um só coração,
E n'ele toda a fé que antigamente havia
Desta terra d'heróis nem tremará o chão,
Ao passar para a guerra a nossa artilharia.*

*Ella ha de ter, lá longe, a soberba eloquencia
Que sempre lhe inspirou a vossa heroicidade,
Sendo, em Aljubarrota, a voz da Independencia
E, depois, na Rotunda, a voz da Liberdade.*

*Eu não sei distinguir entre esta arma ou aquela,
Vale o canhão a lança e a lança vale a espada!
Que a arma, na mão inda a mais feaca, é bela,
Quando posta ao dispôr d'uma causa sagrada.*

*Se a nossa liberdade está de novo em jogo,
Pouhamos no altar da Patria a nossa vida!
E parti o canhão! São calhaus de fogo,
E que sempre guem a Torre Branca!*

*Ao pé da nossa terra, as outras são bem menos;
Não importam p'ra nada as suas dimensões:
De a Belgica é o maior dos países pequenos,
Portugal é a maior d'entre as grandes nações!*

*E nada a Patria ha de perder com a guerra;
Encontrareis, á volta, o que deixais aqui...
Os vossos braços são não farão falta á terra:
A nossa terra toda ha-de florir por si!...*

*Seja maldita a mão que hoje ficar inerte!
Maldito o coração que não pulse com os mais!
Em defeza da Patria, o sangue que se verte
Serve até p'ra remir os crimes pessoais!*

*E só quem não conhecem o povo d'esta terra,
Cujo passado augura o mais belo porvir,
Pensará que ele vai constrangido p'ra a guerra;
Ninguém mancha no povo: o povo é que quer ir!*

*Não teve a Patria nossa, em épocas distantes,
Mais valor a servi-la, em almas mais completas:
Ágitam-se no ar espadas flamejantes
E irradiam um sol em todas as balonetas!*

*Pudéssemos sofrer, em vez d'uma, mil mortes,
E' na frente o lugar d'este povo admiravel;
Vós sabeis, como eu sei, que somos os mais fortes
E aquele que é o mais forte, é o mais responsavel.*

*Não me vanham dizer que somos poucos, não!
A valentia torna as forças sempre eguaes,
E, desde Aljubarrota, a nossa proporção,
Ella é d'um portuguez contra quatro dos mais!*

*Cada victoria o sol a cubra de mil brilhos!
P'ra cada angustia, a alma ache os melhores confortos!
E aqueles que não teem, como eu não tive, filhos,
Cumpre-lhes adoptar os dos soldados mortos.*

*E quanto, enfim, chegar a aurora redemptoria,
Heróis que então sereis, grandes como já sois,
Que o nosso coração bata bem alto a hora
Sagrada da victoria e que pare depois!*

Maio, 1916

GUEDES TEIXEIRA

A face das coisas

Áparte a consagração prestada em Lisboa por uma grande parte de familia republicana à memoria dos sacrificados, pareceu-me ter passado o primeiro aniversário do dia 14 de maio quasi tão despercebido como qualquer primeiro aniversário dum casamento, cujos conjuges tenham vivido sem a intimidade de dois corações que o destino ligou para se entenderem e amarem reciprocamente.

A comparação tem a sua razão de ser embora pareça estrambótica. O 14 de maio contraiu matrimónio com a República para se entenderem e amarem no futuro.

Mas o marido começou por faltar aos preceitos d'esse entendimento e d'esse amor. Aos inimigos da esposa não duvidou em lhes dar todo o acolhimento; e aos próprios inimigos seus não tem regateado toda a casta de favores e considerações. As condições propostas para haver o consentimento preciso para o enlace tem faltado com o maior desplante. Daí, a *desunião fatal*, bem característica duma vida em que se lesente a falta de elos affectivos. Pode mesmo dizer-se que o marido morreu já no coração da esposa, deixando-lhe apenas duas gratas recordações: a de ter esmagado o reptil — ditadura — que uma áncia feroz pretendia devorar, e a de ter coberto de bênçãos um dos padrinhos do casamento — a armada.

Tudo o mais, pouco tem correspondido aos nobres sentimentos daquela excelsa dama — a República.

Não ha no entanto muito que admirar.

A gratidão da maior parte dos homens de hoje é assim efêmera e tenue, sobretudo quando eles conseguem preparar até ás culminâncias das suas aspirações.

Do 14 de maio resta-nos pois o que já disse e mais isto:

O pobre povo, o povo culto, sempre generoso e sempre grandioso em todos os momentos que tendam a tornar Portugal cada vez maior aos olhos do mundo civilisado, não tem a menor hesitação e não se abate. Essa resignação é até certo ponto, a dos mártires. Quer chorar a abnegação dos que ofereceram a vida em holocausto a uma causa tão santa, mas sente os olhos petrificados; quer experimentar bem a dor de todo o drama que se lhe patenteia aos olhos, mas reconhece que o seu coração é de granito.

E' que está fulminado de espanto e succumbido de máguia!

Passou pois o dia 14 de maio como devia ter passado:

Sem grande ruido festivo para não perturbar o sono eterno daqueles que lhe deram o sangue no intuito de com elle ser regado o terreno donde havia de brotar um fruto apetecido por todos os saos republicanos: o engrandecimento e a consolidação da República. Esse terreno, porém, está quasi em baldio. Compete agora revolvê-lo e cultivá-lo. Haja senso e coragem, e mãos á obra.

J. A. GOMES.

Descoberta

Ha dias entre a nossa correspondencia appareceu-nos devolvido o exemplar da *Resistencia* que era enviado a *A Provincia*. Devia ser qualquer engano. Não fizemos caso.

Dias depois outro. Não havia duvida; era engano e decerto do distribuidor do correio.

Depois outro ainda e coincidindo com umas conjecturas do nosso colega *Jornal de Coimbra* sobre o motivo porque o conspicuo órgão evolucionista, ou órgão do Sr. Dr. Lima Duque, lhe teria também interrompido a troca, e cortado as relações. Aventura o nosso colega que teria sido por ele ter publicado desenvolvido extracto da conferencia ha pouco realisaada pelo sr. Dr. Artur Leitão!

Nesta altura é que nos convencemos de que o caso comnosco seria identico, mas declaramos que não teriamos feito a descoberta.

Ao *Jornal de Coimbra* pois a gloria que lhe cabe e ao mesmo tempo os nossos agradecimentos, por nos ter tirado a embaraçosa duvida.

Para favor completo veja agora se

descobre a razão ou código em que a *Duqueza* se baseia para nos fazer pagar o que os outros dizem.

A Camara de Condeixa e o pagamento do subsídio de renda de casa aos professores

Sobre este assunto publicámos ha dias uma correspondencia de Condeixa, em que, por explicavel descuido, não foi composta a data e o nome da localidade donde vinha.

Sobre o assunto recebemos hoje a correspondencia que em outro lugar publicamos, onde fica restabelecida toda a verdade, sem prejuizo do que já continha o escrito ha dias publicado; e, se em alguma coisa afirmava de mais, isto é, que o governo tinha pago todos os subsídios de renda de casa enquanto estes estiveram a seu cargo, era sem duvida por que não sabia nem podia imaginar que para algum tivesse havido excepção, á qual, diga-se ainda em abono da verdade, não foi feita pelo governo, que pagou todas as folhas que devidamente foram processadas.

E, postas assim as coisas a claro, restamos declarar que a *Resistencia* patenteia sempre as suas columnas não só ao sr. Falcão Junior, que agora no-lo solicita, mas a todas as pessoas dignas que nela queiram pugnar pelo restabelecimento da verdade e da justiça.

Água

Depois de tanto trabalho e despeza para termos o agua do poço da Cumeada vem a camara (a camara!) anunciar que ella é impotável!

Por ora sem comentarios. O caso não cheira só a burrice...

Energia electrica

Sobre este assunto de toda a actualidade realisa domingo, 21 pelas 14 horas no Teatro Avenida uma conferencia a ser feita pelo Sr. João de Mendez.

Poderá ser?

Aguem nos diz que a mimosa e pudica *Provincia*, após ter cortado com osco relações, *debecou*...

Não sabemos o que disse, porque desde aquella inconcebível interrupção de relações, não a tinhamos mais lubrigado.

Vamos porém averiguar...

O que não podemos deixar de extranhar é que a *Provincia*, pretendendo exigir tanto cuidado dos outros, tenha comnosco tão pouco. Pois então corta relações e vem debicar á surrealía...

Com franqueza é um procedimento que, tendo muito pouco de correcto, não sabemos se poderá ter a craveira de ducal!

Numa parte o eeo e noutra a paneada

E' ainda aquele caso da pudica *Provincia*, que nos deixou deveras ás aranhas...

O nosso illustre correligionario Dr. Artur Leitão, num legitimo direito de defeza e com o desassombro proprio de um homem, vem publicamente desfazer intrigas, levantar insinuações, reptar para o debate em prol da verdade aqueles que o atacaram.

Com tal lealdade o faz que anuncia o assunto da conferencia e convida á contradita aqueles que se lhe queiram opôr.

Imaginamos que o sr. Dr. Lima Duque era outro homem, que se encarregaria de lhe dar a resposta; enganamo-nos; o sr. Lima Duque é apenas um papelote, que se esconde quando lhe batem certo...

Só por uma perfeita identidade entre a *Provincia* e o sr. Lima Duque se explica o corte de relações desta comnosco, em virtude daquilo que do sr. Dr. Duque disse... o sr. Dr. Artur Leitão!

Mas nós nem ao extranho caso fizemos a mais leve referencia... Como se permite então *debeicar* a nossa pudibunda *duqueza*?

A guerra e a procissão da Rainha Santa

Nestes tempos de acalmia não é raro o aparecimento cauteloso ao principio, irritante ao depois, de certas *parvenus* a reclamarem e exigirem, com uma insensatez e uma desvergonha que surpreenderia se não fosse o sintoma fatal do estado de transigencias ultrajantes em que caímos.

Agora surgiu como uma obscensão, no espirito dessas beatificas creaturas, a ideia de realizarem este ano a festa da Rainha Santa, com a característica de procissão de penitencia.

O facto bem sintomatico exige de todos aqueles que amam estremecidamente a terra bendita de Portugal, colericas palavras de protesto.

Pretende-se explorar indecorosamente com a ingenuidade popular, prevendo-lhe os mais delicados sentimentos de affectividade e de amor.

Consentir a realização desse acto é partilhar das responsabilidades duma situação equivocada de indignidade e falta de pudôr.

Tudo se prepara para que as hostes racionarias que não querem perder o momento, usufruam todas as vantagens que lhes outorgam as circunstancias excepcionais da hora que passa.

A imagem da Rainha Santa, será, segundo os calculos feitos, conservada em exposição na igreja de Santa Cruz durante alguns dias, para que a *ordem* possa arrecadar todos os lucros de fantasticas promessas.

Implora-se á santa que livre o país das calamidades da guerra e ás mães chorosas e vibrando no amor de seus filhos, insinuam-se que gritem ao altissimo a sua dor pedindo-lhe que não consinta na ida para os campos de luta, daqueles que o seu coração mais estremece.

E' o assalto, o roubo, mascarado de manifestação religiosa que se pretende trazer para ordem do dia, cumulado essa audacia com o desejo de desprestigiar a República e organizar, ultimamente, a *aprechiada*, a campanha do desalento e mais do que isso, da opposição ás ordens do governo que nobremente trabalha pelo engrandecimento da Patria.

Procissão da penitencia!

Penitencia de que?

Quem necessita penitenciar-se são aqueles que, através de tudo, calculem o caminho do descrédito nacional e odiosamente proclamam o triunfo da Alemanha.

Só tem que penitenciar-se os abjetos portuguezes que a dentro do país onde nasceram colaboram, auxiliam e executam a propaganda pernicioso e antipatriótica da nossa desvalorisação.

E em face de tudo isto é legitimo que quem quer que seja de a cumplicidade duma transigencia aviltante aos desejos inconfessaveis dos polichinelos da religião, a pitoresca procissão da penitencia?

Não, não e não.

A lei da separação do Estado das igrejas que ainda é lei do país e que não pode ser esquecida, esta tue no seu art. 57.º que as procissões e outras manifestações exteriores do culto não poderão permittir-se senão *onde e enquanto* constituirem um costume inveterado da generalidade dos cidadãos da respectiva circunscrição.

Onde é que está, para este caso, o costume inveterado, se a procissão da Rainha Santa é de realisacão bial e ainda o ano findo teve lugar?

São as expressas determinações da lei que se opõem á mais vergonhosa exploração que em materia religiosa se tem feito desde que a reacção clerical constituiu os processos politicos em formula de combate contra o existente.

Que transija quem tiver esquecido o respeito que deve a si proprio.

Nós é que não queremos cumplicidades de nenhuma especie nesta chantage.

Por agora limitamo-nos a chamar a atenção da autoridade competente proinietendo não se do assunto enquanto não limitarem em dem que nesta hora incerta tu de...

Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra

Filial da caixa económica

Em nome desta Sociedade foram a Lisboa os dois Directores Sr. Dr. Antonio de Almeida e Sousa, Vice-Presidente, e o Sr. Antonio Marques, entregar uma representação ao Sr. Ministro da Justiça a pedir-lhe a transiçã dos presos da cadeia de Santa Cruz para a Penitenciaria, a fim de no seu local ser construída uma casa para a filial da Caixa Economica Portuguesa.

O Sr. Ministro prometeu interessar-se pelo assunto, devendo primeiro ouvir o parecer do Sr. Procurador-Geral da Republica e do Sr. Director da Penitenciaria desta cidade, Sr. Dr. Pires de Carvalho.

Depende, pois, em grande parte de parecer deste Sr. Deputado, por Coimbra a transiçã dos presos para a Penitenciaria. Estamos certos que S. Ex.^a não deixará de dar parecer favoravel, auxiliando assim tão importante melhoria para esta cidade.

Escola Industrial

Tambem os delegados desta Sociedade se avistaram com o Sr. Ministro do Fomento, a quem pediram para liquidar a questã da Escola Industrial, cujas obras estão há muito tempo paralisadas, prometendo S. Ex.^a dedicar o maior interesse à resoluçã deste assunto, que conciste apenas no pagamento ao arquiteto que fez a planta da escola.

Barracões da Estação

Falaram tambem com a Direcção dos Caminhos de Ferro sobre a necessidade inadiavel de mudar da estação para outro local os barracões da pequena velocidade.

Com o aliamto da estrada marginal do Mondego, estes barracões ficam abaixo da rua.

A Direcção desta Sociedade vai, juntamente com a Camara Municipal e Associação Commercial, insistir pela mudançã de tais barracões que ainda se conserva no antigo local, apesar das transiçães que se tem operado em toda a margem do Mondego, desde o porto dos Bentos até à Estação e agora até ao Choupal.

Socios

Compreendendo os nobres e alevantados fins desta Sociedade, cuja Direcção não descure um momento os interesses de Coimbra e sua região, novas energias se nos vêem agregar inscrevendo-se cocios desta benemerita Associação.

Egídio da Silva
Joaquim Augusto Julio
Antero da Costa Simões Faria
Padre Francisco da Rocha Santos

Sociedade

Esteve entre nós o nosso amigo Manuel Falcão Junior, da Ega.
— Tambem esteve em Coimbra o nosso amigo e correligionario sr. Bernardino Mendes, de Chão de Lamas.

Um ralles

Desde de fevereiro que se davam uns assaltos em pleno dia ás casas dos cidadãos de cujos quartos de dormir eram furtados dinheiro ou valores.

A primeira victima foi o sr. Dr. Freitas Costa.

A judicaria andava já quasi enovada á busca do taudaz gatuno quando um assalto identico foi feito em casa dum estudante e não muito tempo depois, cometiã-se ás 12 horas, pouco mais ou menos, um furto em casa do sr. Justiniano da Fonseca.

O misterio envolvia tão atrevidos assaltos, e a judicaria buscava por toda a parte.

No mez passado, á hora de pleudo dia, o casal do sr. Holbeche Fino, dr. Ricardo Pereira da Silva e a do sr. tesoureiro de finanças foram assaltados, sendo este ultimo a maior victima.

Após muito trabalho a judicaria

conseguiu deilar a luva ao heroi e... lá está á bulha com o contraveneno.
Lá se avenham.

Para Londres

Parece que no principio da proxima semana partirão para Londres os srs. dr. Afonso Costa e Augusto Soares. Os dois illustres ministros irão acompanhados dos seus secretarios.

Dr. Francisco Martins

No desempenho do seu cargo de professor da Faculdade de Letras, quando dava aula de Historia Geral da Civilisaçã, foi acometido de sincope cardica, de que faleceu ainda dentro da aula, o sr. dr. Francisco Martins, illustre professor da Universidade.

Os seus alunos, consternados, em vão tentaram socorre-lo.

O corpo docente da Faculdade imediatamente se reuniu na aula n.º 4, onde se deu o triste desenlace, e que foi armada em camara ardente.

O feneral foi bastante concorrido sendo o seu cadaver enterrado no semiterio da Conchada, como era seu desejo.

O sr. dr. Francisco Martins nasceu no dia 18 de Outubro de 1848, em Campo Maior.

Foi nomeado professor do Colegio das Missões Ultramarinas, depois formou-se no ano letivo de 1883-1884; recebeu o grau de doutor em 27 de Junho do mesmo ano, e em 26 de Maio de 1887 foi nomeado lente catedratico da Faculdade de Teologia, logar que desempenhou até ser nomeado professor ordinario da Faculdade de Letras, que agora era.

O sr. dr. Francisco Martins foi durante muito tempo director da Biblioteca da Universidade e foi tambem reitor e professor do Liceu do Porto.

RIDICULO

Esta vereaçã municipal está realizando uma insubstituivel obra de *Ridiculo*.

E' a unica virtude que pôde atenuar um pouco as tremendas responsabilidades dos seus erros...

Serve de divertimento e só tem o defeito de...ser um divertimento caro...

Agora com a falta de agua a Camara nada em seço.

E então, na anciedade de dar na vista, lança mão de todos os processos, e vai por diante, sorrindo-se satisfeita.

O ultimo editai é a maior maravilha que os cerebros municipalisados dos *ilustres* edis teem esprimido.

Se não tivesse morrido já, para as facecias deste ano da graça de 1916, a epoca carnavalesca, transeriviamo-lo na integra para gaudio dos leitores.

Ellembrar-se a gente que a gramatica é ainda uma senhora respeitavel.

Imprensa da Universidade

Acaba de chegar de Lisboa o sr. dr. Teixeira de Carvalho, que ali foi reclamar providencias para equilibrar o orçamento da imprensa da Universidade, este ano extraordinariamente agravado com o preço do papel e outros materiais.

Em consequencia disso o illustre deputado por este circulo, Ex.^{mo} sr. dr. Artur Leitão, apresentou um projecto de lei, para que requereu, urgencia e dispensa do regimento pelo que foi imediatamente aprovado, concedendo autorisaçã, de accordo com o sr. ministro das finanças, para abertuara de um credito de 4.270\$54 a favor daquele importante estabelecimento da Universidade,

CASA LONDRES

DE

Antonio Marques

62, Rua Ferreira Borges, 68 - OI MBRA

Afaiataria

Contra-mestre

habilitadissimo

Camisaria

COMPLETO SORTIMENTO

EM

CAMISAS E GRAVATAS

Pede-se que visitem esta casa

Pelo Distrito

... Sr. Director da Resistencia

Ao receber hoje o seu considerado jornal, como sempre, abri-o e, numa leitura sofrega, passei pela mente as suas linhas de levantado democratismo civico que fazem, permita-me V. ... a expressã, com que tome a *Resistencia* pelo meu melhor amigo e pelo melhor amigo do nosso pais.

E' que em meu humilde entender, a vida, já dos cidadãos já das sociedades, não devia ser de uma tão relativa elementalidade.

A *Resistencia*, abordando de diversos casos, lá-lo com uma dedicão tão zelosa, que não permite que se perca a ideia de que o dever é o dever e tem de cumprir-se, e o direito é o direito, humanamente entendido, e tem de respeitar-se.

Salvé, pois, *Resistencia*!

Porem, no n.º 26, 2.ª pagina e 2.ª columna, quando diz que a Camara Municipal de Condeixa não pagou ainda subsidio algum de renda de casa aos professores, quando é certo que o Estado não lhes ficou a dever nada... não diz sem, duvida alguma não intencionalmente, a exacta expressã da verdade.

Como V. ... num nobre sentimento de abnegaçã e civismo está sempre pronto a defender o direito, que devia ser o norte de todos os caracteres e o rigoroso fiel de todas as consciencias, espero que me constinta que exponha sobre este caso os factos, (por agora alguns factos) e rogue que me seja feita sómente justiça.

Em fevereiro de 1911 tomei posse da escola desta freguesia, e, não tendo casa de habitaçã, pedi verbalmente na Inspeçã do circulo escolar e na Camara Municipal se resignassem arrendar-ma, sendo-me respondido na Camara que não tratavam disso, e na Inspeçã que requeresse eu o subsidio de renda de casa.

Requeri, e o meu amigo Alfredo Filipe de Matos informou-me que o requerimento tinha seguido para a Direcção Geral, bem informado, como não podia deixar de ser.

Depois, estando a pagar uma renda elevada da casa que arredei e sendo ainda naquie tempo baixo demais o meu ordenado (14\$70) e porque toda a lei e a mais elemental razão me davam direito, continuei a pedir verbalmente á autoridade competente o pagamento do meu subsidio de renda de casa.

Em um destes pedidos, que fiz af por setembro de 1913, foi-me respondido que tinha sido incluída nas folhas, que tinham ido para a contabilidade, a importancia do meu subsidio, e, por isso, que esperasse o regresso delas, aprovadas.

Esperei e vieram as folhas, mas o meu nome e a minha importancia tinham ficado... no tinteiro.

Mudei então de processo; continuei a pedir, mas por escrito, e fui

reclamar verbalmente perante a autoridade a quem o devia fazer, que mandou, acto continuo, verificar se o meu subsidio tinha sido incluído nas competentes folhas, observando que não tinha sido incluído, mas o resultado tem sido eu estar completamente desembolsado, já da importancia devida pelo Estado, já da importancia devida pela camara desde a minha posse desta escola, não obstante o disposto no n.º 4.º, do art. 32.º, do Regulamento da F. do Ensino, que determina a competente autoridade: "Tomar conhecimento das reclamações dos professores com respeito á offensa dos direitos e regalias que a lei e regulamentos lhes garantem, quaisquer que sejam os infractores, devendo dar conta de tudo á autoridade superior e tomar rapidamente as providencias que couberem nas suas atribuições."

Por agora pois, ficará assente que eu estou desembolsado do meu subsidio de renda de casa desde 21 de fevereiro de 1911, apesar de ter cumprido o dever de o ter pedido pelos competentes modos, e quando o mesmo subsidio foi abonado a outros professores deste concelho, e assim espero que V. ... levante na *Resistencia* o seu grito de protesto contra os meus direitos postergados, para que não possa supor-se, pela fraze já transcrita da *Resistencia*, que eu estou pago e satisfeito de importancias que desembolsei e que a lei me concede, como aos outros meus colegas, que não tem nem mais nem melhores direitos.

Não termina, contudo aqui, a minha exposiçã.

Ha mais factos de importancia e, para o caso, de particular interesse, que eu rogo a V. Ex.^a o favor de serem tratados na *Resistencia*, juntando a cada um o seu grito de aprovaçã ou protesto, conforme a consciencia da apreciaçã livre e honrosa que é peculiar á *Resistencia* e ao seu programa de amor á justiça e á verdade.

Com os meus agradecimentos subscrevo-me.

Ega, 9-5-916.

Manuel Falcão Junior.

Deus Guarde a V. Ex.^a

O sr. dr. Mario Ramos, advogado em Gois que teima sempre em pôr ao leu o seu conhecido amor pela realês, enviou á Sociedade de Defesa um officio com o *rabo* leva de Deus Guarda a V. Ex.^a.

Este poeta que pode parecer sem importaveis merece contudo ser arquivado, porque o secretario da Sociedade, fingindo-se esquecido enviou para os jornais copia desse officio, não tendo o bom senso de apagar a inconveniencã do monarquete relapso.

Deus os fez e os ajuntou e razão tem o inconveniente advogado de

Gois, que ao que nos informam é subdelegado do procurador da Republica, em pedir ao padre eterno que os tenha na sua santa guarda...

Com magua contestamos este facto e, por agora limitamo-nos a lembrar ao secretario da Sociedade de Defesa, a conveniencã de moderar a expansibilidade dos seus impetos. E' um conselho para aproveitar.

Musica

No proximo domingo e quinta feira e domingo seguinte, 21, 25 e 28 do corrente a banda de musica do R. I. n.º 23 toca no parque da Santa Cruz das 20 ás 22 horas não havendo por tal motivo musica na Avenida Navarro — no festival que ali promove a Sociedade da Cruz Vermelha.

Higiene dos cabelos

Coiro cabeludo e barba

POR

Jorge Barros Capinha

Aluno medico da Universidade de Coimbra

Livro util a todas as pessoas, sob o ponto de vista da limpeza e tratamento higienico da cabeça e cabelos.

Trata dos seguintes assuntos:

Calvicie prematura.

Limpeza e higiene da cabeça.

Penteagem, escovagem e lavagem.

Loções e pomadas.

O penteado no homem e na mulher.

Higiene da barba.

Perigos que se corre nos salões de barbear.

Os cuidados que devemos ter.

Preço 32 centavos

Parte do producto da venda desta publicação destina-se á Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado desta cidade.

Vende-se na **Livraria editora MOURA MARQUES** e na **Tabacaria Trindade**, Largo Miguel Bombarda — COIMBRA.

Farmacia Gomes

Olivais — COIMBRA

Escrupuloso aviamento de
receituário a qualquer hora.
Variado sortido de especia-
lidades e medicamentos novos.

TUNEL AVENIDAEstabelecimento de Merceria, Vinhos
e Tabacos

Generos sempre de 1.ª qualidade.
Recomendamos os vinhos da nossa
casa. Preços modicos.

Viuva de Augusto R. Oliveira Palhinha

Largo Miguel Bombarda, 7, 9, 11

Coimbra

ANTONIO DAS NEVES ELISEUPintor decorador
COIMBRA**A Industrial Decorativa**Escritório das oficinas
e casa de vendas, Rua da Sofia, 38 a 40
Telefone n.º 565

OFICINA

DE

Pintura, Escultura

E

Douradura

Rua da Manutenção Militar, n.º 3

Fabrico de imagens em madeira
e barro, andores lisos e de talha dou-
rada.

Pintura e encarnação de imagens.
Carros alegóricos e ornamentações
de fantasia para receções, saraus, bai-
les e outras solenidades civicas e re-
ligiosas.

Aluquer de coretos, arcos triunfais,
colunas e vários objetos ornamentais
em pasta.

FABRICO EM CARTÃO ENDURECIDO

DE

BRAZÕES ORNATOS PARA TETOS, ETC.

OFICINA

DE

Pintura de carruagens

E

Automoveis

RUA DA NOGUEIRA — 36

OFICINA DE SEGERIA

Rua da Nogueira — 6

Eduardo Ferreira Arnaldo

SOLICITADOR

Encarrega-se de todos os ser-
vicos judiciais e cobrança de
dividas.

Rua da Sofia 33 — 1.ª

COIMBRA

LANIFICIOS DA MODA

O mais completo sortimento de casimiras, cheviotes e
flanellas para fatos d'homem e creanças, encon-
tra-se na

Casa de mercador

DE

Augusto da Silva Fonseca

Rua da Sofia, 2 a 3 — COIMBRA

tambem se encarrega da execução de qualquer obra
de alfaiate. A maior modicidade nos preços em todos
os artigos.

TOMÁS TRINDADE

COM ESTABELECIMENTO

DE

Tabacaria — Papelaria — Loterias

E

PERFUMARIAS**CENTRO DE PUBLICAÇÕES**Jornais, Ilustrações,
Revistas nacionais e estrangeiras**Deposito da Imprensa Nacional**

Para venda das Publicações e Impressos do Estado e «Diario do Governo»

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

DEPOSITO DAS AGUAS DE: Monfortinho, Fonte Nova
da Quinta do Arceiro
Caldas da Rainha, Casais (Caneças), Aguas Santas de Carvalheiros
(Botijas).

Tem á venda aguas de: Luso, Curia, Amieira, Vidago, Melgaco,
Mouchão de Povoas, Vidago Salus, Moação, Vidago Sabroso, Pedras
Salgadas, Pizões de Moura, Charnixe, Vidago Campilã, Lombadas, etc.

AGUAS AU COPO**CARIMBOS****CANTÕES DE VISITA**

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 11, 13, 17

TELEFONE N.º 559

MOURA MARQUES**Livreiro-Editor**

COIMBRA

PORTUGAL

Arsenal completo de instrumentos cirurgicos
Material escolar — Grande deposito de livros
de Medicina e Direito

DEPOSITARIO EM COIMBRA

Das livrarias « Aillaud, Alves & C.ª », « A. M. Teixeira », Magalhães & Moniz,
limitada e das edições das extintas empresas literarias: « Tomás Bordalo Pinheiro »
e « A Editora », hoje propriedade da casa Aillaud, Renascença Portuguesa e das
obras do falecido conselheiro Dias Ferreira, Cod. civil, 4 vols. — Codigo do processo
civil, 3 vols. — Novissima reforma judiciaria, 1 vol.

ULTIMAS NOVIDADES:ALVES DOS SANTOS — **Filosofia scientifica, 1 vol. \$80.**MANUEL DE NORONHA — **Nun'Alvares Heros e Santo, 1 vol. \$50.****Os mais lindos POSTAIS**

Vendem-se na

TABACARIA E PAPELARIA**Crespo**

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita, Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 27, R. Ferreira Borges, 29 COIMBRA

DROGARIA

Productos quimicos e especialidades farmaceuticas

Aguas Minerais

ARTIGOS de PINTURA — tintas, pincels,
vernizes, etc.**Perfumarias****PAPELARIA**Grande variedade em artigos de papelaria,
desenho e escritório**Artigos fotograficos**

Nesta casa ha sempre um variado sortido em todos os artigos
para fotografia.

Aparelhos fotograficos desde 1\$00

Sempre novidades em papeis

Grande sortido em cartões

Ha sempre catalogos das casas fornecedoras e fornece todos
os aparelhos pelos preços dos catalogos.

Manuel Pereira Marques

33, Praça 8 de Maio, 36

COIMBRA

ESPINGARDARIA CENTRAL**AMANDIO DA COSTA NEVES**

Sucessor de Clemente Ribeiro dos Reis

Espingardas, revolveres e pistolas. Polvoras. O maior
sortido de artigos para caçadores. Artigos para sport.
Munições de caça e tiro. Reparações em armas. Arreio
para cavalaria e trens. Malas para viagem. Fundas.

COIMBRA

105 — Rua do Visconde da Luz — III

TELEFONE N.º 604



RESISTENCIA

DIRECTOR E EDITOR
J. Falcão Ribeiro

Bi-semanario do Partido Republicano Português no Distrito de Coimbra

ADMINISTRADOR
Antonio Silvano

ASSINATURA: 65 centavos por trimestre. Para o estrangeiro acresce o porte de franquia.

Propriedade da Empresa

Redacção e administração: R. Fernandes Tomás, 87

ANUNCIOS — Preços convencionals. Não se restituem originaes.

Publica-se ás quintas-feiras e domingos

Composto e impresso na Tip. Popular, Rua da Moeda, 12-14
COIMBRA

Canalha! Canalha! À face das coisas

Nenhum acontecimento politico, surgindo em Portugal, causou uma separação tão funda na sociedade, como o advento da República na madrugada gloriosa de 5 de outubro de 1910.

Necessário era que assim tivesse sucedido, ou melhor, logico foi que assim succedesse.

Com effeito, se, com a chegada da República, se enterrava de vez, numa fossa funda, o regimento doirado de reis, de duques, de marqueses, de condes, de viscondes, de barões, de moços fidalgos, de conselheiros... de figuras de sotaina... numa depredação de chavelhudos, de prostitutas, de pederastas, de arlequins... de traficantes da consciencia alheia... gente que, nos seus antepassados, tinha mercadejado na India, sahendo no Brasil, alcovitado nos mosteiros, roubado na fazenda publica... difamado nos confesionarios... não se procurava o saneamento da sociabilidade, vistas a brandura, e a cordealidade, e o não te rates, dos nossos costumes... uma vez que era impossivel expurgar de alto a baixo, a corja — azul, negra, farro de librê, farrapo de batina — que, pela sociedade, ao depois, havia de continuar... conseguindo o que tem feito.

A opinião nacional dividiu-se: era uma necessidade. Como complemento desta divisão, extremaram-se em dois campos, todas as gentes do pais: para um lado... os fidalgos, e para o outro... a... canalha.

É a esta canalha que, a cortar estradas, a construir escolas, a lançar pontes, rasgando o solo sagrado da Patria, nas linhas ferreas, nas pedreiras, nas lavranças, curvada ao trabalho das fabricas, das oficinas dos escritorios, eu me dirijo agora, certo de que, com ela estou de alma e coração neste axioma politico que aqui me traz — Nacionalidade.

— Canalha! donde vens tu? do esforço individual.

Filha de pastores, varreste, a cajado, as legiões de Roma.

E, sempre indomavel, não tomaste parte na fusão de sangue que os visigodos, invasores, te ofertaram politicamente,

Aos moslêns, tomaste a sua

ciencia, e a sua arte; mas os teus costumes não os trocaste tu, pela luxuria dos seus habitos, Sôfrega de Liberdade, deste, finalmente, todo o teu esforço, á ideia generosa dum rei que vinha cumprir o almejado desejo da tua alma virtuosa.

Começa com ele a tua Historia, narrativa de séculos, de oito séculos, ora subindo aos cumes da gloria, ora despenhando-se nos abismos da catástrophe.

Foste tu, e tu só, quem nos trouxe até agora, através de festas, de sumptuosidade, de triunfos, de lágrimas, de lutas, de vergonhas. As primeiras, se as não gosaste todas, sempre foram pagas com o trabalho dos teus braços: ás segundas, que nunca te foram poupadas, tiraste tu, sempre, o maior quinhão da tua alma. Escuta:

Nos fôssados da conquista, eras a vanguarda. Nas prerogativas da Corôa, foste sempre o privilegio.

Quando eras adolescente, a cota e a lança, o escudo e o arnêz. a alabarda e o chuço, eram nas tuas mãos os defensores dos reis.

Quando foste varão, o leme e a quilha, a vela e o remo, o astrolábio e a bussola, foram nas tuas mãos a fé, o poderio, e orgulho dos infantes e dos reis.

Na velhice, escarneceram de ti; num escárneo de ingratidão e de infamia que tu, engenhu não compreendeste desde o inicio. Um dia porem refletiste... e, num assomo de revolta, levantaste a cabeça... e rugiste ao teu verdugo.

Escuta ainda:

Os pederastas e as prostitutas enxovalham-te, em toda a parte, e em todos os instantes. Se o fazem é porque temem a tua cólera, e odeiam a tua obra.

Nunca lhes faças o perdão que, por vezes, eles parecem solicitar, nos seus jornais, nas suas conferencias, nos seus conversos, falando em garantias de nação, em defesas comuns, em integridade nacional. Lembra-te, e sempre, do presente, e prevê assim o teu futuro, minha canalha... canalha que trabalha, para matar a fome... canalha que progride, sempre e sempre para um ideal melhor.

Plínio Ventura.

O acaso conduziu-me um destes dias até á estação central dos electricos e das águas.

Encontro ali o chefe dos mesmos serviços, o meu amigo sr. Jaime Mendes dos Santos, mecanico muito distinto e cavalheiro de primorosas qualidades de caracter, duma honestidade exemplarissima, e um trabalhador incansavel. Este meu amigo, de blusa de ganga vestida e mangas arregaçadas, tal como o encontro, passa a mostrar-me a série enorrimissima de reformas que ali se teem operado, de sua lavra propria e exclusiva. Admiro deveras como num curto prazo dum ano (que é ao tempo que ele se acha ao serviço da Câmara) se poudo fazer tanto. Pode pois a Câmara Municipal de Coimbra, orgulhar-se de ter ao seu serviço um empregado á elevada altura da sua missão; e os municipes, por terem a cuidar-lhe dos seus interesses, dentro duma determinada zona de acção camarária, um empregado de competência, na accção mais lata da palavra, e que zela com enfranhado amor o produto das suas contribuições, na parte respectiva. Mas este individuo, assim competente, assim cavalheiro assim honesto e assim brioso no cumprimento dos seus deveres, não é conhecido pela maior parte da população de Coimbra, ninguém lhe tira o chapêo e ninguém o admira, a não ser os seus amigos de perto.

Concorre para isso em grande parte a sua extrema modestia e tambem o facto dos seus serviços estarem encerrados, e não haver por isso lugar a que mais alguém os conheça, a não ser a Câmara e um ou outro amigo. Mas isso não basta. É costume, bem vernáculo, só se apreciarem as pessoas pelo seu fino traço ou pela sua eloquência oratória, uma grande parte das vezes vasia de sentimento, e até mesmo duma profundesa de conhecimentos, mas aparatosa. É assim, a blusa de ganga do mecanico, embora envergada por um artista exímio e por um verdadeiro cidadão, despreza-se e olha-se de revés. Mas há mais. Caf dentro da critica nexorável e mordás aquelle que pertencendo ás chamadas classes de representação, proceder de maneira diferente; e então se esse alguém pertence ás classes nobiliariquicas do sangue azul!

É de tremer o ceu, o mar e a terra!

Não há que ver: o dandismo e a verborreia conquistaram uma grande simpatia e largos foros de predominio no nosso meio. Pais em que os bachareis se multiplicam como as formigas; em que a burocracia enxameia as repartições públicas; em que as classes mais elevadas (no nome e ás vezes no dinheiro) só pensam em vestir bem e só proferir palavras elegantes, não há que esperar dêle senão isto.

Se Portugal conseguisse arrancar á imbecilidade duma grande parte dos seus filhos essa magia do pretensio e illusório sangue azul (símbolo de idiotia e cobardia) e a outros a monomania do pedantismo, transformando uma e outra coisa em ganga da mesma cor, (símbolo do trabalho e da arte) prestando com ela a sua homenagem de concorrência aos arsenais, ás fabricas, ás oficinas, aos laboratórios, Portugal poderia estar certo que a sua vida assim laboriosa e assim valorizada, nenhuma força humana a conseguiria derrubar, trair ou conspirar.

Niuguem ousaria tentar nisso, porque a dar-se, aparecer-lhe-ia pela frente a magestade do trabalho engrandecido, que era como o sangue dessa vida, e bradar-lhe-ia — alto; retira-te, porque o trabalho honrado e produtivo, só da Natureza pòde receber beneficios ou afrontas, e todo o homem tem o dever de se curvar reverente perante a sua sumidade.

Mas prossiga a comédia eterna, que eu farei o mais possivel por não a acompanhar. Hei de procurar fazer a justiça merecida ás pessoas e ás coisas, já que não tenho poderes para modificar a vida no que ela tem de trágico.

J. A. GOMES.

Dr. Afonso Costa

No rapido da manhã, de terça-feira ultima seguiu com destino a Ceia o illustre caudillo e austero chefe do Partido Republicano Portugues Dr. Afonso Costa, acompanhado por seu irmão Dr. Artur Costa que em piedosa romagem, foram de visita ao tumulo da mãe extremosa do grande tribuno e illustre Ministro das Finanças.

Não foi conhecida a sua passagem na estação de Coimbra e aonde, de certo, os seus admiradores e correligionarios lhe prestam as honras a que tem jus o homem de Estado de que, juntamente, toda a nação se orgulha como sendo um dos seus mais prestimosos estretuos defensores.

Uma carta

Do nosso querido amigo e dedicado companheiro de redacção sr. Gualberto de Melo recebemos a carta que abaixo publicamos, em que se despede desta redacção, em virtude dos encargos que lhe trouxe a mobilisação e da sua proxima ausencia pelo mesmo motivo.

É com verdadeira saudade que vemos partir um tão dedicado e valioso cooperador, que era ao mesmo tempo um amigo sincero e um correligionario leal, e não temos palavras com que enaltecer o que foi a sua obra na Resistencia, que lhe deve algumas das suas mais brilhantes paginas, por ventura a maior parte do exito que conquistou nestes poucos meses de vida.

Consola-nos porem a ideia de que, onde quer que se encontre, Gualberto de Melo terá sempre para a Resistencia uma lembrança e de que, pelos superiores dotes do seu talento e timbre do seu caracter, terá em qualquer ponto um acolhimento que lhe suavise a ausencia de seus ex.ªs pais, que o idolatram, e da sua Coimbra, a que ele vota um amor de filho.

Que vá e, sobre tudo, que volte, é o que lhe desejam todos os seus amigos.

Segue a carta ditada pela sua amizade:

Sr. Dr. Falcão Ribeiro e meu muito presado amigo:

Não posso esquecer as provas de deferencia e de estima que a lealdade de V. Ex.ª sempre dispensou á insignificancia do meu esforço.

A Resistencia vive ha pouco ainda, mas em tão curto espaço de tempo eu não poderia ter apreciado

mais e melhor a gentileza da correção de V. ... os primores do seu caracter o vigor do seu espirito combativo e ardente, que anda esparsos em traços brilhantes nas colunas d'um jornal feito por amor da Republica e do partido em que militamos.

É pois com infinita magua que eu deixo os meus dedicados companheiros de luta e me despeço de V. ... a quem me liga a mais profunda estima.

Os meus afazeres escolares e os meus deveres militares impedem-me, bem a meu pesar, de continuar fazendo parte da Redacção da Resistencia. Saio, portanto.

Infinitamente grato a V. ... e a todos os nossos colegas, pelas merecidas atenções recebidas e certo da nenhuma falta que faço nessa redacção, onde tantos espiritos brilhantes se teem acentuado, sou com toda a consideração. — De V. ... — amigo certo e correligionario dedicado.

Cunha Melo.

Coimbra, 21-5-1916.

Cassiano Martins Ribeiro

Conheço-o pais inteiro pela sua dedicacão á causa republicana, a que votou todo o ardente patriotismo, todo o entusiasmo, toda a accção eficaz da sua organisação combativa e da sua alma sempre cheia de fé no triunfo dos ideais democraticos.

Sobre tudo em Coimbra de todos é conhecido pela sua longa vida de apostolado republicano e pòde dizer-se que foi ele, em sucessas gerações, tanto na academia como fóra dela, o mentor desvelado, o protector desinteressado de quantos o seu espirito perspicaz descobria talhados para comungarem no seu ideal de liberdade e de justiça.

E, se em excepções, que muito o magoaram, ás vezes se enganou, é certo que foram excepções apenas.

Uma vez proclamada a Republica, o dedicado e leal republicano, guiado por fataes afinidades, achou-se ligado ao partido evolucionista, onde, apesar dos elementos heterogenios com que deparou, e de se ver torturado pelas contrariedades que eram para o seu espirito os erros de toda a ordem dos chefes, relevantes serviços prestou áquele partido e alguns dos que nele hoje usam penacho alto ao seu apoio e só ao seu apoio e valiosa cooperacão o devem.

Quando ha tres anos, a propósito da faculdade de direito, tanta chicana fez o evolucionismo, Cassiano Ribeiro soube manter a linha honesta, viu o problema nacional e o problema coimbrão pelo seu verdadeiro prisma, e não foi por sua culpa que Coimbra então perdeu muito... que Coimbra não tem já melhoramentos que ainda hoje reclama...

Mas a sua má estrela politica não o largava e ele teria de pertencer a essa celebre vereação que, através de dois anos e meio inepta e esteril administração, nos havia de conduzir a... pôr um seixinho na bôca para matar a sede e um dedo no nariz por causa do mau cheiro do matadouro...

Cassiano Ribeiro teria pois de libertar-se de um meio tão asfixiante, de uma tão heterogenia companhia.

Como e por que causa ocasional

já ele teve ocasião de o expu- car aqui na Resistencia.

Hoje o nosso amigo é apenas o que foi sempre — é republicano.

Mais cheio de fé, de mais ardente patriotismo, de mais decidida e pronta acção para tudo o que dele possa exigir a vida e a segurança da Republica, que ele em longos anos de propaganda e sacrificios de trabalho e dinheiro ajudou a fundar, não o pôde haver.

No seu pessimismo de momento não pôde acreditar quem lhe conhece a fibra e a tradição.

Pois, em nome talvez da união sagrada, o centro evolucionista, onde hoje pontifica o sr. Lima Duque, acaba de retirar do logar que ali ocupava o retrato de Cassiano Ribeiro!

Todos os republicanos sinceros, todos os austeros democratas, todos os verdadeiros patriotas, que ainda não evolucionaram do que sempre foram, felicitarão nesta hora o velho e dedicado liberal!

As nossas felicitações tambem!

Ministro da Guerra

No rapido de Lisboa-Porto chegou a esta cidade, na quarta feira, o illustre Ministro da guerra major Norton de Matos. S. Ex.ª era aguardado na estação de Coimbra B. por uma guarda de honra comandada pelo capitão sr. Mendes, acompanhada da respectiva banda de musica.

Dirigiu-se em automovel ao «Hotel Avenida», onde almoçou e em seguida foi para o quartel da 5.ª Divisão, acompanhado do Chefe do Estado-maior sr. Coronel Ermitão, a receber os cumprimentos da officialidade dos diferentes corpos da guarnição, a quem proferiu um patriótico discurso. Em seguida, dirigiu-se S. Ex.ª aos diferentes quartéis, em visita de inspecção, retirando em seguida para Aveiro com edenticos fins.

Não seria, positivamente, mais lindo iluminar a jorros de luz a cascata e as ruas do «jogo da bola» formando os bazares e barracas de venda, ou tombolas, em volta do lago e fazendo funcionar o animatografo na rua de Sianto Agostinho, por exemplo?

A iluminação da cascata e ruas adjacentes, não seria, dada uma orientação artistica, um pretexto famoso para chamar maior concorrência, desafiando, imesmo, a entrar quem do larga fronteiro se contentava ao som harmonico das fanfaras e com o deslumbamento da força armada que, num aparato belico exagerado, parecia ter a Quinta de Santa Cruz em citado de sitio? ... Quer-me parecer que sim.

De resto tudo muito bom.

Os rapazes da «Cruz Vermelha» fardados, bem postos mesmo, na apparencia adquiri o pecullo indispensavel para a sua mobilisação e compra de objectos indispensaveis para a sua patriótica e nobre missão — auxilium in periculo — lá estavam radiantes e entusiastas, numa faina alegre e proveitosa, digna de elogiosas, referencias que não lhes negamos.

Por seu lado, as damas, com a gentileza peculiar ao belo sexo, auxiliavam a cruzada de angariar meios destinados ao fim sob todos os postos de vista util.

Foi pena não haver, uma superintendencia na forma de organizar o festival, que podia e devia ser brilhante, se não fosse a falta de gosto na sua organização, facto talvez desculpavel pela precipitação com que foi organizado.

Mas talvez ainda estejam a tempo de remediar o mal que, a mim e a muitas pessoas, tanta impressão desagradavel deixou, se por ventura, como é crível, o festival se repetir, facto que, ao dar-se, deverá obedecer aos principios do bom gosto: que se saiba juntar o util ao agradável e verse-ha a proficuidade do resultado... Angelo de Melo,

A CORRER...

Que quere isto dizer?

A Camara Municipal recusou licença á Sociedade de Defesa e Propaganda para a realização de festivais no parque de Santa Cruz. O producto liquido desses festivais revertiria para os feridos da guerra. No seu alto criterio a pitoresca camara que para aí pavoneia entendeu denegar autorisação para que se realizasse tão simpatico e patriótico desideratum. No entretanto...

A associação comercial resolve dar uns festivais no mesmo parque a ver se consegue alguma coisa para o seu cofre. Pensa no caso, inventa o engodo dos 10% para a Cruz Vermelha e Cruz Branca e vai solicitar á Camara a respectiva licença. E pensam os senhores que a Camara recusou, como era seu dever? Não senhor; autorizou, porque é velho habito desta vereação andar invertida...

Então a Camara do sr. Silvio não consente que se realizem no parque de Santa Cruz festivais destinados a angariar donativos para os feridos da guerra e permite-os para ocorrer ás dificuldades financeiras duma qualquer associação?

Sim, porque esta do engodo dos 10% é uma maneira clara embora gentil de explorar o espirito publico. No fundo esses festivais são de beneficio para o cofre da associação comercial.

Julgamos desnecessarios quaisquer comentarios.

Ingenuamente perguntamos o que quer isto dizer.

Agora, sim!

A Camara encomendou ao habil e distinto fotografo Sr. Gabriel Tinoco, muitas fotografias, com vistas de Coimbra, para serem colocadas no gabinete da presidencia da Edilidade.

Agora, sim! Com aquela exposição d'arte, no gabinete presidencial, cessam de gregos e troianos as dificuldades de, quantos serviços municipalizados e a municipalisar possam existir. Agua, gaz, viação, impostos ficam normalizados e, até, «Do Mondego em breves dias» surgirá Neptuno, de tridente em punho dizendo: Eureka! cá estamos de gabinete janota... e disse...

Sintomatico

A sr.ª Duquesa veio ha dias esponejar-se para a Provincia entretendo-se com a gloria de ter feito aprovar no Senado o projecto do nosso illustre correligionario e distinto parlamentar sr. Dr. Artur Leitão, sobre o aumento de dotação dos hospitais da Universidade.

Se a não conhecessemos, ficaríamos admirados de tanta audacia.

Nada ha que admirar, no entanto, se se souber como se sabe que em resposta á logica fulminante do Dr. Artur Leitão, a Duquesa se limitou a insultar o dedicado amigo de Coimbra, acusando-o indecorosamente de ter sido, no tempo em que o director da Provincia andava a plular pelos parados da monarchia, administrador do concelho de Castelo Branco.

Reptamos o arlequin evolucionista a provar a sua afirmação.

De duas uma; ou a duquesa é honesta ou não é.

Se possui aquela parcela de senso moral indispensavel a todo o homem de bem só tem um caminho a seguir — provar a sua afirmação ou declarar que foi ludibriada por algum correligionario.

Do contrario não passará do que sempre foi... uma miseria moral.

Colaborando na propria manifestação fúnebre

Emquanto o sr. Dr. Teixeira de Carvalho estava para Lisboa, corria no Porto, publicando-a os jornais com artigos de sentimento, a noticia, por confusão com o sr. Dr. Francisco Martins, do falecimento do grande amigo e mestre da arte portueza.

Pessoas dali vieram a esta cidade dar os pesames á familia do sr. Dr. Teixeira de Carvalho, a quem encontramos depois a ir acompanhadas á estação!

Por um tris não se incorporou no proprio enterro, como o celebre Delmas, que o ano passado por aqui passou.

Ainda bem que rimos e do sr. Dr. Quim Martins, que tambem tem rido muito dos outros.

Aniversario

Passou ontem, 24, o aniversario natalicio do nosso dedicado colega de redacção (ainda hoje queremos ter o praser de lhe chamar assim!) Gualberto de Melo, a quem, bem como a seus ex.ººº pais, felicitamos cordealmente por esse motivo.

Procição

Diz-se, bordam-se comentarios sobre a procissão da rainha Santa, de Santa Clara para Santa Cruz, nos principios de junho, ficando a imagem da Santa, em Santa Cruz, exposta á veneração dos santos e santas a pedir á todos os Santos e Santas da Corte Celestial que, acabe a guerra!

Diz-se que é uma procissão de penitencia, de resultados proficuos, ao fim a que se destina... e que a imagem ficará até julho a ver em que e quando pára a guerra...

Seja tudo pelas almas santas e que nos acudam, todos os Santos e Santas da Corte Celestial, com tanta santidade...

Mas já não ha procissão!

Andaria por ahí o diabo?

Uma maerobia

Na visinha cidade de Aveiro faleceu Maria do Carmo Moreira com 103 anos de idade!

A centenaria conservou sempre, a maior lucidez nas suas faculdades mentais: e, afirma-se, que nunca tomou remedios caseiros ou de botica!

Belo exemplar de portueza que, a morte ceifou, tão cedo e antes de prestar serviços, ao menos, como vivandeira, ao lado dos aliados!

Agua

Parece que ainda não é desta... Diz-se que uma das peças da maquina, fabricada no Porto, partiu no caminho.

Entretanto é fazer penitencia... A proposito de agua nos perguntam se os consumidores, não a tendo fornecido a camara, terão obrigação de pagar as suas quotas de avença.

Em rigor não tem, mas podia-

lhes isso causar incomodos, bem como podia influir pessimamente na organização da cobrança. O que nos parece que deverão fazer os que não tiverem a generosidade de pagar sem reparos, é satisfazer a importância do trimestre corrente e, em face do art. 43.º do regulamento, que diz que o consumidor que se julgou lesado poderá reclamar para ser indemnizado no trimestre seguinte, apresentarem a sua reclamação nesse sentido.

Deverão então ter um abatimento correspondente ao tempo porque não receberam agua.

Aqueles porem que receberam senhas, para o fornecimento de agua aos domicilios, em boa razão não deverão reclamar, se essa agua foi sufficiente.

Marte

Marte é o titulo de um semanario que se publica nesta cidade, órgão da simpatica e briosa classe dos sargentos.

Com o ultimo numero publicado completa o bem redigido semanario um ano de existencia, toda decorrida no glorioso afan de promover as regalias da classe que representa e de fazer no exercito a propaganda do mais acendrado amor patriótico.

Bem hajam os que tão alevantada e nobremente cumprem o seu dever de portugueses de lei.

E pelo aniversario de Marte as nossas sinceras felicitações.

Dr. Artur Leitão

O illustre e dedicado deputado por este circulo Dr. Artur Leitão, ofertou, como o fez no ano transitado, a quantia de 25\$00 á Associação dos Artistas de Coimbra, comemorando o aniversario da morte de seu pai um habil e bemquisto industrial cujo nome, seu dedicado filho não esquece, por ser digno de todas as comemorações, como o é.

Só louvores cabem a tão digno procedimento.

Tenente Knopfli

Foi, definitivamente, nomeado commissario da policia civica desta cidade o sr. tenente da Guarda Republicana, Jossué Knopfli, militar brioso e disciplinador, a quem não falta competencia para o desempenho cabal do seu arduo e espinhoso cargo.

Tureos e boehes

O principe Arguhsuky, enviado de Moscova para se informar do estado em que se encontra Trebizonda, confirma as matanças dos armenios. O caminho de Erzerum está bordado de cadaveres. As matanças obedecem a um plano emanado do governo turco, calculando em 800 as crianças lançadas ao mar.

Ora aí está um bom modo de civilisar, de difundir a Kultur por atacado! Logo 800 por uma vez atiradas aos peixes do mar Negro!

Como os turcos só os boehes, seus aliados.

Resistencia,

Desde que se estabeleceu a censura previa não nos foi mais possivel publicar a Resistencia nos dias proprios, pois, sendo costume o nosso jornal ser composto principalmente á noite, é-nos impossivel ás vezes te-lo completo ás 4 horas, o que faz adiar a publicação irremediavelmente para o dia seguinte.

Tambem a mobilização nos vai tirando sucessivamente os mais valiosos auxiliares, por forma que é preciso angariar outros e po-los ao corrente...

Tudo porem, se ha-de ir remediando e esta noticia tem simplesmente em vista dizer aos nossos presados assinantes que não serão prejudicados, pois a cobrança faz-se por numero e não por ano. Trimestre quer dizer 25 numeros.

Falcão Ribeiro

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 13, L.º

COIMBRA

Um domingo de festa...

Um dia lindo, não haja duvidas! Um dia vinte e um de maio, mez das flores, ridentes nos seus cambiantes de côres, oferecendo á vista, de quem as contempla, com extase, as maravilhas que a Natureza, prodiga, apresenta na multiplicidade enorme das suas formas e na diversidade estética e caprichosa de pételas, a fazer inveja aos pintores do renascimento, como Reynolds e Teniers...

Um dia lindo! A cidade veste as suas melhores galas e, desde a descantada tricana que, em hossanas de prosa de Julio Diniz e nos versos de João de Deus atingiu a lenda famosa de não igualada nos recantos de Portugal, até á dama aristocratica ou aristocratisada, tudo safu para a rua numa alacridade de borboletas adejantes, num zumbido de abelhas, a procurar no calix da flôr, o apeticido néctar, para fabricar o mel... Depois, eles, os Adonis, os Petronius, arbutos das elegancias, de gaspeas de verniz e canos nas botas, côr de cinza ou alvadio, encadernados em colarinhos de bretanha, repuxados a lustro, a gravata irta e soléne, sobre a qual desdenhosamente cae, o cordão de seda preta segurando o monoculo de vidraça, a esconder entre o cilio e o super-cilio uns olhares marotos, que só o olho esquerdo vê... Ha!... Impagaveis!...

Coimbra modernisa-se, a velha Cindazunda foge, espavorida, e entre a velharia do seu areo d'Almeida e na vestutez dos seus templos, pergunta, receiosa e tremula, pelo velho capote e lenço, pela velha sobre-casaca e chapéu alto de abas d'alguidar, o luxo bocagiano, hoje substituido por quantos capacetes masculos e feminis a moda inventou, de conjunto com tantos disparates o seculo XX despejou, no mercado das chamadas convenções sociaes que, deabalada, vão transformando um paiz de pelintras, nuns crézus, com matricula larga em casas penhoristas! E! o progresso evolucionando, tal e qual como a concorrência desleal que o ouro americano está fazendo ao ouro de Lei, marcado em quilates! Aparencias, exterioridades, encadernações de marroquim, encobrimdo livros de prosa barata e... nada mais.

Eu, pobretão reformado, sem pretensões a nada que não seja uma quietidão do espirito relativa, deime á estravagancia de ir até á Quinta de Santa Cruz, a ver a Kermesse da Cruz Vermelha. Gostei? O meu espirito divagou e fiz um juizo não temerario, mas para mim convincente de que, a despeito de todos os juizos tenebrosos, a pôr manchas escuras num futuro porceloso, e que são como uma marcha fúnebre a interromper uma festa de noivado, que tudo isto caminha num mar de rosas, debaixo dum ceu azul de safira, beijado pelos dardos inflamados dum sol rutilo...

Que de anormal se passa entre nós? Nada. A vida parece correr fagueira e serena, sem embargo da frase tremenda de responsabilida-

des — «A grande guerra» — vir segredar-nos aos ouvidos que é chegado o momento de enveredar pelo caminho pedregoso da reflexão, antevendo o perigo que ameaça de nos subverter. Mas que? A jovialidade de portugueses, mãos dadas com o nosso temperamento de meridionaes, fazem de nós o povo mais feliz do orbe!

Eu, mesmo naquele bocado em que me dei ao devansio de passear na Praça da Republica senti-me, por momentos, feliz; e, embora essa pseudo — felicidade tivesse a duração das rosas de Malherbe, eu cheguei a julgar que era um coimbrão feliz e rico, sem ter barreiras a anteporem-se á realidade fatidica que, momentos depois os factos me patentearam.

A luz electrica espalhada a jorros pelos arcos volticos, a concorrência grande, movimentada e alegre, os acordes das musicas, desafiadas, intoleraveis mesmo, lançado no espaço notas berrantes, de mistura com o pregão dos homens dos pirolitos e o tocar roufenho do homem das gaítas de vintem, o tintilar dos electricos, o buzinar dos automoveis, com o bru-ha-ha da assistencia, deu-me a idea momentanea de estar transportado a uma grande capital, onde os habitantes fossem passando a vida alegre, despreocupada e sem lueta, destinada aos moradores de alguma paiz de fadas de que resam as lendas medievaes...

Mas, parece que acordei, a meio do sonho em que divagava!

Olhei, não de relance, mas com prespicacia e, francamente, entristeci e vim de longada até Penates, nostalgico e a sentir-me velho, rabugento!

Por entre todo aquele alardear de fantasmagorico luxó devisei que, quanto havia de pobretão caminhava com ele par a par!

Eu não tento descrever o que, de feericamente belo, tem a entrada da Quinta de Santa Cruz, a monastica e sombria pousada dos frades cruzios com habitos de burel e á sandalia classica, a casarem-se com o serafico e penitente dos recolhidos e meditabundos servos do Senhor, que, por lá arrastaram, uma vida de agruras, a seu modo...

Notei tão sómente a invasão da modernissima conveniencia, palpavel em lucros, de, numa festa aliás simpatica, altruista pelo fim a que se destina, destruir-se o quanto de belo poderia oferecer á vista dos visitantes; porque essa noção, a apreciação da estetica, desapareceu ante meia duzia de esteiras de bunho e uma centena de taboas e barrotes por aplinar, formando barracas de feira, sem obedecerem a um estilo aduado.

Desapareceu a cascata com os paneaux de azulejos e os beaticos apostolos; e, lá de cima, a Virgem, mãos postas, bradava aos ceus pela infração cometida, o taparem toda aquela beleza com uns metros de pano lavado e umas ripas, servindo de ecraim a um animatografo ao ar livre, a tostão por cabeça.

Mas lá estavam os fungá-gás a ferir-nos os tímpanos barbaramente!

Ameno e Util

Primavera

Cessou a Terra a triste preghiéra
Da sua hiemal nudez, toda em ferida,
E ei-la agora só riso, amor e Vida,
E á amar forçando a propria urze e a fera.

E' que já a vestiu a Primavera,
Que é dos jardins do Amôr a eterna Armida,
Duma teia por suas mãos tecida
Com flôres, setim verde e rendas de hera.

E assim vestida a esposou o Sol,
Num enlace a que todo o rouxinol
Tece o mais ditirambico louvor,

Mal dão as andorinhas a noticia
De que a Terra, a tremer de pudicicia,
Ao Sol já deu — o sim! do seu amor.

Coimbra, maio de 1916.

JOAQUIM GOMES.

ENERGIA ELECTRICA

Conferencia

Pelo sr. Guilherme Teles de Menezes teve lugar a anunciada conferencia sobre energia electrica no Teatro Avenida, no dia 21 do corrente.

A plateia estava por completo cheia e ainda alguns camarotes tinham muitas pessoas, que ali iam pelo interesse que o assunto despertava e simpatia que lhe inspira o conferente.

Constituida a mesa com a presidencia do sr. Dr. Silvio Pelico e servindo de secretarios o director da Resistencia e o sr. Anibal de Lima, fez a apresentação do conferente, allás já bem conhecido, o sr. Dr. Silvio Pelico.

Em seguida o sr. Teles de Menezes falou largamente do seu primitivo projecto de uma importante queda de agua, derivada do Mondego, a qual se viria produzir junto da Portela. S. Ex.^a aceitou as objecções que lhe haviam sido feitas sobre a impossibilidade de realizar tal projecto e passou a expôr um outro projecto, fruto de recentes locubrações, que consistia em elevar água para o deposito da Cumeada, e com essa água, que produziria na baixa uma pressão consideravel, applicando o principio Pascal, fazer andar uma turbina de sua invenção denominada *Turbina Pascal*, que produziria a energia electrica para elevar mais água, e para fazer andar os electricos e para tudo o mais que fosse preciso!

E' nos extremamente simpatica a iniciativa do sr. Teles de Menezes e o seu espirito de trabalho; não podemos porem deixar de declarar que nos parece que S. Ex.^a foi iludido no seu ardente desejo de resolver um problema util, iludido pela ancia desse mesmo desejo.

S. E.^a confundiu decerto pressão com força motriz e compressão, susceptivel de produzir apenas ligeira deslocação e diminuição de volume, com movimento.

A ser como diz o sr. Teles de Menezes, estava descoberto o *motus continuo* e, mais do que isso, a *criação da força mecanica*, independentemente do dispendio de qualquer outro equivalente mecanico.

E dentro do cilindro ou caldeira da maquina, ou a água devia estar quasi quieta e só produzia pressão ou, posta em movimento por uns fantos tubos, unidades de superficie correspondentes a unidades de multiplicação de força, havia de, em pequena fração de segundo esgotar-se, salvo se se desse o milagre... da multiplicação dos pães.

Mas repetimos, o illustre conferente possui a ancia de trabalhar, de ser util, e desta vez, apesar da poerilidade do seu projecto, conseguiu-o, porque o sr. Presidente da Camara, encerrando a sessão, de-

monstrou a conveniencia de que os autores de outros projectos que porventura existam, apareçam tambem a elucidar o publico sobre o seu valor e condições de realisação, ao que o sr. Dr. Costa Lobo, ali presente, logo se prontificou.

O sr. Dr. Silvio Pelico declarou alto, bem alto, que toda a cidade saberia tudo, tudo! Que havia de haver bastante luz a respeito da luz... electrica. Que S. Ex.^a não mude de opinião, nesse como em outros assuntos, é o nosso desejo.

Sabemos tambem que outro projecto existe alem dos já conhecidos: — é do engenheiro sr. Pichichi.

Em todo o caso a nossa opinião, já velha, prevalece ainda: não mudamos, não mudaremos; parecemos a unica viavel, economicamente e honestamente viavel: — que a camara ponha a concurso o fornecimento de energia electrica para as necessidades da cidade, concurso por concessão por um prazo não superior a 15 anos. Enquanto nos não demonstrarem vantagens superiores...

Cruz Vermelha

Os brilhantes festivais no parque de Santa Cruz

Os festivais que uma comissão de socios da Sociedade da Cruz Vermelha, delegação de Coimbra, resolveu levar a efeito, no lindo parque da Quinta de Santa Cruz, iniciaram-se ha dias, no meio do mais efusivo entusiasmo. Os esforços decididos e brilhantes de Armando Fontoura e dos restantes membros da comissão foram coroados do melhor e mais significativo exito.

Os pavilhões são dum belo efeito, exigindo a atenção do publico pela amabilidade insinuante e graciosissima das illustres senhoras que a a estas festas vieram oferecer gentilmente a sua colaboração.

Tem-se exibido os numeros mais atraentes e ainda não explorados em Coimbra, como o de cinematografo ao ar livre. No ecran projectam-se todos os films mais interessantes e de mais seguro agrado. Na segunda feira e ante-ontem a companhia internacional de variedades que expressamente para isso se detivera em Coimbra, apresentou os seus melhores numeros obtendo fartos aplausos.

S. ex.^a, sr. ministro da guerra, que, como promotora, visitou terça feira o parque, sendo recebido com carinhosas demonstrações de apreço. O illustre militar quiz dar esta publica prova de consideração pela Cruz Vermelha, acedendo desde logo ao convite da comissão. Registamos gostosamente este facto.

Brevemente terá lugar um match de box, uma conferencia pelo sr. dr. José Maria d'Apoim, e o publico poderá apreciar o distinto orfeon academico.

A comissão dirigida pelo sr. Armando Fontoura que foi encarregado da organização dos festivais trabalha com rara energia e afinado amor não se poupando a nenhum esforço para que os resultados sejam os melhores possiveis.

O povo de Coimbra, que prima sempre em auxiliar todas as iniciativas patrioticas e que tendam ao engrandecimento da nação, deve dar todo o seu apoio a esta obra de assistencia que realisa o mais alto desejo de renovação nacional.

Ao Acaso...

Jantar intimo

E' amanhã, que se realiza no grande Hotel Mondego, um jantar de despedida oferecido por um grupo de amigos e admiradores, ao sr. Capitão Cezar Mota, ex-comissario da policia civica e instrutor da S. I. M. P. n.º 10, que é um brioso militar e denodado republicano.

São merecidas todas as homenagens prestadas áquele nosso amigo, que é um cidadão dotado de qualidades moraes que muito o enobrecem.

Aguas

Parece terem chegado já peças e aparelhos indispensaveis para o machinismo de captação de aguas do Mondego, em faltas de ha longos dias na cidade e cuja falta muito se tem feito sentir. Oxalá nos não vejamos, mais tempo, privados do precioso liquido e que promessas da Camara sejam realidades...

A' hora do nosso jornal estar na maquina já ha agua na baixa. Ainda bem!

Audiencia adiada

Devia ter respondido no quarta-feira ultima, em audiencia de juri, o reu Francisco Ferreira Gomes, de Souzaelas, acosado pelo crime de homicidio frustrado. A causa do adiamento foi o importante julgamento, a que noutra logar referimos e que só terminou ás 24 horas do dia 23. Realizar-se, porem, no proximo dia 30.

De visita

Tivemos o prazer de ver e abraçar, nesta cidade, o nosso correligionario e amigo Damião Ferreira Pena, habil chefe da Secretaria da Camara Municipal de Condeixa-a-Nova e membro do Directorio do Partido Republicano Portugues. Acompanhava-o sua extremosa esposa, em visita a um seu filho aluno do Liceu José Falcão, ligeiramente doente e a quem apeteceamos rapidas melhoras.

De novo

No ultimo numero dissemos calmas palavras de protesto contra a exploração indecorosa que se pretende realizar com a procissão da Rainha Santa.

De novo vimos a terreiro chamar a nossa sagrada colera, perante este facto que constitue a mais aviltante falta de pudôr e traduz uma vergonhosa inconsciencia das responsabilidades do momento que atravessamos.

Para a autoridade competente apelamos, ainda confiados que justiça se fará para honra de todos e prestigio da Patria.

A mesa da irmandade quer fazer este ano a festa da Rainha Santa, apesar de já ser de realisação biennial? Pois muito bem.

Que a faça se a autoridade entender dever consenti-la, mas segundo o rito habitual e despida de todo o aspeto de *chantage* politica.

Do contrario queremos crer que a povo de Coimbra que sabe amar enternecidamente a Liberdade e é duma tolerancia evangelica, não consentirá, opondo a indiferença dos efeminados acomodaticios á mais decidida opposição. Se houvesse espirito religioso nesta nacionalidade, se o catolicismo a dentro desta Patria que está vivendo o sacrificio duma hora abençoada e redentora, ninguém, absolutamente ninguém ergueria a sua audaciosa inconsciencia até á altura de desejar a realisação da procissão de penitencia.

Ao clero impende uma missão nobre e alevantada, no momento em que o paiz devia ser sacudido pela mais enternecida estremação patriótica.

Incitar o povo, o povo ingenuo e bom a correr em defesa da Patria fazendo passar diante dos seus olhos lacrimijantes as grandêsas do passado.

O pulpito só pode ser nesta hora de *alerta* a tribuna da Patria donde se lancem palavras de esperança e de fé nos destinos da fecunda terra portuguesa, para que se transformem na messe dourada da justiça e do amor.

E é isto o que deseja com a procissão da penitencia, a irmandade da rainha santa?

Não. Anceia-se tão sómente explorar a alma simples do povo ciciando-lhe venenosas palavras de desalento e descrença.

Na Resistencia jámais pregámos a intolerancia, e temos caminhado sempre a cantar, embriagados de confiança, estrofes de amor e de concordia.

Mas neste momento o nosso silencio seria um crime.

União Sagrada não quer dizer cobardia nem cumplicidade com situações equivoacas e desonrosas.

União Sagrada não significa indiferença perante campanhas de perversão e de ultraje.

CASA LONDRES

DE

Antonio Marques

62, Rua Ferreira Borges, 68 - OIMBRA

Afaiataria

Camisaria

Contra-mestre

COMPLETO SORTIMENTO

EM

habilitadissimo

CAMISAS E GRAVATAS

Pede-se que visitem esta casa

Se a *União Sagrada* impozesse o silencio diante das aviltantes provocações dos inimigos da unidade nacional, queimariamos as meliores e mais santas aspirações de regeneração, porque tudo, se tinha perdido nesta Patria.

Nada nos fará calar e o nosso protesto ha de avigorar-se ao contrato de cada dia que passa, para que a lama nos não atinja.

Onde está a imprensa de Coimbra que parece desconhecer a exploração que se anda ensaiando?

Audiencia geral

Em audiencia de juri, presidido pelo sr. Dr. Soares Mendes, respondeu Joaquim Simões Grazina comerciante que foi nesta cidade, com casa de pasto e vinhos na Rua da Gala. O julgamento, que se prolongou por tres dias e com diferentes adiamentos, dos quais alguns se prolongaram até alta noite, veio a ter o seu desfecho com a plena absolvição do reu, na ultima terça-feira. A acusação partia da *Companhia de Seguros Universal* e fundava-se em que o reu tinha recebido, indevidamente, a importância do seguro dos moveis e utensilios duma estalagem que pertenceu ao arguido e que foi destruida pelo fogo.

Era advogado acusador o Dr. José Paredes, que fez um libelo acusatorio cerrado e esmagador para o arguido e a defesa foi brilhantemente sustentada e deduzida pelo Dr. José Alberto dos Reis illustre professor de Direito na Universidade.

Por tal motivo foram, os debates, interessantissimos, levando largas horas a discussão da causa, que se pôde chamar celebre, havendo replica por parte dos dois distintos causidicos.

A assistencia de curiosos foi enorme; e, a sentença absolutoria foi recebida com agrado, por parte do publico, bem como o foi com manifesto desagrado, por outra grande parte.

Almeida Campos

Ha anos que, como substituto, exercia o cargo de escrivão de direito no 1.º officio do Juizo desta comarca, o Sr. Alfredo d'Almeida Campos, justamente reputado e considerado como funcionario exemplar.

Ao tornar-se agora, difinitiva a sua nomeação, cumprimos um dever felicitando-o por esse motivo.

Batatas

A encimar esta noticia diremos nós, como a epigrafe dela...

Até aqui compravam-se a 6 centavos o quilo agora, as senhoras regateiras, pedem a 7 centavos! E' o «preço da tabela», dizem elas, de mão na ilharga...

E' da *tabela* é, nós, por tabelas aguentamos mais um centavo...

Batatas...

Farmacia Gomes

Oliveira — COIMBRA

Escrupuloso aviamento de
receituário a qualquer hora.
Variado sortido de especia-
lidades e medicamentos novos.

TUNEL AVENIDA

Estabelecimento de Merceria, Vinhos
e Tabacos

Generos sempre de 1.ª qualidade.
Recomendamos os vinhos da nossa
casa. Preços modicos.

Viuva de Augusto R. Oliveira Palhinha

Largo Miguel Bombarda, 7, 9, 11
Coimbra

ANTONIO DAS NEVES ELISEU

Pintor decorador
COIMBRA

A Industrial Decorativa

Escritório das oficinas
e casa de vendas, Rua da Sofia, 38 a 40
Telefone n.º 565

OFIIN
DE

Pintura, Escultura

E
Douradura

Rua da Manutenção Militar, n.º 3

Fabrico de imagens em madeira
e barro, andores lisos e de talha dou-
rada.

Pintura e encarnação de imagens.
Carros alegóricos e ornamentações
de fantasia para receções, saraus, bai-
les e outras solenidades civicas e re-
ligiosas.

Aluguer de coretos, arcos triunfais,
colunas e vários objetos ornamentais
em pasta.

FABRICO EM CARTÃO ENDURECIDO
DE
BRAZÕES ORNATOS PARA TETOS, ETC.

OFICINA
DE

Pintura de carruagens

E

Automoveis

RUA DA NOGUEIRA — 36

OFICINA DE SEGERIA

Rua da Nogueira — 6

Eduardo Ferreira Arnaldo

SOLICITADOR

Encarrega-se de todos os ser-
viços judiciais e cobrança de
dividas.

Rua da Sofia 33 — 1.º
COIMBRA

LANIFICIOS DA MODA

O mais completo sortimento de casimiras, cheviotes e
flanelas para fatos d'homem e creanças, encon-
tra-se na

Casa de mercador

DE

Augusto da Silva Fonseca

Rua da Sofia, 2 a 3 — COIMBRA

tambem se encarrega da execução de qualquer obra
de alfaiate. A maior modicidade nos preços em todos
os artigos.

TOMÁS TRINDADE

COM ESTABELECIMENTO

DE

Tabacaria — Papelaria — Loterias

E

PERFUMARIAS

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais, Ilustrações,
Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das Publicações e Impressos do Estado e «Diário do Governo»

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

DEPOSITO DAS AGUAS DE: Monfortinho, Fonte Nova
da Quinta do Arieiro
Caldas da Rainha, Casais (Caneças), Aguas Santas de Carvalhelhos
(Boticas).

Tem á venda aguas de: Luso, Curia, Amieira, Vidago, Melgaço,
Mouchão da Povoia, Vidago Salus, Monção, Vidago Sabroso, Pedras
Salgadas, Pizões de Moura, Charnixe, Vidago Campilha, Lombadas, etc.

AGUAS AO COPO

CARIMBOS

CARTÕES DE VISITA

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 11, 13, 17

TELEFONE N.º 559

MOURA MARQUES

Livreiro-Editor

COIMBRA

PORTUGAL

Arsenal completo de instrumentos cirurgicos

Material escolar — Grande deposito de livros

de Medicina e Direito

DEPOSITARIO EM COIMBRA

Das livrarias « Aillaud, Alves & C.ª », « A. M. Teixeira », Magalhães & Moniz,
limitada e das edições das extintas empresas literarias: « Tamás Bordalo Pinheiro »
e « A Editora », hoje propriedade da casa Aillaud, Renascença Portuguesa e das
obras do falecido conselheiro Dias Ferreira, Cod. civil, 4 vols. — Codigo do processo
civil, 3 vols. — Novissima reforma judiciaria, 1 vol.

ULTIMAS NOVIDADES:

ALVES DOS SANTOS — **Filosofia scientifica, 1 vol. \$80.**

MANUEL DE NORONHA — **Nun'Alvares Heroe e Santo, 1 vol. \$50.**

Os mais lindos POSTAIS

Vendem-se na

TABACARIA E PAPELARIA

Crespo

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita, Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 — 27, R. Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

DROGARIA

Productos quimicos e especialidades farmaceuticas

Aguas Minerais

ARTIGOS de PINTURA — Tintas, pinceis,
vernizes, etc.

Perfumarias

PAPELARIA

Grande variedade em artigos de papelaria,
desenho e escritório

Artigos fotograficos

Nesta casa ha sempre um variado sortido em todos os artigos
para fotografia.

Aparelhos fotograficos desde 1,00

Sempre novidades em papeis

Grande sortido em cartões

Ha sempre catalogos das casas fornecedoras e fornece todos
os aparelhos pelos preços dos catalogos.

Manuel Pereira Marques

33, Praça 8 de Maio, 36

COIMBRA

ESPINGARDARIA CENTRAL

AMANDIO DA COSTA NEVES

Sucessor de Clemente Ribeiro dos Reis

Espingardas, revolveres e pistolas. Polvoras. O maior
sortido de artigos para caçadores. Artigos para sport.
Munições de caça e tiro. Reparaciones em armas. Arreios
para cavalaria e trens. Malas para viagem. Fundas.

COIMBRA

105 — Rua do Visconde da Luz — 111

TELEFONE N.º 604

RESISTENCIA

DIRECTOR E EDITOR
J. Falcão Ribeiro

Bi-semanario do Partido Republicano Português no Distrito de Coimbra

ADMINISTRADOR
Antonio Silvano

ASSINATURA: 65 centavos por trimestre. Para o estrangeiro
acresce o portê de franquia.

Propriedade da Empresa

Redacção e administração: R. Fernandes Tomás, 87

ANUNCIOS — Preços convencionais. Não se restituem originaes

Publica-se ás Sextas e Segundas-feiras

Composto e impresso na Tip. Popular, Rua da Moeda, 12-14
COIMBRA

KITCHENER

Está de luto a Inglaterra e de luto estamos todos os que aos seus unimos os nossos esforços nesta luta ingente pela liberdade dos povos e pelo triunfo do direito. Lord Kitchener, que acaba de desaparecer, morrendo no seu posto, era uma das figuras primaciaes da Inglaterra moderna. Soldado e homem de Estado, bravo quando se batia, energico e tenaz quando comandava, foi antes de tudo um organizador. No Egipto e na Africa do Sul, conquistou a victoria e com o seu labor inteligente e metódico criou de *toutes pièces* o exercito inglês, a formidável Kitchener's Army, que surpreendeu o mundo. Coordênou as energias dispersas do povo britânico, canalizou todos os esforços e depois de desflagrada a guerra, num país em que os contingentes eram inferiores aos 200.000 homens que a reforma de Haldane marcara, pôde instruir e equipar mais de dois milhões de soldados do Reino Unido e envia-los, prontos para a luta, a todos os campos de batalha do ocidente e do oriente europeus, da Asia e da Africa, onde se tornou necessario a força inglesa para defender os direitos e interesses do seu país. Kitchener era uma figura que Napoleão apreciaria. Soldado pronto para todas as empresas, possuindo o amor ardente da sua profissão, desenvolvendo as suas qualidades guerreiras, pelo exercicio e pelo estudo, administrador excelente, disciplinador que não permitia desfalecimentos e conseguia extrair o maximo do rendimento util dos homens e das unidades, applicando-se á sua tarefa sem hesitações, sem repouso, era da tempera daqueles grandes homens que colaboraram com Napoleão e permitiram-lhe fixar na França anarquizada, apesar das guerras permanentes e do sobresalto delas derivado, a ordem de coisas que ainda hoje existe, tão fundo fóra o sulco deixado, tão fortes os alicerces sobre que se levantou o edificio.

Lord Kitchener foi um *representative man*. As fortes virtudes nele se manifestaram como um tipo. Inteligencia clara e positiva, o vencedor de Kartum, o pacificador do Transvaal, que terminou a obra iniciada pelo marechal Roberts, foi organisador do exercito indiano, e, no momento em que as intrigas germanicas em Constantinopla e no Cairo tornavam precaria a segurança do protectorado inglês no Egipto, Alto commissario do Governo britânico, com energia, mas com um sentimento politico clarividente, manifestado em reformas de profundo alcance, continuou a obra de lord Cromer. Se

foi um heroi, como soldado, heroi se deve considerar como civil, pelo ininterrupto do seu esforço, quebrando todas as resistencias que encontrou no seu caminho, perseverando no seu intento, apesar das contrariedades levantadas num país em que os costumes só lentamente se modificam em que foi, por assim dizer, necessario criar o proprio ministerio da guerra, aliam-se os homens politicos pelos resultados e não pelas intenções ou pela soma dos seus esforços; Kitchener conheceu os resultados fecundos da sua obra e morre no momento preciso em que no horizonte longiquo a aurora da victoria se acende. Kitchener morreu poucos dias depois da victoria naval em que a esquadra alemã do mar alto é obrigada a fugir para os seus portos ante o ataque heroico da esquadra inglesa morre quando os russos esboçam a offensiva victoriosa na Transilvania. Não assiste ao coroamento da obra comum para que tanto contribuiu, com o prestigio do seu nome que tinha o valor duma bandeira, dum clarim de chamamento, com os esforços de todos os momentos para aumentar a eficacia do grande exercito que formára, que se bateu em todos os cantos do mundo. Fóra sempre um soldado, não recusando nenhum posto, em todos eles vincando luminosamente a sua passagem. Não se pertencia, mas á Inglaterra, que ele serviu sempre, até nos dias sombrios em que o governo inglês, esquecendo o seu interesse, deixou que se mutilasse a França. Edialista, ou porque um natural instinto lhe mostrasse o verdadeiro interesse da sua patria, o moço Kitchener bate-se contra a Alemanha. Torpedo ou mina, é a mão alemã que o mata. O seu corpo não é encontrado. Não terá como Pitt, que combateu a hegemonia napoleonica, como Nelson, que em Trafalgar afirmou o dominio inglês no mar, as honras de Westminster. Seu corpo, á merce das ondas, se desfará no vasto mar como tantos guerreiros ingleses. Sob ele passaram as quilhas dos navios e as bandeiras inglesas e as flamulas da guerra neste momento tremularam mais nervosas no mar livre saudando aquele que tão bem encaminhou a Inglaterra nos seus sentimentos de dever e de honra.

E' grande uma dolorosa perda para nós todos a morte do grande general inglês. E Portugal sobre maneira deplora a sua morte porque quer no Transvaal, que em Londres manifestou sempre as suas simpa-

tias portuguesas. Mas não ha homens indispensaveis. Um país como a Grã Bretanha, profundo reservatorio de energias e de forças inteligentes, encontra sempre *the right man to the right place*. E o esforço inglês inspirar-se-ha na obra de Kitchener e a luta continuará tenaz, até á pela victoria. Nestes tempos sombrios em que a asa da morte envolveu toda a Europa e em que cuidar dos vivos é mais urgente do que tratar dos mortos, não podemos deixar de comovidamente saudar o morto illustre, e pensar nele, com uma potente força que desaparece. Mas pensando no Heroi, como os soldados romanos que na campã de Virgílio afiavam o aço das espadas, aproveitemos a sua lição, oiçamos distante a sua voz a dizer-nos que devemos todos empregar o maximo do esforço, alegremente, tudo sacrificar para o triunfo da liberdade das patrias e da paz do mundo.

Henrique de Vasconcelos

Dr. Pires de Carvalho

Em visita ás suas propriedades da Louzã, esteve com pouca demora, o Sr. Dr. Pires de Carvalho illustre Senador e uma das mais prestigiosas figuras do «Partido Republicano Portuguez».

Vida partidaria

Comissão Municipal do Partido Republicano Português de Coimbra.

Convidam-se os membros desta comissão a comparecer no Centro José Falcão na proxima terça feira pslas 20 horas.

O Secretario,
Mario Santos.

Centro Republicano Democratico José Falcão

COIMBRA

Assembleia extraordinaria

Os Corpos Gerentes deste Centro, reconhecendo a necessidade inadiavel e urgente de expôr e tratar assuntos *bastante melindrosos*, os quais devem merecer a especial atenção de todos os Socios do Centro Republicano Democratico José Falcão, deliberaram convocar uma Assembleia Geral Extraordinaria para o proximo dia 14 de Junho, pelas 21 horas, esperando a comparencia de todos os dignos Consocios.

Sala das Sessões do Centro Republicano Democratico José Falcão, em Coimbra, 27 de Maio 1916.

O 1.º Secretario da Assembleia Geral,
Domíngos Silva

À face das coisas

Vem sendo ventilada com aturada insistência a questão dos capelães militares acompanharem ou não as forças portuguesas chamadas a prestar o seu concurso na guerra europeia.

Avultam dum lado os que opinam por tal concessão; avultam do outro, os que pretendem contrariar mais esse acto de retrocesso com a sanção governamental da República.

Com o devido respeito pelas opiniões em contrário, são os últimos destes que estão dentro da lógica.

Após a implantação da República fez-se a lei da separação da Igreja do Estado. Cumpriu-se assim uma parte do programa do partido republicano. A República tornou-se pois em matéria religiosa o que lhe impunha o dever e era ditado pelo mais elementar bom senso.

República significa progresso e o progresso não aceita fórmulas anacrónicas abstractas e absurdas, para com elas se firmar e robustecer. Dirão os ortodoxos que a sua religião não é uma dessas fórmulas.

Não será talvez, quando provenha da consciência de cada um esse sentimento. Criada e aproveitada pela imposição, é mais ainda do que a classificação já dada: é a violência forçando á hipocrisia.

A República teve pois esse gesto: alienou a consciência de cada um o poder de obrar livre e inteiramente no que diz respeito a religião.

Não pode pois o regimen comprometer-se agora na sua linha de coerência, sem ofender gravemente o sentimento republicano. Portanto, não deve consentir no que tanto agradaria os maiores amigos do retrocesso: os padres (excepções á parte); a não ser que queira continuar a subverter-se no lodçal das contemporisações, com prejuizo bem manifesto de si mesmo e consequentemente do proprio País.

Mas agora pergunto eu:

Se Deus está em toda a parte, porque não-de os católicos desejar, ou quasi impor como indispensavel, para a santificação dos que vão lutar em defesa da Pátria, levar até elles, por intermédio de capelães, esse Deus? Não. Os soldados não precisam dêsse Deus metido á cunha, nem de ladainhas ou água benta, nem longe da morte nem perto dela. Se tiverem fé, que elevem o seu pensamento a Deus, mas ao Deus intangível e misterioso das regiões etereas, ou que adorem e admirem esse Deus palpavel e concreto: — Natúresa.

Depois disso precisam tão somente de patriotismo e firmesa de animo.

Esses attributos não são porém os padres que lhos conferem.

São o exemplo e a direcção incutidos pelos seus superiores hierárquicos; é o grau de civismo que possuem e que só á familia, á escola e á sociedade pertencem. Por fim, uma sólida instrução militar, para que lhes permita o bom desempenho da sua missão.

E a França? dirão alguns.

Em França, como cá, como em toda a parte, se cometem erros.

O valor duma nação aquilata-se pelos seus erros e pelas suas boas acções; faz-se a soma algebraica; á que der um resultado positivo maior, é a que merece maior respeito. Mas erros sempre ha. Oxalá que a França nos viesse servindo de exemplo para tudo e em tudo quanto diz respeito á guerra.

Teriamos assim a certeza que a questão sacerdotal nos campos de batalha seria apenas como que um recreio espiritual que se proporcionava ao soldado, á falta de distrações.

As consequências futuras é que não serão muito para apreciar, se a França não colocar entre a guerra e a paz, depois dela feita, uma barreira com uma espessura formidável.

J. A. GOMES.

A correr...

Reinam os 160 contos

Estão já sendo distribuidos pelos afilhados, com grosso escandalo, os 160 contos adquiridos pela camara.

Sem que estivesse representado qualquer empregado superior da repartição dos impostos, efectuou-se um pseudo-concurso, á porta fechada, para, com ponto feito, elevar a fiscal, na vaga deixada pelo fiscal Costa, que foi chamado ao serviço militar, o vigia n.º 21 que, tendo sido já em tempos demittido por ter contratos ilicitos com os contribuintes, é um pessimo empregado.

Mas, filiado no evolucionismo para ser readmittido, ele ali está ao serviço da baixa intriga e com a protecção escandalosa que se traduz no acto de, não tendo a camara reunido na 5.ª feira da passada semana, se lhe mandar logo abonar na folha os ordenados, sem que a camara fosse ouvida.

Veja pois o publico a que baixas desce essa camara que, á custa de torpes intrigas, conseguiu escalar as cadeiras do municipio.

Não teve pejo em demittir, por se filiar no partido democratico, o architecto sr. Bravo; não teve pejo de, contra os factos e a opinião de quem primeiro devia falar, castigar

o fiscal de cantoneiros sr. Dionisio; não tem pejo em querer prejudicar um empregado democratico ultima, mente chamado ao serviço militar. Porisso está habilitada para tudo, inclusivé para admitir e elevar empregados de cadastro.

A industria alemã em Coimbra

No Festival-kermesse — da Quinta de Santa Cruz a favor da Cruz Vermelha eram de industria alemã os cartões para o festival, ostentando retratos, versos e frases de notabilidades daquele paiz.

Genial ideia sem dúvida, para dar á festa o tom chic da sociedade, *soi-disant* nobre cá da terra.

Mas não nos convenceremos facilmente de que o caso não foi inspirado numa *nobreza* de sentimentos canalhamente reles.

Espolio I...

Podrá saber-se o destino que teve o espolio da velha Suzana antiga creada e depois asilada do Asilio de Celas?

Parece que não tendo herdeiros, devia ser pertença da Camara, mas assim não sucedeu.

Três cordões d'ouro, bons lençoes de linho, fóra o resto, é barro l...

Esperança e Fé!...

São palavras saídas dos lábios não trementes de todos os portugueses amantes da terra mãe, que devisam com fé e esperança no horizonte do futuro, melhores dias e uma odisséia de paz e concordância tão necessária no decorrer dos tempos calamitosos que atravessamos. Os que pensam e não sonham, os que acalentam em seus peitos o fogo sagrado do Patriotismo, são os homens da Republica, aqueles que ao alvorecer esperançosos e ridentes do 5 de outubro, evocam como um ino de gloria a mudança de instituições, sonho aureo dum povo escravizado e embruteado pela tutela feudal duma monarquia sem razão de existir. Foi o povo úmilde, mas heroico, foi a força vital da nação, representada pelos que trabalham, que sacudiu a juba leonina e soltou o grito da sua emancipação, rasgando as peias opressoras e abrindo campos largos e vastos á sua ambição justificada de querer o governo do povo pelo povo...

Ei-lo, jovem ainda; não coberto desde já pelos laureis duma vitoria decisiva, mas esperançado, sempre em que a Republica é o nosso esteio e a guia carinhosa e firme que ha-de conduzir-nos ao ambicionado campo da Fraternidade e Igualdade!

Mas como a dias de extasiante formosura se sucedem noites de porcelosa tormenta, assim tem sucedido connosco, mercê das ambições desmedidas duns cafes, com nome de portuguezes, mãos dadas com a seita negra de Loiola, que pretendem subverter a nacionalidade ao capricho dos seus desejos quixotescos. Foram esses que, em successivas incursões á Rocambole, semeando a mentira e o terror no espirito inculto do povo rude quiseram, em investidas successivas e de malfadado exito, colocar no trono carunchoso e peganhento da baba pegonhenta dos reptis que debaixo dele se albergavam, um rei moço e inexperiente do difficil mister de governar...

Baldado empenho e suprema irritação! Consoladora compensação para os sinceros republicanos que, encaram serenos mas orgulhosos, a continuação do advento da Republica!

Depois, a logica inconfundível da força das circunstancias veio implicar successivas mudanças de governos, quasi todos trabalhando com afincio e entranhado patriotismo, na consolidação da democracia portugueza. Na ancía dessa consolidação, os homens mais em evidencia no governo, publico, chamaram até si quem auxiliasse a sua ardua tarefa. Lançou-se mão, é certo, dum elemento não bem definido, mas que em face de momentaneos successos, se tornou aceitavel aos olhos do povo confiado no seu patriotismo. Foi um erro ocasional e quiçá preceptado? Foi...

Não se viu, como se não podia ver de repente que, os homens a quem se entregou o governo da nau do Estado eram maus remadores... O paiz viu então e devisou que por entre as apparencias de monarchicos convertidos á Republica existiam peles de camaleão sempre prontas a mudar de cor e que, a sustentar essa obra de traição ás instituições, existia o grande polvo — o Jesuíta de casaca e de roupetta — a estender pavorosamente os seus tentáculos, no sentido de converter o Povo!...

Mas surge como uma aurora radiante o «14 de maio»! O povo soberano, rugindo como um leão a quem roubassem os filhos, na ancía de manter com brio o prestigio da Republica, vigilante por Ela e respeitando a memoria dos mártires de 31 de Janeiro e os heróes do 5 de Outubro, vem para a praça publica e, no uso plenissimo do seu Direito, escorraça os inimigos das Instituições vigentes, fazendo tremular ao vento, mais alta ainda, a bandeira verde e vermelha!

Sublime lição... Mas ha mais ainda, como se isto não fosse o hastante:

Rebenta a guerra europeia em que a tirania e o despotismo se bate, sem treguas, contra a Razão e a Justiça.

Portugal heróico por tradição e nobre sem preconceitos, desde o seu inicio, pendeu para as nações aliadas, como lhe cumpria. Dada essa tendencia que só nos nobilita aos olhos dos povos cultos e por circunstancias protocolares que não veem agora a lume, a Alemanha, a soberba e egoista Alemanha, declarou guerra! Essa afronta, que muitos esperavam ser recebida por nós com receios pueris e medos infantis foi recebida com brio e alto-neiro desassombro.

Pois bem: os inimigos do regimen, os talassas, não ficam com o Povo, ao lado dos aliados, ficam germanofilos ao lado dos déspotas, para semearem o pomo da discórdia e do terror por entre a gente rúde dos campos, incitando-a a impôr-se á marcha dos soldados, que partiram ou partem na defesa do torrão natal, que ha-de ser brilhante.

Cada vitoria dos aliados é, para os inimigos do regimen, um sarcasmo; cada derrota infligida pelos alemães é, para eles, uma gloria!

Mas não importa: A Republica, a despeito de tudo, continuará impávida e serena a sua marcha de Justiça: é, isso que nos anima a proseguir sem receios na sua defesa e, cada vez mais fortes, porque temos:

Esperança e Fé!...

ANGELO DE MELO.

A CORRER...

A' larga...

Dos 160 contos tambem alguma coisa coube a tres vigias, que foram promovidos á 1.ª classe, em concurso á porta fechada, por Juri selecto, sem representação do pessoal superior dos impostos.

O publico cá está para pagar o regabofe do evolucionismo e, em se acabando esses 160 contos, o Parlamento a seu tempo dará mais. E' questão de acender lampada a um bom santo milagreiro.

Telefones?

Alguns jornais tem-se queixado do mau serviço telefonico e afirmam com essas faltas para as telefonistas; pois ainda com o pouco conhecimento que temos da materia, podemos afirmar que a maior parte dessas faltas proveem do mau funcionamento dos aparelhos.

Pedimos, por tanto, mais cuidado aos senhores electricistas.

As reacionarias

Madamas, com direito á aposentação dos pecados mundanos, correm a cidade nufm interessante e ridiculo peditorio; e, de lista em punho, rogam ás senhoras a quem se dirigem, o favor da assinatura, que hade levar a instancias superiores uma representação pedindo a entrada dos padres nas capelarias regimentais!...

Será um piedoso ato tendente a fazer *parar óstias*, a quem for ferido com uma bala no cumprimento do Dever!

Mas, o que nos não parece lógico é que, senhoras se metam em coisas de guerra e de... padres...

Isto é com homens. As senhoras, ficam em casa e muito bem, a tratar do *ménage* e, quando menos a dar pontos... em meias.

Pão caro

Já o era: agora encareceu mais, porque dizem: « não ha farinha de segunda para o fabrico de pão para os pobres... »

Pão mais caro e o resto da subsistencia num crescendo de preço medonho e, a não existencia dalgumas, numa falta aterradora! Sem embargo: lemos algures que se vai montar nesta cidade uma nova industria de panificação com capital subscrito e a subscrever, num montante a cem contos!

Não ha pão, não ha capitais tudo se retrai e limita ante a crise temerosa que atravessamos.

Mais não dizemos porque, francamente, não percebemos nada da *miséria* que por ali alastra...

Dr. Guilherme Moreira

Tem-se referido o nosso colega *Gazeta de Coimbra* á reintegração do sr. Dr. Guilherme Moreira como professor da Universidade e a proposito informa agora que este senhor não deseja a anistia, prefere ser julgado pelas faltas de que é acusado.

Ninguém dirá que não ficam muito bem ao sr. Dr. G. Moreira tais sentimentos; o que não se percebe é como eles cabem no mesmo saco dos que o tornaram ditador, candidato e chefe do partido, a presidente da Republica, e, quem sabe, talvez a consul e a imperador...

Muito tem progredido o bicho homem desde o Cro-Magnon até S. Ex.ª!

Desamparados da Virgem

Ha dias, perto da Guarda, na povoação dos Meios, quando um reverendo sacerdote e muitos fieis celebravam o *mês de Maria*, sem mais nem menos, sem aviso previo, como se diz agora, pregou-lhes Deus, que tudo faz e tudo manda, com a trave e telhado da capela em cima!

E' evidente que estavam abandonados da Virgem, que decerto não gostou do que leu lá por dentro daquelas almas. Puzeram-se pois a correr, não para Santo Amaro, que cura pernas e cabeças avariadas, mas em busca dos socorros da cirurgia humana, que ainda serve... para as faltas.

Excursão pedagógica

Conforme aqui noticiamos, foram a Leiria e á Batalha os alunos do terceiro ano da Escola Normal de Coimbra, acompanhados de alguns dos seus professores.

Após o percurso dos verdejantes campos de milho, listrados de lomas cearas de pragana; das amplidões de Lates, cobertas de vinhedos, e, mais adiante, de arrozais; da zona de pinheiros, embora triste, interessante para muitos pela paisagem nota que lhes osercia, chegaram finalmente a estação de destino. Ali os esperava o mais sincero e captivante acolhimento por parte dos briosos alunos da E. N. de Leiria, que em alguns automoveis os vieram receber e acompanhar.

Da estação para o hotel, pelas margens apraziveis do Lis, dominadas pelo castelo, no conjunto uma deliciosa miniatura de quadro de sonhadar e inspirado artista, succediam-se as manifestações de mutua simpatia, estabelecendo-se entre todos a mais franca camaradagem.

Passadas as ultimas horas do dia em percorrer o jardim e passeios da «doce Leiria», como lhe chamou Camões, retiraram para a sua secção, acompanhadas pela distinta professora D. Adriana Martins Ribeiro, as alunas de Coimbra, tendo os alunos tido liberdade de acompanhar com os seus colegas de Leiria.

Nas horas adiantadas da noite mais uma agradável surpresa esperava os que já se achavam recolhidos — ao longo da avenida do rio, por sob as janelas do Hotel Lis, uma maviosa serenata deslisava...

O dia seguinte, terça-feira, foi destinado especialmente á visita á Escola Normal e monumentos.

Pelas nove horas, passando rapidamente pela antiga catedral, obra da renascença, ali se dirigiram, sendo recebidos pelo Ex.ª Director, professores e alunos. Trocaram-se entre todos as mais calorosas saudações, cumprimentos de mutua estima e leal camaradagem, e ainda impressões sobre os interesses do paiz e da classe. Merece especial menção o aluno Leal, da escola de Leiria, que produziu um bem elaborado discurso, revelador de muita aptidão e nobreza de sentimentos. Terminou a improvisada sessão por vivas ás duas escolas, á camaradagem escolar, á patria e á Republica. A escola, ornamentada com flores e verdura, tinha um ar festivo da mais grata impressão.

No mesmo edificio da escola, antigo paço episcopal, visitaram os excursionistas a biblioteca municipal

pal e um nucleo de museu regional, a que o sr. Tito Larcher, seu conservador, dedica o mais carinhoso disvelo.

Em seguida foi a visita ao Castelo, aonde acompanharam a excursão os alunos e professores da escola, bem como o sr. Larcher, sendo todos de uma requintada amabilidade para com os visitantes e esmerando-se em explicar detalhes, em apresentar problemas de arte e de investigação histórica, que se ligam áquelas gloriosas ruínas.

Por algumas horas os excursionistas sentiram a impressão remota do viver agitado que por ali viveram os heroicos fundadores da nossa nacionalidade; já o coruscar das espadas valorosas de Paio Guterrez e de D. Afonso Henriques; já a placidez do triunfo e do progresso que levaram o rei Lavrador e a virtuosa Isabel de Aragão, encantados do sitio, a escolhe-lo para sua residencia, dando ao monte a sua fabrica mais bela, — o castelo apalaçado, que hoje se pretende restaurar.

Após o almoço foi a partida para a Batalha, bela romaria de arte e de civismo em que tambem tomaram parte os alunos e alunas de Leiria e o sr. Larcher.

Não é possível descrever a emoção que sempre desperta o grandioso monumento em quem, mesmo após repetidas visitas, o contempla nas suas linhas de beleza artistica na sua gloriosa evocação historica.

Excede tudo quanto se possa imaginar.

E nas nossas escolas devia ensinar-se, como dever civico, que todo o portuguez tem o dever de ir ali ao menos uma vez na vida! E' que a Batalha é uma epopeia de pedra sobre o nosso mais belo feito de armas. Isto e muito mais.

A' volta os carros rivalisaram em animação, sendo sobre todos notavel o Ripier, em que viajaram comodamente 34 passageiros!

Devido á amabilidade do sr. Larcher os alunos e alunas poderam ainda contratarnisar á noite numa simples, mas encantadora reunião.

No dia 7, após um passeio á S. da Encarnação, aprazível local suburbano á cidade, teve lugar o almoço e a retirada para a estação, onde, em virtude de terem de visitar as escolas locais, os alunos de Leiria não puderam ir, salvo algumas comovedoras excepções.

A' partida, porem, da explanada da escola, a meia encosta do castelo, toda a população escolar se manifestou, agitando os lenços e chapéus numa emocionante despedida.

A excursão, organizada e dirigida pelo professor sr. Dr. Guilhermino de Barros, foi uma bela lição e deixou a todos os excursionistas as mais gratas impressões, para o que muito concorreu a cativante e nunca esquecida gentileza do pessoal docente e discente da escola de Leiria.

Dr. Plínio Ventura

Em sessão de 2 do corrente, da Camara Municipal de Cantanhede, foi nomeado por maioria este nosso prezado amigo, para o lugar de facultativo municipal e sub-delegado de saúde da dita Vila.

Fez-se justiça finalmente, e o partido evolucionista e seus *arraujistas* tiveram tão somente, com esta resolução camararia, uma boa ocasião de medirem bem o alcance dos seus torpissimos meio de combate.

Transcrição

Com a devida vénia transcrevemos, hoje, do nosso brilhante colega *O Mundo* o editorial da *Resistencia*.

A sua oportunidade assim o exigiu, porque traduz o que pensamos sobre o desaparecimento de Lord Kitchener, que foi um eroico soldado da Inglaterra e um grande amigo de Portugal.

Falcão Ribeiro

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 13, 1.ª COIMBRA

Dia de Camões

No dia 10 do corrente, dia consagrado á comemoração do passamento do grande épico, realizou-se com esse fim na escola Normal desta cidade uma sessão solene, em que usaram da palavra, o director, sr. Dr. António Leitão, o aluno do 3.º ano Acacio Serra, o professor José Correia Marques Castanheira e o professor Dr. Guilhermino de Barros. Tambem recitaram poesias os alunos Antão Bouça, D. Beatriz Amaral, D. Idalina de Almeida, D. Adília Pinto dos Santos e Acacio Serra, sendo todos muito aplaudidos.

A sessão teve um caracter altamente educativo e patriotico, sendo tambem abrihantada com magnifica musica, quer de um sexteto regido pelo professor sr. Macedo, quer de canto pelos alunos, sob a direcção do mesmo eximio professor.

A sala estava artisticamente ornamentada, produzindo um belo efeito.

Tambem teve logar no mesmo dia uma exposição de trabalhos dos alunos e alunas, sendo aqueles trabalhos manuais em papel, madeira, etc., e estes trabalhos proprios do sexo feminino.

A exposição foi muito admirada, pelo numero e perfeição dos trabalhos expostos, que denunciam uma notavel competência e zelo da respectiva professora Ex.ª Sr.ª D. Adriana Martins Ribeiro.

Higiene dos cabelos

Coiro cabeludo e barba

por Jorge Barros Capinha

Aluno medico da Universidade de Coimbra

Livro útil a todas as pessoas, sob o ponto de vista da limpeza e tratamento higienico da cabeça e cabelos.

Trata dos seguintes assuntos:

Calvície prematura.

Limpeza e hygiene da cabeça.

Penteagem, escovagem e lavagem.

Loções e pomadas.

O penteado no homem é na mulher.

Higiene da barba.

Perigos que se corre nos salões de barbear.

Os cuidados que devemos ter.

Preço 32 centavos

Parte do producto da venda desta publicação destina-se á Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado desta cidade.

Vende-se na Livraria editora MOURA MARQUES e na Tabacaria Trindade, Largo Miguel Bombarda — COIMBRA.

Publicações Recebidas

A Amnistia e os funcionarios separados

Oferecido pelo seu autor sr. Pereira Victorino, deputado democratico, recebemos em edição da Imprensa Nacional o discurso que o nosso illustre correligionario proferiu na camara dos deputados em 14 de abril de 1916. Muito agradecemos a gentileza da oferta.

Hora Literaria

Recebemos e muito agradecemos o n.º 2 desta bem redigida revista literaria, que encerra interessante colaboração em verso e prosa e o retrato do nosso prezado amigo e dedicado colega da redacção dr. Jorge Capinha, acompanhado de palavras de merecido apreço, que em especial tambem muito agradecemos.

Ameno e Util

Prenda d'amor

Revolvendo as cinzas do passado,
Cinzas que são de dôr e sofrimento,
Só deles salvo achei um perfumado,
Viçoso ramo de azulado armênto.

Quiz descobrir porque não foi queimado,
Porque escapou do fogo, esse tormento,
E só notei que tinha um fio atado,
Côr do rutilo sol do firmamento.

E comigo pensei: — esta lembrança
Não a queimei na hora desesperada
Em que d'amores perdi o meu tesoiro,

Porque ma deste ó minha ideal creança,
O' minha doce eternamente amada,
Presas com um dos teus cabelos d'oiro!

17-5-1916

VIRGILIO SERRANO

Ao Acaso...

Manuel Correia Dias

Foi ha dias promovido a 2.º sargento, este nosso querido amigo que se encontra já em Tancos, com um dos batalhões de infantaria 23, que faz parte da divisão de instrução.

Belo espirito e corretissimo caracter a nossa amizade impõe-nos esta ligeira referencia a um facto com que muito rejubilamos.

Afetuosos cumprimentos de parabens.

Ladeira da Fôrca

Continua num vergonhoso estado a estrada ao fim da rua da Figueira da Foz, no sitio denominado Ladeira da Fôrca. Aquilo nem já é estrada; é um pedregal, em que a rocha natural aparece a descoberto aqui e alem.

Mal se diria que, quando aquele bocão de estrada passou das obras publicas para a camara, a titulo de estar dentro da cidade, onde as ruas reclamavam cuidados especiais, havia de ser para chegar a tão lastimoso estado, para dar uma amostra a quem por ali entra em Coimbra do que por cá é a administração camararia.

Para tal não valia a pena pôr o marco de separação a Casa do Sal, pois ele só tem servido, pela impropria posição em que está, para varias pessoas ali terem dado cabo das canelas.

Não se poderia meter empenho para algum dos senhores vereadores ter que fazer para aquele lado...

Soldados do 23

No domingo 3 do corrente seguiu de Lisboa para Moçambique o 3.º Batalhão do Regimento 23. Na sua passagem do quartel de artilheria 1, ao cais de embarque foram os briosos expedicionarios muito ovacionados pela população lisboêta e por parte das damas habitantes das ruas do percurso que sobre eles lançaram flores.

A despedida á largada do vapor foi o maximo enternecedora, agitando-se milhares de lenços numa patriótica manifestação de simpatia, a que os soldados correspondiam cheios de animo e coragem, para erguer bem alto o nome da Patria e da Republica.

Que voltem cobertos de gloria são os votos de todos os bons portugueses.

Ateneu Comercial

A direcção d'esta coletividade querendo concorrer, na medida do possível, para o desenvolvimento intelectual e moral da sua classe, acaba de adquirir uma maquina de Underwood com o fim de organizar um curso de Dactilografia, que funcionará juntamente com os da Por-

tugues, Francês, Escrituração Commercial, Contabilidade e Caligrafia já existentes.

As matriculas para o novo curso encontram-se desde já abertas na sede do Ateneu.

Justa reclamação

A *Gazeta de Coimbra*, chama a atenção do Sr. Director das Obras Publicas para o monospreso em que se encontram os taludes da estrada que conduz da Ponte do Mondego a Santa Clara, chamando-lhe justamente um dos mais lindos passeios de Coimbra, com a sua formosa orla de Ghoupos, etc. Fazemos nossas as palavras do colega: mas, acrescentamos, pedindo inadiáveis providencias no sentido de ser reprimida a mendicidade clandestina, com quartel *General* em Santa Clara, que faz dos bancos poiso de peditórios lamurientos e emperfiñentes, alem de oferecerem á vista um espectáculo nauseante e repugnante, com chagas e pustulas á mostra! De tal forma que desvia a concorrencia dos frequentadores da linda estrada, em face do espectáculo triste que se observa e arisca quem se sentar num dos bancos, á incomoda visita dalguns parasitas... Providencias Sr. Commissario de policia!

Desastre lamentavel

O Sr. Ruben Dias da Conceição, considerado e bem quisto 1.º aspirante dos Correios e Telegrafos desta cidade teve a infelicidade de, ha dias, ao sair do Teatro Avenida, cair sobre a perna esquerda, o que lhe originou uma luxação dolorosa e o que obriga a guardar o leito. Sinceramente anciamos pelas melhoras do simpatico funcionario.

Na morgue

Domingos Pereira Machado, de S. João da Madeira, foi repentinamente acometido de doença na estação da Pampilhosa.

Conduzido no comboio para esta cidade chegou cadaver, pelo que foi conduzido á morgue aonde se averiguará a causa da permatura morte.

Torneio de Tennis

No *Stand* da Cruz de Celas está aberta inscriçao para um Torneio de Tennis, que se realizará no dia 15 do corrente. A inscriçao encerrou-se a 8 e, as condições do torneio, são de molde a produzir entusiasmo entre os amadores daquele genero de sport.

A's escuras

O industrial e populoso bairro do Arnado continua ás escuras. *A tira negra* — assim se chama aquela arteria da cidade — não tem direito a iluminação, sem embargo de pagar para os cofres do municipio algumas centenas de escudos. E' que ali só móra gente que não tem as-

sento nas cadeiras municipais. Se lá morasse algum vereador acender-se-iam os candieiros existentes e que ali estão como espantalhos a fazer fugir a arguciosa providencia dos édis. Se não os acendem tiremos dali evitando que, de novo, os gatunos voltem a roubar-lhe a tubagem de chumbo como já fizeram ha dias...

Retrato artistico

Abel Eliseu é um novo, mas cheio de esperanças na arte a que se dedicou, a sublime arte de Rubens. A firmar os creditos do novel pintor estão os trabalhos expostos na ultima exposiçao da *Escola Livre* e, modernamente, uma pequena tela contendo o retrato do ilustre senador Dr. Pires de Carvalho, cheia de traços anatómicos e beleza de colorido, naturalmente dispostos a firmar o nome do seu autor que, a querer continuar, será mais um nome na pjeidade dos artistas de Coimbra.

E que continue, são os nossos votos...

Romaria

Em Santo Antonio dos Olivais procedeu-se á montagem de postes e respectivos fios para a iluminação elétrica do aprazível local, por meio de lampadas e arcos voltaicos o que, decerto, tornou á noite mais concorrida a tradicional romaria do Espirito Santo, uma das mais pitorescas do distrito e a que afluem milhares de pessoas.

A energia para montagem da luz elétrica é fornecida pelas maquinas da camara.

Kermesse

Continuou na quinta-feira ultima, no « Jardim Escola João de Deus » sendo sorteadas e vendidas muitas e valiosas prendas. A banda do 23 fez-se ouvir-se das 20 ás 22 horas e muito agradaram as danças populares, exibidas pelos alunos da simpatica instituicao, bem como os fados e canções caracteristicas executadas por um grupo de academicos. E' digna de elogio a direcção do « Jardim Escola » pelo brilhantissimo que dá aos seus festivais.

A Associação dos Artistas presta homenagem ao sr. dr. Artur Leitão.

Por proposta do sr. Adolfo Teles, aprovada por aclamação, resolveu a Associação dos Artistas, em sua sessão de 27 de Maio findo conferir ao ilustre deputado, o diploma de sócio benemerito e que pelo aniversario do falecimento de seu pai todos os anos se asteasse em sinal de lucto, a meia aste a bandeira da associação.

CASA LONDRES

DE

Antonio Marques

62, Rua Ferreira Borges, 68 - COIMBRA

Afaiataria

Contra-mestre

habilitadissimo

Camisaria

COMPLETO SORTIMENTO

EM

CAMISAS E GRAVATAS

Pede-se que visitem esta casa

Sociedade

O nosso correligionario e assinante Sr. Alberto Duarte Azeosa completou no dia 8 mais um aniversario natalicio. Felicitamos o nosso amigo, que é um devotado propagandista do movimento associativo e zeloso Presidente da benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra.

Tambem passou o aniversario do galante Alberto filho dileto do nosso correligionario Alberto Viana, a quem apresentamos, bem como aos avós do petiz os nossos parabens.

O Carlos Gonçalves de Melo filho do nosso colaborador Angelo de Melo completou, no dia 10, 14 risosinhos primaveras.

Parabens ao enéabranco Adalberto que, se brincar menos, será amanhã um defensor da Patria...

Esteve hoje em Coimbra o nosso amigo e valioso correligionario de Tentugal Sr. Beja da Silva.

Cumprimentos!

A sulfatagem das vinhas

Estando os vicultores receosos de uma proxima invasao do « mildium » e dada a circumstancia do encarecimento do sulfato de cobre mr. Sernichon acaba de expor á Academia de Agricultura de França um estudo sobre o sulfato de cobre contra aquela temivel doenca das vinhas, preconizando as soluções simples de 250 gramas da sulfato de cobre em 100 litros de agua, solucao esta que mr. Sernichon considera mais eficaz do que as caldas neutras, como são as bordalezas.

Recomenda tambem a applicação dos pós cupricos de combinação com os tratamentos liquidos.

Segundo a fórmula indicada pelo sr. Joaquim Belford, a dose de sulfato de cobre é tambem de 250 gramas em 100 litros de agua, a que se juntam 35 gramas de cal hidratada (massa de cal). Por este processo a solucao torna-se aderente, mais aderente mesmo do que a calda bordaleza, e põe todas as as vinhas a coberto de qualquer risco de queima. Pela applicação da calda

acima recomendada pelo sr. Belford, ha uma economia importantissima, porque somente é necessario aplicar a sexta o oitava parte do sulfato de cobre e com a vadtagem do tratamento ser mais eficaz.

Já no ultimo congresso internacional de viticultura de Lion de 1914 as caldas acidas foram as mais recomendadas.

Atenção

O abaixo assignado, proprietario, foi nomeado pelo Digno Presidente do Tribunal Commercial de Coimbra, em harmonia com o decreto publicado no *Diario do Governo* de 9 de março de 1916, Administrador e Depositario nesta cidade, dos bens dos inimigos e, nesta qualidade, vai proceder á cobrança dos ditos bens já arrolados e dos mais que se arrolarem.

Coimbra, 12 de Junho de 1916.

José Maria Mendes d'Abreu

Serviço da Republica

EDITAL

Distrito de Recrutamento n.º 23

FAÇO SABER que, em virtude de ordem superior, todas as praças prontas da instrução pertencentes a este Distrito de Recrutamento que possuam, pelo menos, o curso do Colegio Militar, ou o curso completo dos liceus, ou o primeiro ano dos cursos dos institutos industriais e comerciais que não exijam para a respectiva matricula o curso dos liceus, devem apresentar na secretaria deste Distrito (Rua da Sofia), ou enviar por intermédio da autoridade administrativa da sua residencia, as certidões comprovativas das suas habilitações literarias, no prazo maximo de dez dias a contar da data deste edital.

Quartel em Coimbra, 12 de Junho de 1916.

Pelo chefe,

Francisco Amancio de Lima Corado.

Major

Augusto Pais Martins dos Santos

Cela - COIMBRA

Completo sortido
de todos os artigos de mercearia

Vinhos e tabacos

PREÇOS SEM COMPETENCIA VENDAS A DINHEIRO

Dão-se BONUS de 2 %o, pago em fazendas, em troca de senhas, no valor de 50\$00 esc. (50\$000 réis), fornecidas pela casa.

Farmacia Gomes

Oliveira — COIMBRA

Escrupuloso aviamento de
receituário a qualquer hora.

Variado sortido de especia-
lidades e medicamentos novos.

TUNEL AVENIDA

Estabelecimento de Merceria, Vinhos
e Tabacos

Generos sempre de 1.^a qualidade.
Recomendamos os vinhos da nossa
casa. Preços modicos.

Viuva de Augusto R. Oliveira Palbinha

Largo Miguel Bombarda, 7, 9, 11
Coimbra

TOMÁS TRINDADE

COM ESTABELECIMENTO

DE

Tabacaria — Papelaria — Loterias

E

PERFUMARIAS

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais, Illustrações,
Revistas nacionais e estrangeiras

Deposito da Imprensa Nacional

Para venda das Publicações e Impressos do Estado e «Diário do Governo»

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia e vistas de Coimbra

DEPOSITO DAS AGUAS DE: Monfortinho, Fonte Nova
da Quinta do Arieiro
Caldas da Rainha), Casais (Caneças), Aguas Santas de Carvalhelhos
(Boticas).

Tem á venda aguas de: Luso, Curia, Amieira, Vidago, Melgaço,
Mouchão, da Povoia, Vidago Salus, Monção, Vidago Sabroso, Pedras
Salgadas, Pizões de Moura, Charnixe, Vidago Campilha, Lombadas, etc.

AGUAS AO COPO

CARIMBOS

CARTÕES DE VISITA

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 11, 13, 17

TELEFONE N.º 559

ANTONIO DAS NEVES ELISEU

Pintor decorador

COIMBRA

A Industrial Decorativa

Escritório das oficinas
e casa de vendas, Rua da Sofia, 38 a 40
Telefone n.º 565

OFICINAS

DE

Pintura, Escultura

E

Douradura

Rua da Manutenção Militar, n.º 3

Fabrico de imagens em madeira
e barro, andores lisos e de talha dou-
rada.

Pintura e encarnação de imagens.
Carros alegóricos e ornamentações
de fantasia para receções, saraus, bai-
les e outras solenidades civicas e re-
ligiosas.

Aluguer de coretos, arcos triunfais,
colunas e vários objetos ornamentais
em pasta.

FABRICO EM CARTÃO ENDURECIDO

DE

BRAZÕES ORNATOS PARA TETOS, ETC.

OFICINA

DE

Pintura de carruagens

E

Automoveis

RUA DA NOGUEIRA — 36

OFICINA DE SEGERIA

Rua da Nogueira — 6

Eduardo Ferreira Arnaldo

SOLICITADOR

Encarrega-se de todos os ser-
vicos judiciais e cobrança de
dividas.

Rua da Sofia 33 — 1.^a

COIMBRA

LANIFICIOS DA MODA

O mais completo sortimento de casimiras, cheviotes e
flanels para fatos d'homem e creanças, encon-
tra-se na

Casa de mercador

DE

Augusto da Silva Fonseca

Rua da Sofia, 2 a 3 — COIMBRA

tambem se encarrega da execução de qualquer obra
de alfaiate. A maior modicidade nos preços em todos
os artigos.

Os mais lindos POSTAIS

Vendem-se na

TABACARIA E PAPELARIA

Crespo

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita, Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 — 27, R. Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

DROGARIA

Productos quimicos e especialidades farmaceuticas

Aguas Minerais

ARTIGOS de PINTURA — Tintas, po-
vernizes, etc.

Perfumarias

PAPELARIA

Grande variedade em artigos de papelaria.

desenho e escritório

Artigos fotograficos

Nesta casa ha sempre um variado sortido em todos os artigos
para fotografia.

Aparelhos fotograficos desde 1\$00

Sempre novidades em papeis

Grande sortido em cartões

Ha sempre catalogos das casas fornecedoras e fornece todos
os aparelhos pelos preços dos catalogos.

Manuel Pereira Marques

33, Praça 8 de Maio, 36

COIMBRA

ESPINGARDARIA CENTRAL

AMANDIO DA COSTA NEVES

Sucessor de Clemente Ribeiro dos Reis

Espingardas, revolvers e pistolas. Polvoras. O maior
sortido de artigos para caçadores. Artigos para sport.
Munições de caça e tiro. Reparações em armas. Arreios
para cavalaria e trens. Malas para viagem. Fundas.

COIMBRA

105 — Rua do Visconde da Luz — III

TELEFONE N.º 604

MOURA MARQUES

Livreiro-Editor

COIMBRA

PORTUGAL

Arsenal completo de instrumentos cirurgicos

Material escolar — Grande deposito de livros

de Medicina e Direito

DEPOSITARIO EM COIMBRA

Das livrarias « Aillaud, Alves & C.ª », « A. M. Teixeira », Magalhães & Moniz,
limitada e das edições das extintas empresas literarias: « Tomás Bordalo Pinheiro »
e « A Editora », hoje propriedade da casa Aillaud, Renascença Portuguesa e das
obras do falecido conselheiro Dias Ferreira, Cod. civil, 4 vols. — Codigo do processo
civil, 3 vols. — Novissima reforma judiciaria, 1 vol.

ULTIMAS NOVIDADES:

ALVES DOS SANTOS — *Filosofia scientifica*, 1 vol. \$80.

MANUEL DE NORONHA — *Nun'Alvares Heros e Santo*, 1 vol. \$50.



RESISTENCIA

DIRECTOR E EDITOR
J. Falcão Ribeiro

Bi-semanario do Partido Republicano Português no Distrito de Coimbra

ADMINISTRADOR
Eduardo Gomes

ASSINATURA: 65 centavos por trimestre. Para o estrangeiro acresce o porte de franquia.

Propriedade da Empresa

Administração: R. Direita, 9 a 13

ANUNCIOS — Preços convencionais. Não se restituem originaes

Publica-se ás Quartas-feiras e Sábados

Composto e impresso na Tip. Popular, Rua da Moeda, 12-14 COIMBRA

Uma sessão historica

A sessão do congresso de 7 de agosto assume para Portugal as proporções de um grande acontecimento histórico.

Nunca a nação portuguesa gozou de um maior prestígio, de uma maior consideração mundial, do que a que, pela nossa correctissima attitude no conflito europeu, actualmente nos é dispensada pelas nações aliadas.

O antigo esplendor da nação portuguesa voltou a fulgurar no horizonte. Portugal já não vive apenas das suas tradições da sua historia; Portugal vive, redimido pela Republica, para o conceito das nações que, tendo luctado lado a lado, na mais espartosa guerra, um nobre e amada civilização que usou ao mundo a liberdade e a honra mais sublime, não do amargura saber um mundo novo, remodelar a face da terra em conformidade com os interesses do ideal que defenderam.

Na sessão de segunda feira os illustres ministros, que dos interesses portugueses foram tratar ao estrangeiro, deram conta ao Congresso da sua missão, cujos resultados se traduzem nas duas notas, uma relativa á nossa cooperação financeira e outra relativa á nossa cooperação militar com os aliados, que em seguida publicamos:

«O governo inglês combinou com o governo português fazer-lhe tantos empréstimos quantos forem necessários para o pagamento de todas as despesas que, para fins directamente relacionados com a guerra, os dois governos concordem que é necessario efectuar na Gran-Bretanha ou, excepcionalmente, noutros países aliados...

O governo inglês fará estes empréstimos ao governo português nas mesmas condições em que levanta dinheiro de tempos a tempos por bilhetes do Tesouro. O total emprestado ao governo português será por este pago ao governo inglês dentro de dois anos a contar da assinatura do tratado de paz, com o produto de um empréstimo externo, que será negociado por Portugal e para cuja emissão o governo inglês dará todas as facilidades possíveis.»

Os srs. Afonso Costa e Augusto Soares, ministros portugueses das finanças e dos negocios estrangeiros, confirmaram, em conversação com o principal secretario de Estado de sua magestade para os negocios estrangeiros, o facto de Portugal, pelas decisões do seu Parlamento e pelo unanime sentimento do seu povo, se ter invariavelmente collocado ao lado da Gran-Bretanha. Portugal sentiu que acima de tudo devia proceder como antigo

aliado da Gran-Bretanha, para o que tem estado e continua a estar pronto. Portugal deu provas disso em todas as occasiões e especialmente quando os navios alemães foram requisitados, facto que conduziu á declaração da guerra pela Alemanha a Portugal. O governo de sua magestade plenamente reconhece a lealdade de Portugal e assistencia que já lhe está dando, e cordalmente o convida a uma maior cooperação militar ao lado dos aliados na Europa, em tanto quanto ele se julgue capaz de a prestar. A comissão de guerra está sendo consultada com respeito ás providencias que serão propostas para assentar nos preparativos necessarios.

As serem conhecidas estas duas notas a câmara e as galerias irromperam numa vibrante e prolongada manifestação de enthusiasmo.

No sessão descreveu sobre tudo interesse a narrativa feita pelo illustre ministro das finanças sr. Dr. Afonso Costa da sua missão ao estrangeiro. Referiu-se S. Ex. á participação de Portugal na conferencia economica dos aliados, ás inexcusaveis provas de deferencia de que foram alvo os nossos ministros em França e em Inglaterra, ao resultado das negociações que constam das notas acima e á questão da utilização dos navios ex-alemães por parte da Inglaterra.

A proposta inglesa era para a compra desses navios a Portugal; o ponto de vista do sr. Dr. Afonso Costa, que triunfou finalmente, era para a cedencia temporaria, voltando os navios á posse de Portugal findo o estado de guerra. Eis as palavras de S. Ex.:

«Assim, alugaremos a uma comissão representante do governo inglês todos os navios que agora nos não forem precisos para as nossas urgentes necessidades. O frete será de 14 shilling e 3 pences por tonelada bruta e por mês, pago adiantadamente de 6 em 6 meses, e durará até ao fim da guerra e mais 6 meses. Se a tonelagem total alugada for de 180.000, como se calcula, o rendimento dos respectivos navios será de 128.205 libras por mês ou 1.538.460 por ano ou, ao cambio actual, cerca de 900 contos por mês ou 10.800 contos por ano. Pela venda, como o governo inglês propunha, receber-se-ia aproximadamente 2.400.000 libras; isto é, o que em cerca de ano e meio se vem a receber com o simples aluguer, voltando os navios ao nosso poder sem nenhuma especie de encargo salvo as reparações. Além disso, a comissão inglesa compromete-se a segurar os navios contra todos os riscos, não já pelo chamado preço normal, mas por um pre-

ço correspondente ao mais alto que os navios mercantes teem obtido até agora. Conseguiu-se que esse seguro fosse de lb. 20 por cada tonelada bruta ou — o que é bom acentuar, mais uma libra do que o preço pago pelo sr. Hughes, primeiro ministro da Australia, por cada tonelada dos navios que adquiriu recentemente.

Se qualquer navio desaparecer por algum incidente, Portugal receberá tantas 20 libras quantas as toneladas brutas que esses navios representem. Mas ha ainda a notar mais. Os officiaes e marinheiros portugueses receberam os salarios correntes em Inglaterra, que são os mais altos de todo o mundo, e estabeleceu-se tambem a clausula de que, seja qual for a causa por que o navio esteja impossibilitado de navegar, o frete seja pago integralmente. Tais são as principais condições em que foi regulado este assunto, que já antes da requisição dos navios era objecto de nego-

ciações e de estudo por parte do governo português. Parece-lhe ter-se acutelado a nossa aspiração de possuirmos uma importante marinha mercante, aproveitando os perigos e riscos que a guerra nos acarreta, e ao mesmo tempo, por uma especie de compensação, fazer-se o desenvolvimento economico em todos os seus aspectos.»

Foi tambem notavel de bom senso e de patriotismo o discurso do sr. Dr. Antonio José d'Almeida, illustre presidente do ministerio. Não nos permite a falta de espaço dar dele sequer um extrato; preferimos pois no proximo numero inseri-lo na integra.

E assim o governo, de que Portugal pode orgulhar-se e a quem todos os portugueses dignos deste nome devem agra-

decimento e apoio, deu conta ao parlamento, que é como quem diz á nação, da maneira porque, nesta hora difficil, tem encamiuhado os nossos destinos.

Não deixou de haver na sessão do dia a nota azeda do camachismo, — a inconstitucionalidade (ele só acha constitucionais as ditaduras, enquanto lhe prometem deputados) e a nota hilariante, nota fiavel, coroada de rrisos, do Celorico — que lamentava ter o governo vindo ao parlamento com uma bagagem tão pobre!

Dr. Pires de Carvalho

Encontra-se nesta cidade, tendo regressado de Lisboa, este nosso presado amigo e illustre deputado por Coimbra.

Do Governo da Republica

A Universidade de Coimbra, com honrosissimas excepções, esta entregue a um bando de jesuitas e de jacobinos. Na Faculdade de Direito a maioria dos leites é reaccionista e germanofila. Das duas uma: ou o governo nos dá professores liberais, cumprindo o seu dever e defendendo a Republica ou o governo está secundando um crime de alta traição!

Comêço a escrever este artigo de madrugada. Os candieiros foram apagados ha mais de duas horas, e no escuro da noite, negra como breu, aparece simplesmente a reluzir uma ou outra estrela na abobada celeste.

Na cidade tudo está em socego, apenas cortado de quando em quando pelos gemidos duma guitarra, que ao longe alguns bohemios tângem, fazendo-a soluçar duridamente!

Sento-me á minha mesa. O que vou a escrever sai-me do meu coração. Vou falar da Universidade. Desta Universidade que está tornada num coio jesuitico, onde a Republica ainda não entrou, e onde a perfidia do professor cavou entre ele e o aluno a maior das barreiras. Eu sou estudante republicano, e é por isso mesmo que resolvi apparecer á estacada para mostrar que ainda ha quem não trema diante das suas investidas de lobo.

De resto eu não venho só para mostrar que não lhes tenho medo; venho tambem porque são eles que para cá me empurram, mercê das suas attitudes de homens afeitos ás artes do assassinato. Sim, não vos tenho medo. Nem a cada um de per si, nem a todos juntos!

As vossas pistolas não se erguerão contra mim, porque, se o fizerem, ou hão-de matar-me, ou vós heis de rojo pedir perdão para a vossa monstruosa attitude. Sois reaccionarios. A palavra da liberdade estoura-vos a cabeça! Nós outros, os estudantes republicanos, temos em vós os mais encarniçados inimigos. Quem levantou a cisania foram vocês, não fomos nós.

A guerra está declarada. D'um

lado estais vós, reaccionarios e jesuitas, do outro estamos nós, republicanos e liberais. Pois bem, seja assim. Aceitamos o desafio. Quem as tem é que as joga.

Eu sei bem com quem estou metido. Um de vós andou já de armas na mão contra a sua Patria, ao serviço da Companhia de Jesus!

Matou ele e os seus apaniguados o malgrado administrador de Cabeceira de Bastos, que honrosamente soube cair no seu posto, defendendo a Republica! Envenenou fontes e adegas, incendiou e roubou, praticou crimes de bandido, e por fim veio rojar-se covarde e submisso aos pés da Republica, que ele tinha amordaçado, para depois melhor lhe poder ainda cravar a sua dentadura ascorosa!

Os outros são do mesmo jaez. De figura sinistra, de aspecto feroz e jesuita; infundem ao mesmo tempo repugnancia e nojo.

Defensores dos principios mais obtusos e retrogrados, entregam-se ao passatempo de perseguir os estudantes que tem a hombridade de se afirmar altivamente rebeldes ás suas doutrinas anti-patrioticas e vis.

E como se isto não bastasse, á ultima hora, em plena Universidade, apontam ao peito dum estudante uma pistola assassina! Não, isto não pode ser!

Eu, que nunca andei armado, aqui declaro que não mais transporei a Porta Ferrea sem levar uma pistola aperrada para o que der e vier!

A culpa não é deles! A culpa é do Governo unicamente. E a minha alma agora cobre-se de luto, e o meu cerebro quer estalar o cráneo, revoltado, porque diante dos

meus olhos passam as pobres e santas victimas do 14 de maio!

O seu espectro faz-me tremer de medo e de remorso. Tenho a minha quota parte de responsabilidade nesta revolução. Mas eu andei de boa-fé.

Não julguei que tamanha infamia se viesse a dar. Não acreditei nunca que as promessas feitas aos revolucionarios fossem tão miseravelmente traídas. Canalhas! Olhai para isto.

Por causa da vossa traição os republicanos são vexados e perseguidos, por monarquicos e conspiradores. Os ultimos acontecimentos universitarios assim o provam. Não, isto não ha-de continuar assim. Ainda se me não acabou a fé.

A revolta é um direito sagrado. Vamos a ela, já que não temos mais para onde apelar. Eu sou novo e relativamente forte. Trabalharei de sol a sol para arranjar o pão de cada dia para mim e para os meus! Mas isto não ha-de assim continuar. Estão três estudantes processados. Três victimas Republicanas, que pela Patria e pela Republica tudo tem feito.

Está a desenrolar-se mais uma infamia. O que sucederá? Estou a tremer.

A vista varre-se-me dos olhos. Não; a minha attitude está definida!

Serei solidário convosco. A vossa causa é a minha causa. Sofrerei o que vós sofrerdes. Pela Republica estive eu preso um dia e vós solidariesaste-vos comigo. Não vos faltará neste momento o meu apoio. Não tereis muito com quem contar nesta Universidade, em que o aluno

subserviente anda esmagado com a lembrança do professor.

Mas podeis contar comigo. Eu sou caçador e já tenho entrado em batidas ás feras.

Vêdes por isso que eles me não amedrontaram. Mas o que é necessário é que de hoje em diante tratemos o mestre como ele deve ser tratado.

Se alguma pena vos fôr aplicada a minha voz ha-de erguer-se diante do povo desta cidade a rogar-lhe que me ajude a incendiar aquele covil de bandidos.

Já que as coisas chegaram a este ponto, o caminho é para a frente. Tremar nesta altura, seria receiar. E nós sômos incapazes de tremer!

Não nos move nenhum intuito contra esta cidade da qual sômos as mais gratas recordações. O que queremos, nós, estudantes republicanos, é que o governo nos dê professores que estejam á altura da sua missão.

Mostremos quem sômos e o que valemos.

Unamo-nos como um só, e esperemos a sua arremetida.

O Governo que evite se quizer os grandes acontecimentos que por certo vão desenrolar-se.

Nós é que não podemos estar a mercê de bandidos que dentro da Universidade nos alvejam de pistola.

A defesa individual é garantida na lei e por isso, em nova façanha se reeditando, aqui se previnem os meliantes: ou hão-de matar ou tem de morrer!

Fernandes Martins.

D. Francisco T. Coutinho da Silva

Acaba de falecer, na respeitável idade de 82 anos, em Montemor-o-Velho, o illustre cidadão e homem de bem Dr. Coutinho da Silva, que durante 50 anos foi conservador do registo predial naquela comarca. Varão virtuoso, de uma só cara e de uma palavra, na sua longa vida ninguém, que com ele viveu de perto ou de longe, pode apontar-lhe com justiça uma linha de caracter ou um acto reprovável.

Sempre afastado das lutas políticas, não criou odios nem preferências e em toda vislumbre deixou um amigo. Que restança em paz venerando e casto homem.

A seu genro o nosso querido amigo e correligionario Sr. Dr. Filista Loureiro e a sua Ex.^{ma} Família a expressão do nosso mais sincero pesar pelo luto que os feriu.

Para Escola de Guerra

Conspiradores, postos na rua

Não foi em vão o apelo da Resistencia feito num dos ultimos numeros ao illustre Ministro da Guerra, sr. Norton de Matos, no sentido de cerrar as portas da Escola de Guerra aos conhecidos monarchicos e autenticos conspiradores Homem Cristo, filho, e Mario Pessoa.

E' que estes meliantes, fálhos de escrupulos e sem a menor parcela de dignidade, depois de conspirarem contra a Republica, de apregoarem a sua independencia monarchica de tartufos, ainda ousaram alimentar a ideia de servir o regime democratico como futuros officiais do glorioso Exercito Portuguez, apresentando-se para isso como candidatos á Escola de Guerra.

Para traz, bandidos da Terra Portuguesa e da dignidade propria. O lodo e o banditismo que vos enche a alma, vexando a Patria, desonrava o leal e valoroso Exercito da Republica.

Para traz!

Bem haja o illustre Ministro da Guerra que, ouvindo as palavras de justiça e os protestos dos bons servidores da Republica de que a Resistencia se fez eco, não consentiu, porque não podia consentir para decoreo e prestigio da Democracia e do exercito republicano, que dois bem conhecidos e fidadais inimigos das instituições, manchassem com a peçonha do seu odio e da sua indignidade, a briosa farda dos actuais alunos da Escola de Guerra.

Homem Cristo, filho e Mario Pessoa, que chegaram a ser admitidos nesta escola, foram postos fóra dela por incapacidade militar — é a noticia que temos. Defenda-se a Republica.

Para a guerra... pela gloria e honra de Portugal

Portugal reviveu, elevou-se no conceito de todas as nações do mundo civilisado.

A fé, o valôr da sua raça, despertando com o advento da Republica, foram por esta elevadas até o nivel das gloriosas tradições do seu passado.

E' a ideia que todos os bons portugueses acalentam acerca da sua Patria, com verdadeiro amor e justo desvanecimento...

Portugal reviveu... Portugal revive!

Do monturo monarchico, eivado de todos os crimes e de todos os vicios... de todas as deshonras e de baixezas morais para o bom nome colectivo do povo portuguez... de todo esse monturo, o sólo querido da Patria, fertil dum passado glorioso e invejavel, fez brotar esta nova hera que a aragem da Republica engrandecida bafeja...

E quem não descria com toda a razão dos destinos do pais antes de 5 d'outubro de 1910?

E quem ha ahi, bom cidadão, verdadeiro portuguez, que não aprecie, sinceramente, e com justiça, a obra verdadeiramente grande e admiravel do regimen republicano?

Sem referirmos factos passados, bem conhecidos e bem palpaveis, significativos de quanto a obra republicana, tem vindo, crescentemente, levantando cada vez mais a força moral e material da terra portugueza, olhemos rapidamente o presente, que, com tanto orgulho, alimenta de patriotismo o coração portuguez.

A sessão parlamentar do dia 7 de agosto corrente, revestindo a importancia e a solemnidade dos grandes acontecimentos historicos, teve bem o condão de mostrar de uma maneira insosfismavel e ineluctavel, que a Patria, em promover as mais justas aspirações do povo portuguez.

A correr...

"Diario Nacional"
 Jornal monarchico da manhã
 A apparecer brevemente
 Director..... Aires d'Ornelas
 GAITEIRO
 Sub-director.... Anibal Soares
 BOMBO
 Director-gerente . José de Sucena
 CAIXA DE RUFO

O grifo é nosso. Venham de lá, seus gaitesros... Cá estamos de braços abertos e com iluminação á veneziana para os receber: é notem, que já mandámos fazer os foguetes, que são quasi todos de bomba real, com excepção dumas duzias que são... *dassobio*, para que a festa seja completa. Os de lagrimas ficam para mais tarde, porque os não ha feitos!...

Continuando

Vejam os leitores o que diz o *Primeiro de Janeiro* de domingo ultimo:

«Por desrespeito ao hino nacional — No 2.º juizo de investigação criminal prestou hontem fiança de 500\$00, o negociante Bernardo Tavares Coelho, da rua do Carmo, que tendo sido pronunciado por desrespeito ao hino nacional, foi ante-hontem capturado recolhendo á cadeia, como dissemos.»

Isto deu-se no Porto, na cidade invicta... Não foram de certo, as lições de

Não seria necessario para radicar no espirito consciencioso de todos os bons patriotas, que de sempre sentiram a glorificação da Patria com a Republica, que esse dia revelasse pela boca do parlamento a situação honrosa e altiva do paiz.

Os factos desenrolavam-se nitidos, os republicanos dormiam tranquilos, desprezando, com convicção e fé na obra dos estadistas republicanos, as invenções fantasticas e raiosas que os maltrapilhos monarchicos e de alma suja não deixam de urdir na sombra contra a nação... que iam afundando e que a Republica fez resurgir.

Dois grandes Ministros e dois grandes portuguezes, Afonso Costa e Augusto Soares, alargando os horizontes gloriosos de Portugal com a Republica, excederam tudo quanto de mais sublime ha para a victoria dum Patria, ainda ha pouco vilipendiada, escarnecida sob a ação dos governos monarchicos que criminosamente a sujavam na sua vida fisica e moral.

Filho do Dever, paladino do Direito, generoso e heroico defensor da Civilização, Portugal vai para a guerra, quer prestar «uma maior cooperação militar na Europa»...

E' Portugal que desperta com a Republica, honrando a letra de seus tratados, promovendo a justa glorificação do seu nome...

E' Portugal que cria com desvanecimento e orgulho para nós portuguezes, uma politica internacional de destaque e de respeito que nos fará engrandecer e prosperar...

E' Portugal que resurgiu no conceito do mundo civilisado...

Patriotas! Vamos para a guerra, que o mesmo é irmos para a Glória e Honra de Portugal!

Jabáa

civismo que aqui apontamos que deram logar ao facto.

Ali cumpre-se e ha quem faça cumprir...

Aqui fica, de remissa uma interrogação:

Ha, ou não ha Lei, para fazer cumprir o respeito devido ao hino nacional?

Se não ha tomem as senhoras *talassas* conta da «cartilha de civilidade»... para seu uso...

Ou na Belgica ou eá

O Kaiser em Namur cidade belga, foi visitar o convento das beneditinas, a cuja superiora perguntou em que podia ser-lhe agradável, pergunta essa a que aquella religiosa respondeu secamente, dizendo que não queria ficar devendo nada aos agressores do seu paiz.

Se fosse por cá havia menino que lhe pedia logo o logar de commissario de policia...

Amarrado com arames

Pois, senhores, nada menos. Um conspirador assim appareceu em Madrid, debaixo da ponte de Isabel II. Carlos Pinto Alberto, se chamava e disse á policia, que em tal estado o encontrou, que compatriotas seus assim ali o tinham deixado. Queria decerto insinuar que seriam republicanos, como se gente honesta pudesse entreter-se com tal comedia. Não pega, porém. Republicanos, se lhe puzessem a mão, seria por forma diversamente significativa...

Para o prender com arames, em sitio de tão facil acesso, só amigos e colegas lá dele. Fóra, que cheira a *truc*.

Um mazamarro bêbado e assassino

Do Seculo na correspondencia do Porto:

«O abade encomendado da freguesia de Parada, rev. Adriano Vieira, em meio duma altercação que tivera, ao que afirmam varias pessoas, provocado pela embriaguez em que se encontrava, começou disparando o revolver sobre os individuos que se haviam juntado, indo um dos projeteis ferir a Maria Lourenço, que no dia seguinte foi transportada para esta cidade e recolhida no hospital, onde veiu a falecer tres dias depois.

O padre causador da morte foi preso e entregue ás autoridades judiciais, que reclamaram para esta cidade a exumação e autopsia ao cadaver, que amanhã deve ser desenterrado no cemiterio de Agramonte e conduzido para a Morgue da Faculdade de Medicina.

Fazem destas em nome de Cristo.

E' pouco!

Sumariamente foram julgados no Porto uma estalajadeira, seu filho e uma creada porque num coio onde habitavam e que a policia assaltou, se pervertiam creanças, sendo a estalajadeira condenada em 10 dias de prisão e 19 escudos de multa e os outros absolvidos.

Para crimes destes foi pouco!

A manigancia dos fosforos

No Porto reúnem na sexta-feira os delegados de todas as associações para protestarem contra a má qualidade dos fosforos, que é uma autentica burla.

Quando porá o governo cõbro a estas manigancias?!...

Agencias anonimasII...

Montou-se ha pouco, a uma agencia, com o fim de deitar a terra o nosso jornal, andando de porta em porta, fazendo e levantando quantas atoardas e infâmias de que são capazes, contra os nossos amigos, Director e Administrador.

Podem porém estar descansados, que a Resistencia nunca teve tanta resistencia. E vizes de... não alegam ao céu.

Ets em breve da voltam!

Aos que mordem... na sombra...

Do livro *Pensamentos* de Paulo Mantegazza, recortamos:

«O homem não é o bípede implume de Platão, nem o *Homo sapiens* de Lineu, nem uma intelligência servida por órgãos: é o animal hipócrita por excellência: é o animal em perpetua contradição com o que diz e com o que faz, com o que ensina e com o que pratica».

A anormalidade da vida obriga muita gente, a ser justa para uns e injusta para si proprio...

E' uma teoria vulgar e de efeitos quasi sempre improcedentes. Porque, esta coisa de a gente querer julgar os outros sem ter direito de nos julgarem lembra aquella historia dos grilos do Padre Potagonia, que se comeram um ao outro!...

Alguem que produz, ou póde produzir alguma coisa, num meio restrito, que se saliente na nebulosidade da tacanhéz de espiritos eivados de imbecillidade, é logo apodado de *pedante!*...

Se eles, os imbecis, pegassem, por acaso, no livro de Zola «*La Bête Humaine*» encontravam nas suas paginas, dum realismo convincente e logico, o espelho donde transparecia o rosto alvôr das suas caricaturas definidas por Mantegazza!

Mas, não leem, não veem nada mais do que seja o noticiario barato dos jornais de grande circulação: e, as locubrções dos seus espiritos tacanhos e propensos á má fé envolvem, na promiscuidade da perfidia, envolta com a ignorancia mais crassa, um cunho de ataque indirecto, proprio dos cobardes, aos que moralmente lhe suplantam o valor semi-nulo dos seus encéfalos avariados!...

Já Camilo dizia: Aonde ninguem vê nada, estão

ladeiras de multos abismos! Ha ali muita gente transviada na verdade que os leva ao deserto sem horizontes»...

Filho de Almeida, que sobre a «*Luz forte da Verdade queria ver o manto diafano da fantasia*» foi-se, com as suas theorias *fantasistas*, de envolto com o seu monóculo de palaciano...

E, aqui, nesta Coimbra, *lendarte e meiga*, como lhe chamou Antonio Nobre, nesta terra de senhores doutores, empantufados, na flogica prosapia de serem *alguem*, mais que os outros, que o não sejam... surge uma *cançoada*, *animais hipocritas por excellencia*, a quèrerem morder na gente!

E', na sua estrutura, a teoria de Darwin, que constata ser o homem descendente do macaco

Será!...

Mas tambem o burro se chamava, na prehistoria, o *ondro*, era essa a sua classificação zoológica!

E é certo que ha, por ai, tanto macaco e tanto burro, que não temos *Jardim Zoologico* para os meter... na ordem.

Adiante, e lá iremos...

ANGELO DE MELO

Lucio Vidal

Por absoluta falta de espaço não temos podido publicar um brilhante artigo que temos na redacção deste nosso querido correligionario, e distincto colaborador.

Com a nossa desculpa, prometemos ao nosso presado amigo publicarlo em o proximo numero de a Resistencia.

Falta de espaço

Tambem por falta de espaço e de tempo para se compôr não publicamos hoje um artigo da Redacção sobre assuntos da Universidade.

Parabens

Damo-lhes e muito sinceros os parabens ao nosso amigo e dedicado correligionario sr. Francisco Alves Coelho, pelo exame do 2.º grau feito pela sua querida filha, Franca Rosa Lehmann Coelho, que no dia 7 assigna completou brilhantemente o seu ano escolar.

Pela instrucção

O nosso presado amigo e assinante, Sr. Miguel M. da Silva, distincto professor da «Escola Movellos Terreiros, concelho de Póiares, apresentou, este ano lectivo, 22 alunos a exame do 1.º grau, obtendo o seguinte resultado: 6 ótimos 7, bons, 7 suficientes, 1 adiado e 1 em falta, por doença comprovada.

Não poderão ser mais lisongeiros os resultados obtidos pelo nosso illustre correligionario, a quem felicitamos com jubilo pelo brilhante exito obtido pelos alunos que tão proficientemente apresentaram os exames.

E a petizada, que receba tambem os parabens da Resistencia.

Exame

Fez exame do 2.º grau ficando plenamente aprovado o menino Antonio dos Santos, intelligente filho do nosso amigo e conceituado industrial Joaquim dos Santos, a quem apresentamos os devidos cumprimentos por tal motivo.

Sociedade

Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade os nossos presados amigos e correligionarios drs. Henrique de Carvalho e Marques Ferrer, distintos advogados e respectivamente, official do Registo Civil e notario em Miranda do Corvo, que veem fazer tirocinio para officios militares do exercito.

— Igualmente esteve nesta cidade, de passagem para Penela, o distincto official do exercito e nosso amigo sr. Victorino Peres Furtado Galvão.

— Vimos nesta cidade o nosso amigo e assinante, José Casimiro Guedes Poesó, intelligente e digno secretario da Administração do concelho de Penacova, a quem abraçamos com o prazer dos velhos amigos.

TRADUÇÃO DO FRANCÊZ POR G. REGO

Os serviços administrativos no Exército Francês, durante a guerra-europeia

Armazens da intendencia

Deixemos os trens de abastecimento rolando para a estação-armazem.

Como o nome indica este orgão é composto de armazens situados perto de uma gare e ligados pela via ferrea por entroncamentos guardados de cais de embarque.

As estações-armazens servem para manter disponíveis, a uma distancia pouco consideravel do teatro da guerra, aprovisionamentos de toda a espécie e constituem um regulador indispensavel dos movimentos do material do exercito.

Muito naturalmente, estes armazens, não são improvisados; desde a paz que tem sido montados a maior parte; entretanto, a guerra, tem aconselhado a supressão de alguns d'entre os quais citaremos o de Meaux, Chateau-Thierry e a creação de outros, Moulins, Nantes, Mans, etc., o que já não é coisa de pouca importancia, para aprovisionar rapidamente esta massa de homens.

As estações-armazens compreendem material de toda a especie, mas, o seu papel é sobretudo importante sob o ponto de vista do serviço da intendencia.

Cada uma delas é destinada a servir um effectivo variavel segundo a sua importancia, de 50.000 a 300.000 homens.

O que se vê numa estação-armazem, servindo 100.000 homens.

Fabrico do pão. — Visitando entre outras, uma estação-armazem fornecendo 100.000 homens, nota-se o seguinte:

Nesta colmeia em actividade constante, no meio de homens com barrete de policia e blusas, da circulação das viaturas, do recalamento dos vagon, do resfolegar dos motores electricos accionando os diversos motores de carregamento e de manutenção, o que chama particularmente a attenção, são as filizes inteiras de massiços feitos com material de construção, com a sua respectiva chaminé por onde, dia e noite, se escapa o fumo, as chamas e as faúlhas. São os fornos onde se cozem incessantemente os pães redondos, chamados «bolos de sementes» se bem que eles sejam fabricados com farinha alva cuidadosamente peneirada, não tendo nada de comum com a composição quimica do pão K. K.

Junto destes fornos alinham-se barracões rectangulares. No andar superior alojam-se os sacos de farinha, que se despejam no andar inferior, por meio de escoantes, no amassadouro, onde as equipes de padeiros preparando as ferramentas, voltelam as massas para cozer e aproveitando os restos das amassadeiras, põem em laboração as al-

vancas de aço dos amassadores mecanicos.

O exercito francez contava o ano passado 48 fornos cozendo em uma só fornada 100 pães redondos de 3 libras de peso, quer dizer 1.200 rações de 750 gramas ou seja 9.600 rações vulgares.

As 100.000 rações a obter demandam de 10 a 12 fornadas e como cada fornada exige pelo menos 2 horas (aquecimento do forno, fornada e limpeza posterior do forno), é indispensavel que o trabalho seja mantido, sem interrupção, dia e noite. Para este fim, constituem-se equipes de forneiros que trabalham em brigadas alternadas; quer dizer, que uma equipe diurna e outra nocturna trabalham cada uma 12 horas consecutivas.

Cada equipe comprehende 4 ou 5 homens por forno; para os 48 fornos aquecidos simultaneamente, é preciso trabalharem perto de 250 padeiros, enquanto que a outra equipe de 250 padeiros noturnos descançam em barracões para esse fim arranjados.

Para produzir os 75.000 quilos de pão necessarios para cada dia, para 100.000 homens, é necessario empregar 60.000 quilos de farinha e queimar 20.000 quilos de lenha.

Quando a fornada está pronta os «bolos de sementes» sahem do forno e são transportadas á padaria onde são collocados alinhados nos taboleiros de ressução. Não pode distribuir-se o pão fresco, é preciso deixa-lo esfriar e perder a humidade, durante 36 horas.

O pão fabricado na estação-armazem, chama-se «abiscoitado» porque em lugar de ficar no forno 45 minutos, está uma hora e meia. Esta cozedura prolongada permite conservar o pão, pelo menos, 15 dias, sem perigo de estrago.

É preciso não confundir este pão com o «pão de guerra». Este ultimo alimento é fabricado nas padarias do interior sob a forma de bolazinhas ponteadas que as crianças conhecem pelo nome de «biscoito de soldado». O pão de guerra não entra na alimentação diaria, mas, sómente, nos viveres de reserva pela razão do seu volume muito reduzido que permite o seu acondicionamento nas mochilas e o sua relativa conservação.

É curioso ver-se o carregamento dos vagon de pão, que vão partir para a frente da batalha. São vagon de mercadorias cobertos, cuidadosamente guarnecidos de palha; o carregamento faz-se de mão a mão começando pelas duas extremidades á vez; os pães são cuidadosamente empilhados segundo as regras da arte em numero de 2.500 a 3.000 por cada vagon; o envio diario para a frente de pão para 100.000 homens, occupa nada mais, nada menos de 30 vagões ou seja a metade de um comboio.

Continua.

Mulheres de Portugal

Conferencia por Raul Pousão Ramos

(Conclusão)

Na Africa, é D. Isabel de Castro, lutando no cerco de Alcanec contra o rei de Fez. E' D. Isabel Galvão pelejando em Ceuta contra os mouros. E' D. Maria Ursula, batallando em Amboná. E' Antonia Rodrigues, vestindo-se de homem e celebrando-se em Mazagão, sobberba e intrepida. E quantas e quantas outras nos legaram lições de bravura e de patriotismo.

Mas não esqueçamos a linda portuguesa D. Leonor da Fonseca Pimentel que, ao aproximar-se o inimigo de Napolés, canta o hino da Liberdade com tanta inergia e elevação, que todo o povo se arma contra o proximo invasor.

Senhores! — uma patria que viu nascer em seu seio ditos tanta beleza, tanto heroismo, tanta fé, tanto amor e tanto patriotismo, não pode deixar de confiar nas suas gloriosas tradições, não pode acreditar que as mulheres do Portugal de hoje traíam o seu dever de portuguesas, esquecendo tão belos e tão nobres ensinamentos, exemplos tão altruís-

tas de coragem e de audacia, de fé e de abnegação. Já o disse e hoje repito: Com os olhos postos na Historia, não haverá mulher portuguesa que na hora presente, deixe de emitir o gesto altamente nobre e patriótico de Filipa de Vilhena em 1640, armando por suas proprias mãos seus filhos cavaleiros.

Mas nem somente a bravura dignificou e immortalizou a mulher portuguesa. O seu amor pelo Belo foi também grande.

As Safos portuguesas são inumeras em todos os tempos.

Do seculo XVI para cá não tem conto as senhoras portuguesas que tem disputado palmas aos trovadores mais inspirados,

D. Joana da Gama, autora illustre dos Ditos de Freyra, tem versos lindos, melodiosos do mais requintado sentimentalismo. Tereza Margarida da Silva e Horta, escreveu um poema epico-tragico com estancias duma fatura camoneana. A freira D. Leonor de Mendonça, deixou discursos duma grande filosofia mística. Outra freira, soror Violante do Ceu, escrevendo comedias, as Rimas Varias e a Parnaso Lusitano. Foi uma poetisa distinta. Ainda outra freira, D. Feliciano de Milão, escreveu conceituosas decimas, re-

passadas de fina ironia. A Infanta D. Maria, tão gabada por Luiz de Camões, foi também não só uma linda senhora mas um formoso talento.

Na filosofia e nas matematicas foram também em grande numero as mulheres portuguesas que se evidenciaram, e entre outras D. Constancia Freire, D. Joana Micæla, D. Umbelina de Tavora, D. Leonor de Menezes e a condessa de Serem e de Albuquerque.

Não faltam também na pintura e na arquitetura nomes illustres de senhoras de Portugal. Na primeira destas artes, distinguiram-se a freira Maria da Cruz, D. Joaquina Waltmar, Luiza Maria Rosa, a Duquesa D. Ana de Lorena e Josefa d'Obidos, que deixarem telas admiraveis, de raro valor.

Na escultura teve Portugal duas artistas sublimes: Inácia de Almeida e a Duquesa de Palmela.

E não acabaria de citar nomes, se o tempo m'o permitisse e a vossa paciencia — Senhores, — se não exgozasse.

Tal é a Patria, tais são os filhos deste torrão bendito que o Kaiser apóda de negros selvagens do Occidente, de rebotalho da civilização! Nós, que lhe demos a essa Alemanha e despota, a civilização que teve e a fez grande — e não digo a que tem, não falo dessa já agora famosa Kultur, porque sentiria ruborizar-se-me as faces de vergonha e de asco.

Quem ensinou a essa Alemanha desmemoriada o caminho das Indias, da Africa, do mundo inteiro? Foram por ventura os barbaros assassinos da pobre da Belgica, da inditosa Servia.

Não! Fomos nós, os negros selvagens do occidente, o rebotalho da civilização! Ah! Senhores! que magoa, que tristeza faz, vermos irmãos nossos, portugueses, por mesquinhos praticarismos politicos, andarem transviados do bom caminho, grunhindo infamias somente sobre os que combatem pela causa justa do Direito e da Razão, mas ainda, mais infamemente, sobre a Patria que lhes foi berço e é sagrada! Essas creaturas já não merecem a nossa compaixão: o chicote é pouco, a ponta da bota quasi nada! O desprezo? Pois seja.

Vivamos ao desprezo. Deixemos os grunhir, a esses serdos de má-morte. Em compensação façamos nós, os amigos e os admiradores da luz da França, do cavalheirismo e da lealdade da Inglaterra, do heroismo da Belgica e do martirio da Servia, por ajudal-os a vencer, seja como for, cada um de sua maneira, mas com o mesmo entusiasmo e a mesma fé, para o triunfo pleno da Liberdade, da Razão e da Justiça!

Que as mulheres da minha terra, desta heroica Patria Portuguesa, guardem as lagrimas para o regresso, para depois da victoria: elas terão redobrado sabor: o do dever cumprido e o da gloria ganha por seus filhos, por seus irmãos, por seus noivos, a rasgos de fé e de audacia.

Vivam as mulheres de Portugal! Viva a Patria!

I. M. P. n.º 10

Não se realizaram no ultimo domingo, as provas finais da sociedade de I. M. P. n.º 10, por ter sido determinado pela Secretaria da Guerra, que este ano não houvesse ferias e portanto a instrução continuasse nos mezes de agosto e setembro.

Por este motivo as provas finais realizar-se-hão este ano no primeiro domingo de outubro, dia em que deve ter logar a parada geral dos diversos nucleos da I. M. P.

Sem embargo, os briosos rapazes que compõem aquela Sociedade, ao rufar dos tambores, no domingo, mostraram, se bem que em simples marcha, de quanto serão capazes nas suas provas finais! E temos a certeza de que hão-de levantar o prestigio do seu digno instrutor, Luiz de Carvalho, nosso presado amigo e que é um fanático pelas coisas militares a que dedica todo o seu amor patriótico.

Alviçaras

Dão-se a quem entregar na administração do nosso jornal, uma medalha com aros d'ouro de forma oval e com um retrato duma senhora e outro de creança.

AD SIDERA

Na primavera da vida, contando apenas 19 anos e vitimado por uma congestão cerebral, acaba de desaparecer o nosso conterraneo Adriano Antonio d'Oliveira, filho estre-mecido do sr. José Antonio d'Oliveira, habil entre os habeis pirotecnicos da nossa terra.

O desventurado mancebo que era duma extrema modestia, querido por todos que com ele privaram era, um artista de merito, por assim dizer o braço direito de seu pae. Faz pena ver assim desaparecer quem tanto se distinguu e tão mção, do numero dos vivos.

O seu funeral foi uma sentida manifestação funebre do apreço em que era tido: e, nele se incorporaram centenas de pessoas, a Sociedade de I. M. P. n.º 10, guardas da policia e outras entidades, incluindo creanças.

O feretro, encerrado numa rica urna de mogno, ia coberto com a bandeira nacional e conduzia a chave o illustre capitão Luiz de Carvalho, digno director e instrutor da Sociedade a que o finado pertencia.

Sobre o feretro foram depostas as seguintes corôas:

Corôa de violetas, miosotes e rosas com a seguinte dedicatória: — A Adriano José de Oliveira, oferece as suas vislinhas e admiradoras, Olivia Berardo, Amelia Berardo, Isabel Machado, Maria Machado, Mabilia Braga, Adelia Batalhão e Dina Batalhão.

Corôa de violetas e crisantemos — Ultima homenagem — A Adriano José d'Oliveira, oferece a sua visinha Maria Julia da Silva.

Corôa de violetas, amores perfeitos e rosas — Saudade — Ao nosso amigo Adriano, oferece a familia de José Dias dos Santos Jorge.

Corôa de rosas, violetas, crisantemos e miosotes — Ao seu chorado amigo Adriano José d'Oliveira, oferece como prova de eterna amizade, — Francisco Berardo (filho), João Machado Junior, Joaquim Rodrigues dos Santos, José Graça Junior, José Monteiro e Simão Domingos da Costa.

Corôa de violetas, martirios, lirios, begonias e fetos — Ao desventurado Adriano José d'Oliveira — Homenagem da casa Domingos Duarte & C.ª Succ.ª, Porto.

Corôa de violetas, crisantemos e lirios — Ao nosso Adriano — Ultimo adeus de seus pais, manos e cunhad- os — José Antonio d'Oliveira, Mariana da Conceição Oliveira, Antonio, Delmira, José Sofia, Emídio, Francisco e Carminda.

Corôa de violetas, malmequeres, rosas, lirios e bigonias — Ao seu chorado amigo Adriano d'Oliveira, oferece Raul Figueiredo.

Corôa de flores natuaais — Ao filho do nosso patrão, oferecem os seus operarios.

Uma palma de rosas, crisantemos e amores perfeitos — Ao Adriano eterna saudade dos seus tios Maria, Joaquim e João.

Bouquet de rosas e miosotes — oferece ao seu saudoso amigo Adriano José d'Oliveira, Luiz Moraes Pires, como prova de eterna saudade.

Bouquet de lirios, rosas e miosotes — Ao seu nunca esquecido amigo Adriano José d'Oliveira, oferece João Rodrigues.

Bouquet de crisantemos, miosotes e lilazes — Ao filho do nosso patrão oferece Joaquina, Olinda e Rita.

Boquet de lilaz, lagrimas e rosas — Em tes.ª de eterna gratidão oferece João Maria Figueira.

Bouquet de lilaz, botões de rosa e miosotes — Ao nosso companheiro de trabalho, oferecem Emilia, Virginia e Palmira.

Bouquet de rosas, malmequeres e lilaz — Ao saudoso Adriano, oferece Mariana dos Santos Jorge.

Uma palma de flores naturais — Ao meu visinho Adriano, oferece Maria da Graça Craveiro.

Aos desolados pais e a seu cunhado sr. Francisco Caetano, nosso illustre correligionario, a seu irmão sr. Antonio José d'Oliveira, fiscal da Companhia de Tabacos, em Vila Real, apresentamos a expressão sincera do nosso pezar pelo infausto acontecimento.

(2.ª publicação)

Editos de 30 dias

Na comarca de Coimbra e cartório do escrivão Rocha Calisto correm editos de trinta dias que começam naquele em que se publicar o respectivo 2.º ultimo anuncio a citar a coherdeira Tereza de Jesus e marido, cujo nome se ignora, ausentes em parte incerta para os lados de Lisboa, para todos os termos até final do inventario de menores a que se procede neste juizo por óbito de seu pai e sogro Manuel Pedro morador, que foi no logar dos Carvalhais de Baixo freguesia de Assafarge, casado que era com Maria Santa, aí moradora, e em que funciona como cabeça do casal seu filho Manuel Pedro Junior, casado, morador acolá.

Coimbra 3 de Agosto de 1916.

O escrivão,

Gualdino Manuel da Rocha Calisto.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, Sousa Mendes.

(Éditos de 30 dias)

Tribunal Comercial de Coimbra

(2.ª Publicação)

No juizo comercial da comarca de Anadia e cartório do escrivão do quarto officio privativo do commercio da dita comarca, correm seus termos uns autos d'acção commercial, em que é autor Justino de Sampaio Alegre, casado, negociante de Anadia, e réus José Dias Bera, Antonio Dias Bera, solteiros, Manuel Malva Rangel, casado, todos proprietarios, do logar de S. Martinho d'Arvore, comarca d'Anadia, no qual o autor pede a quantia de 175\$00, conforme a letra sacada em 5 de novembro de 1913 e pelos réus aceite, a pagar em Anadia ao autor em 24 de fevereiro ultimo, cuja letra serve de base á mesma acção e juros legais desde o vencimento, despezas de protesto, custas e procuradoria. E, procedendo-se á mesma citação, verificou-se que os réus Antonio Dias Bera, Manuel Malva Rangel, se encontram ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, por isso correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, citando os referidos Antonio Dias Bera e Manuel Malva Rangel, para na segunda audiencia que começará a contar-se do sexto dia depois das citações virem assinar termo de confissão ou negação de suas firmas, sob pena de não comparecendo, serem logo condenados verbalmente. As audiencias no juizo commercial d'Anadia, fazem-se todas as segundas e quintas feiras, por dez horas, não sendo dia de feriado, porque sendo-o, fazem-se nos dias immediatos, no tribunal comercial da dita comarca, sito á praça Candido dos Reis.

Coimbra, 8 de julho de 1916.

O escrivão,

Alfredo da Costa Almeida Campos.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente, Sousa Mendes.

CASA LONDRES

DE
Antonio Marques

62, Rua Ferreira Borges, 68 — Coimbra

Alfaiataria

Camisaria

Completo sortimento

CONTRA-MESTRE
HABILITADISSIMO

DE
Gravatas e Camisas

Pede-se que visitem esta casa

DROGARIA

Productos quimicos e especialidades farmaceuticas

Aguas Minerais

ARTIGOS de PINTURA — Tintas, pinceis,
vernizes, etc.

Perfumarias

PAPELARIA

Grande variedade em artigos de papelaria,
desenho e escritório

Artigos fotograficos

Nesta casa ha sempre um variado sortido em todos os artigos
para fotografia.

Aparelhos fotograficos desde 100

Sempre novidades em papeis

Grande sortido em cartões

Ha sempre catalogos das casas fornecedoras e fornece todos
os aparelhos pelos preços dos catalogos.

Manuel Pereira Marques

33, Praça 8 de Maio, 36
COIMBRA

Os mais lindos POSTAIS

Vendem-se na

TABACARIA E PAPELARIA

Crespo

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita, Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 — 27, R. Ferreira Borges. 29 — COIMBR

MOURA MARQUES

LIVREIRO-EDITOR

COIMBRA — PORTUGAL

Depositario em Coimbra:

Das livrarias « Aillaud, Alves & C.ª, « A. M. Teixeira », Magalhães &
Mönlz, limitada e das edições das extintas empresas literarias:
Tomaz Bordalo Pinheiro, e A Editora, hoje propriedade da casa
Aillaud, Renascença Portuguesa e das obras do falecido conse-
heiro Dias Ferreira, Cod. civil, 4 vols.—Cod. do proc. civ., 3 vols.
— Novissima reforma judiciaria, 1 vol.

Ultimos novidades:

Alves dos Santos — *Filosofia scientifica*, 1 vol. \$80.
Manuel de Noronha — *Nun' Alvares, Heroe e Santo*, 1 vol. \$50.

Eduardo Ferreira Arnaldo
SOLICITADOR

Encarrega-se de todos os ser-
vicos judiciais e cobrança de
dividas.

Rua da Sofia 33 — 1.ª
COIMBRA

ANTONIO DAS NEVES ELISEU

Pintor decorador
COIMBRA

A Industrial Decorativa

Escritório das oficinas
e casa de vendas, Rua da Sofia, 38 a 40
Telefone n.º 565

OFICINAS

DE
Pintura, Escultura

E
Douradura

Rua da Manutenção Militar, n.º 3

Fabrico de imagens em madeira
e barro, andores lisos e de talha dou-
rada.

Pintura e encarnação de imagens.
Carros alegóricos e ornamentações
de fantasia para recepções, saraus, bai-
les e outras solenidades civicas e re-
ligiosas.

Aluguer de coretos, arcos triunfais,
colunas e vários objetos ornamentais
em pasta.

FABRICO EM CARTÃO ENDURECIDO

DE
BRAÇOS ORNATOS PARA TETOS, ETC.

OFICINA

DE
Pintura de carruagens

E
Automoveis

RUA DA NOGUEIRA — 36

OFICINA DE SERRARIA

Rua da Nogueira — 6

Companhia de Seguros "O FUTURO,"

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

CAPITAL

Um milhão de escudos

1.000.000\$000

SÉDE EM LISBOA

R. do Mundo (Entrada pela T. da Espera, 8)

Telefone 2771

Endereço telegrafico: FUTURO

AGENTE EM COIMBRA

EDUARDO GOMES

Rua da Sofia

Efectua Seguros contra o risco de incendio, Maritimos incluindo risco de Guerra,
Grèves ou Tumultos e Postaes

Augusto Pais Martins dos Santos

Celas — COIMBRA

Completo sortido
de todos os artigos de mercearia

Vinhos e tabacos

PREÇOS SEM COMPETENCIA — VENDAS A DINHEIRO

Dão-se BONUS de 2 %o, pago em fazendas, em troca
de senhas, no valor de 50\$00 esc. (50\$000 réis), forne-
cidas pela casa.

Botequim Recreio de S.º Antonio

CAFÉ E MERCEARIA

A casa que mais barato vende em S.º Antonio dos Olivais
Especialidade em Café e Chá.
Bebidas nacionais e estrangeiras.

Petiscos a toda a hora

Vinho verde e maduro de 1.ª qualidade

VAGO

ESPINGARDARIA CENTRAL

AMANDIO DA COSTA NEVES

Sucessor de Clemente Ribeiro dos Reis

Espingardas, revolvers e pistolas. Polvoras. O maior
sortido de artigos para caçadores. Artigos para sport.
Munições de caça e tiro. Reparações em armas. Atreios
para cavalaria e trens. Malas para viagem, Fundas,

COIMBRA

105 — Rua do Visconde da Luz — III

TELEFONE N.º 604

Farmacia Gomes

Olivaie — COIMBRA

Escrupuloso aviamento de
receituário a qualquer hora.

Variado sortido de especia-
lidades e medicamentos novos.

VAGO